





COSACNAIFY

DECA

ME
E

GIOVANNI
BOCCACCIO

RON

Dez novelas selecionadas, traduzidas e anotadas por

MAURÍCIO SANTANA DIAS

com ilustrações de

ALEX CERVENY

SUMÁRIO

[INTRODUÇÃO. O mundo que Boccaccio inventou](#)

[Novela de Ciappelletto da Prato](#)

[Novela de Andreuccio da Perugia](#)

[Novela de Masetto da Lamporecchio](#)

[Novela de frei Alberto da Imola](#)

[Novela de Nastagio degli Onesti](#)

[Novela de Federigo degli Alberighi](#)

[Novela de Guido Cavalcanti](#)

[Novela de Peronella](#)

[Novela de Calandrino](#)

[Novela de Natan do Catai](#)

O MUNDO QUE BOCCACCIO INVENTOU

Maurício Santana Dias

QUANDO GIOVANNI BOCCACCIO começou a escrever o *decameron*, a europa tinha acabado de ser devastada pela peste negra de 1348. O quadro geral de *triunfo da morte*, que produziu tanta iconografia na Baixa Idade Média, é o que domina a introdução de sua obra-prima, escrita entre 1349 e 1351 (ou 53) e considerada o marco inaugural da prosa de ficção no Ocidente. Assim, o grande livro das “dez jornadas” ou “cem novelas” nasce de um duplo impulso: fazer o luto dos mortos – durante a peste, Boccaccio perdeu o pai, a madrasta e muitos amigos – e celebrar a vida que prossegue e se regenera.

A estrutura do *Decameron* é extremamente complexa e está bem distante das antigas compilações de novelas que lhe antecederam, como o *Novellino*, recolha anônima de breves contos, ainda muito próximos dos *exempla*, que circulou na Toscana em fins do século XIII. Seu salto em relação àquela literatura é sem dúvida gigantesco, tanto que Erich Auerbach pôde afirmar em um célebre capítulo de *Mimesis*, dedicado à novela de frei Alberto, que de tudo o que “for procurado em tempos anteriores” nada “é comparável a Boccaccio; somente com ele o mundo dos fenômenos sensíveis é inteiramente dominado, ordenado segundo uma consciente convicção artística e apreendido pela linguagem”, concluindo que, com Boccaccio, surge “a primeira prosa literária da Europa posterior à Antiguidade”.¹

Após um breve “Proêmio”, o *Decameron* se inicia com uma descrição minuciosa do avanço da peste em Florença, cidade das mais atingidas pela epidemia. O autor se detém em seus primeiros sintomas – as erupções na pele dos infectados –, observa as casas de portas trancadas e marcadas por um sinal a indicar que ali havia doentes e, finalmente, expõe os corpos em decomposição espalhados pelas ruas. Hoje se sabe que aquelas descrições tão vívidas foram em boa parte baseadas numa fonte medieval, a *Historia langobardorum*, escrita por Paulo Diacono nos anos 787-89. Do mesmo modo, o título *Decameron* (em grego, “dez jornadas”) se inspira no *Hexameron* de Santo Ambrósio, no qual são louvados os seis dias da criação. Mas isso em nada diminui a capacidade criativa de Boccaccio, ao contrário: como bom autor medieval que era, ele reelaborava

textos das mais variadas tradições – os clássicos latinos, especialmente Ovídio e Apuleio, os *fabliaux* franceses, os relatos orientais que circulavam no Mediterrâneo, as novelas de cavalaria, a poesia de amor cortês e *stilnovista*, os *cantari* populares, as crônicas dos contemporâneos, Dante etc. etc. – e os transformava em outra coisa. A grande novidade de seu livro está precisamente no modo como ele deu forma a essa outra coisa.

Grupo dos dez noveladores sentados em círculo e, em primeiro plano, uma criada à beira da fonte.
Ilustração de Boccaccio em manuscrito transcrito por Giovanni d'Agnolo Capponi na década de 1360.
Códice Italiano 482, Biblioteca Nacional de Paris.

AINDA NA “INTRODUÇÃO” ao livro, o autor põe em cena as personagens que vão constituir a “moldura” romanesca dentro da qual as cem novelas serão narradas. Sete jovens damas e três cavaleiros se encontram por acaso na igreja de Santa Maria Novella, a mesma que hoje se avista quando se sai da estação ferroviária de Florença. As mulheres estavam ali em busca de abrigo e proteção divina, até que uma delas propõe às amigas uma fuga de Florença para as colinas próximas, ainda preservadas da peste. Todas concordam com a ideia, mas como um grupo de jovens mulheres se deslocaria até lá sem a companhia de cavaleiros que as defendessem em caso de algum ataque? É então que aparecem os três jovens nobres, que prontamente aceitam o convite. Os dez, então, acompanhados de sete criados, partem para uma *villa* senhoril afastada da cidade e ali poderão, em alguma medida, reconstituir o modo de vida que levavam até o caos instaurado pela doença. Em meio ao inferno sombrio de Florença tomada pela peste, abre-se então uma clareira, o *locus amoenus* que tornará possível o esquecimento da morte por alguns dias.

O final da “Introdução” mostra os hóspedes já instalados em seus aposentos e prontos a passar o tempo em companhia. Mas como o farão? As regras do convívio social que haviam sido desorganizadas pela epidemia começam a se reorganizar entre os dez jovens, que de comum acordo estabelecem uma série de rotinas a serem seguidas por todos, fazendo valer, pelo menos ali, a ordem de uma civilização – civilização típica das aristocracias da Baixa Idade Média – que fora desbaratada pelas forças da natureza. Dentre as normas adotadas, a principal delas – e a que “produzirá” o livro – instituía que todos, após a sesta da tarde, se reuniram próximos a uma fonte, sob a sombra das árvores, para contar histórias até a hora da ceia.

ANTES DE TER escrito o *decameron*, boccaccio foi um prolífico autor em língua

vulgar. A partir da década de 1330, escreveu poesia lírica, poemas narrativos e épicos, longos ciclos em prosa e um romance psicológico, quase todos numa tentativa de imitar e emular modelos antigos ou medievais. A maioria dessas obras foi escrita ainda em Nápoles, cidade para onde o adolescente Boccaccio se transferiu de Florença em companhia do pai, Boccaccino di Chellino, importante funcionário da família Bardi, que mantinha casas comerciais e bancos na corte napolitana dos Anjou. Pressionado pelo pai a seguir a carreira comercial e, depois, os estudos de direito canônico, Giovanni logo se afastou dessas atividades para seguir sua vocação mais forte, ou seja, a literatura, como ele mesmo declarou em muitos de seus textos.

Em Nápoles, onde passou seus anos de aprendizado entre 1327 e 1340, vivendo intensamente tanto a vida da corte quanto a dos mercados populares – de que é um vivo exemplo a “Novela de Andreuccio da Perugia” –, Boccaccio se dividiu entre as atividades na casa Bardi e a frequência de um círculo intelectual que incluía filósofos, teólogos, mestres de retórica e o jurista e poeta Cino da Pistoia (1270-1337), amigo de Dante e o mais jovem dos *stilnovistas*, que muito influenciaria a lírica de Francesco Petrarca (1304-1374). Cino certamente foi decisivo na formação de Boccaccio e no culto que o jovem literato-comerciante passou a devotar a Dante, de quem viria a ser o primeiro biógrafo e comentador.

No entanto, no final de 1340, a casa Bardi entra em falência e Boccaccio retorna a Florença, passando longos períodos na casa natal de Certaldo, cidadezinha a poucos quilômetros da capital da Toscana. É quando escreve aquele que é considerado o primeiro romance psicológico da literatura europeia,² a *Elegia di Madonna Fiammetta*. As dificuldades financeiras o levaram a dedicar-se ao trabalho de copista, ofício que praticamente se extinguiu com o advento da imprensa de Gutenberg, transcrevendo e iluminando grande quantidade de manuscritos antigos e medievais. Aliás, Boccaccio foi o responsável pela descoberta de importantes textos da Antiguidade que estavam esquecidos na abadia de Montecassino, como o *De lingua latina*, de Varrão, a *Pro Cluentio*, de Cícero, e as *Historiae* de Tácito. Pode-se então dizer que Boccaccio foi quem melhor soube condensar, em prosa de língua moderna, os modelos da tradição clássica e medieval com as tendências renovadoras de uma cultura que se tornaria cada vez mais laica.

POR TUDO ISSO, e sobretudo pela criação do *decameron*, *boccaccio* foi considerado, ao lado de seu mestre Petrarca, o iniciador do humanismo europeu, tendo aberto caminho à Renascença da passagem dos séculos XV ao XVI. A crítica e a historiografia românticas do século XIX, Jacob Burckhardt e Francesco de Sanctis à frente, logo trataram de enfatizar a *modernidade* de Boccaccio, fazendo de sua obra um divisor de águas entre uma cultura medieval eminentemente religiosa, vista como a “Idade das Trevas”, e uma cultura já libertada dos dogmas da Igreja e aberta aos progressos da Razão. De Sanctis, por exemplo, costumava chamar a obra-prima boccacciana de “comédia humana” em nítida contraposição à “divina comédia” de Dante, modelo máximo daquela cultura medieval que estaria sendo superada, num movimento de ruptura sem volta, por Boccaccio.

Hoje sabemos que as coisas não eram assim tão separadas, que a obra boccacciana antecipou, de fato, muito da modernidade laica, mas se manteve firmemente arraigada aos modelos medievais. Tanto é que o mais importante estudioso de sua obra, Vittore Branca, bem à maneira do autor do *Decameron*, apropriou-se da fórmula desanctisiana e lhe adicionou um corretivo emprestado ao historiador Johan Huizinga: o *Decameron* seria, então, a “comédia humana do outono da Idade Média” ou, ainda, a grande “epopeia mercantil”. A insistência de Branca em um *Boccaccio medievale*, título de seu livro de 1956 reeditado sucessivamente até 1996, não pretendia absolutamente desmerecer ou minimizar as inovações do escritor toscano, mas mostrar como muito do que se imaginava que fosse invenção de Boccaccio era, de fato, uma cuidadosa reelaboração de fontes sobretudo tardo-latinas e clássicas. E é no modo de se apropriar, reescrever e reconfigurar o enorme arquivo do passado que Boccaccio acaba inaugurando uma nova tradição, que terá impacto decisivo em autores como Chaucer, Shakespeare e Cervantes, para não falar dos mais modernos.

VOLTANDO ÀS SETE damas e aos três cavalheiros reunidos à sombra das árvores, os nomes de quase todos eles derivam de obras anteriores de Boccaccio, numa espécie de autocitação deliberada: Fiammetta (a musa do escritor), Pampinea (a mais velha do grupo, idealizadora da fuga de Florença), Filomena, Emilia, Elissa, Neifile, Lauretta (alusão à musa de Petrarca), Filostrato, Panfilo e

Dioneo. Cada um deles tem certo temperamento, uma propensão a narrativas ora mais melancólicas (as de Filostrato, que em grego seria o “arrasado pelo amor”), ora ingênuas (as de Neifile, a “novata no amor”), ora licenciosas (as de Dioneo, o “luxurioso”). Mas Boccaccio foge aos esquematismos e consegue não transformar seus narradores em meras alegorias de ideias preconcebidas, o que dá mais vida e mobilidade aos relatos.

Quem propõe as regras que irão pautar o convívio entre todos os personagens-narradores e os sete servos é Pampinea, eleita a rainha da primeira jornada. Em seguida, a cada dia, o reinado passará em rodízio a todos os integrantes do grupo. A propósito, é importante notar, já desde a liderança de Pampinea, o protagonismo que as mulheres vão exercer tanto na “moldura” romanesca do livro quanto nas narrativas que se sucedem ao longo das dez jornadas. A começar pelo fato de que a voz narrativa será preponderantemente feminina (setenta novelas das cem são narradas por mulheres), mas também porque os temas abordados tendem frequentemente a revelar a argúcia das mulheres (ou uma “virtude”, se não católica, muitas vezes maquiavélica *avant la lettre*), o que levou Boccaccio a ser acusado de filoginia, imoralidade e incentivador dos vícios humanos. Em resposta a esses ataques, o próprio autor toma a palavra na introdução da quarta jornada e, a título de ilustração de suas teses, narra uma “meia novela” em que a natureza termina por vencer a vontade de um pai que, tendo isolado o filho de todo o convívio social a fim de transformá-lo num homem casto e santo, acaba vendo o rapaz fascinado com a beleza das florentinas.

ESSE APELO DA natureza, do mundo fenomênico, é intensamente percebido e elaborado pela prosa realista do *Decameron*. Nesse sentido, se a *Divina Comédia* de Dante obedecia a um percurso obrigatoriamente ascensional, o *Decameron* será uma deriva contínua pela superfície do mundo – e de um mundo que se dilata geograficamente, expandindo-se da Itália para o norte da Europa, do Oriente Médio ao Extremo Oriente. Além disso, os personagens de Boccaccio – com raras exceções, como a dupla espectral que surge na “Novela de Nastagio degli Onesti”, numa clara evocação do Inferno dantesco – estão todos bem vivos, sua existência está inteira por fazer-se, em aberto. Na *Divina Comédia* de Dante,

ao contrário, a vida já se transformou em destino.

No entanto, a deriva pela superfície do mundo não deixa de obedecer a um traçado muito bem calculado pelo autor. Sob o aparente acúmulo das histórias, pautadas apenas pelo tema do dia – com exceção da primeira e da nona jornadas, todas têm um tema preestabelecido pelo rei ou rainha de turno –, vai-se delineando um desenho cheio de simetrias, de pesos e contrapesos, uma trajetória tortuosa que percorre, com seus altos e baixos, os extremos entre a danação e a salvação. Não por acaso a primeira novela do livro, a de Ciappelletto da Prato, trata de um pecador que escarnece de todos os valores cristãos (Branca sustenta que Ciappelletto seria uma alegoria de Judas), e a última, a de Griselda, se detém na imagem da extrema virtude feminina (que seria, segundo Branca, uma alegoria da Virgem). Ainda que não se aceite essa interpretação alegórica, o fato é que todas as cem novelas estão inseridas numa moldura, ou melhor, numa totalidade em que se dará um grande embate entre, de um lado, a virtude e os vícios humanos e, de outro, a fortuna.

POR ISSO AS grandes forças que movem o *decameron* de boccaccio são o *amor* e o *engenho* humanos. Diante do imponderável da fortuna, são essas virtudes, ou a ausência delas, que conduzirão o destino dos personagens: é o engenho de Masetto que o tornará um homem feliz e que fará a felicidade amorosa de suas freiras; assim como é o amor de Federigo degli Alberighi que, ao final, o fará conquistar a mulher amada. Nesse sentido, o tema do adultério, tão recorrente nas novelas de Boccaccio, não é visto necessariamente como um pecado em si, podendo se transformar no elogio da astúcia contra a tolice, como no caso de Peronella.

Dois momentos da “Novela de Ciappelletto da Prato”, com a confissão e o culto ao personagem. Ilustração de Boccaccio em manuscrito transcrito por Giovanni d’Agnolo Capponi na década de 1360. Códice Italiano 482, Biblioteca Nacional de Paris (colorido digitalmente).

Outro tema recorrente nas novelas é a sátira à hipocrisia do clero, um argumento que causou muitos problemas a Boccaccio. Porém o anticlericalismo que aparece em várias novelas, como a de frei Alberto da Imola, não se deve confundir com uma suposta antirreligiosidade do autor, bem ao contrário: ao satirizar frades, freiras e carolas, Boccaccio quase sempre está a rir-se dos pecados mundanos, que são próprios do homem e dificilmente emendáveis.

Ao adotar uma perspectiva realista, que não se esquivava da representação dos vários aspectos da vida social e moral de seu tempo, Boccaccio também inventou uma linguagem literária capaz de expressar aquele mundo, situando-se numa posição intermediária entre o estilo baixo da comédia clássica e popular e o estilo sublime da tragédia ou da literatura moralizante. Segundo Francesco Bruni, com Boccaccio se deu “a invenção da literatura mediana”: uma literatura que incorporava os grandes *topoi* da literatura – o amor, a morte, a coragem, a astúcia – ao plano da vida cotidiana, que se voltava a um público eminentemente feminino e, não obstante seus longos períodos sintáticos assimilados de Cícero e outros retóricos latinos, buscava a inteligibilidade do texto por seus leitores e ouvintes.

A ALTA LEGIBILIDADE do *decameron*, responsável pelo enorme sucesso do livro já a partir de 1360, quando começam a proliferar cópias manuscritas e, pouco mais tarde, traduções para outras línguas, se deve basicamente ao seguinte tripé: o uso de uma língua mais próxima da oralidade, sobretudo nas passagens dialogadas; as peripécias em torno do amor mundano, tema central do livro; e a vivacidade das imagens – a visualidade – fixadas nas novelas.

Boccaccio, assim como Dante na poesia, era um mestre absoluto da hipotipose, essa figura de retórica que faz a linguagem verbal se aproximar da expressão visual. De fato certas cenas do *Decameron* parecem saltar aos olhos do leitor pela extraordinária minúcia das descrições, que não deixa nada escapar do quadro que está sendo narrado. Tais imagens – como a visão da peste que

abre o livro – se fixaram na memória dos leitores e dos ouvintes de Boccaccio, que logo aprenderam de cor várias de suas passagens, recontando-as uns aos outros ao longo de séculos. Hoje essa tradição oral se perdeu, mas ela era ainda muito viva no século XIV e foi em grande parte responsável pela popularidade do *Decameron*. Tanto que, quando o livro foi incluído no *Índex* das obras proibidas pela Igreja em 1559, já no embalo da política contrarreformista, quinze anos mais tarde ele voltou a circular, embora numa versão “expurgada”, para atender ao clamor de seus admiradores.



*Comincia il libro chiamato dramaron
cognominato per nome galvano ne qual
si contengono cento novelle in dritta di
tra da parte d'una e da l'altra guisa
in / prologo /*

L umana cosa e diuere comp
assione ad gl'affetti. e am.
e che ad casteduna persona se
ca bene adoloro emaximam
ente richiesta liquali graano
disforto auuto mechiore e
anno et tuato in alcuni / fraquali sealcuno
mai nelle bisogno ogli si chato ogni uen
tuette piacere io sono uno di quelli. Per
che dalla mia prima grauananza usino adq
uesto tempo oltre modo esperto a se po stato d
alassino e nobile amore forte piu assai che
alla mia bassa condicione non parete narmano
lo io si richiedesse quantunque apio coloro che
discreti erano e alla cui notitia iuene non
e fosi lodato e damolto piu reputato non di
cno mi fu egli di grandissima fatica ad soffe
rire. Certo non per uelita alla donna amata
mappuerchio fuoco netta mente cocepto diso
che regolato appetito il quale perio che admi
no conuenevole termine mi castaua co feto
stare piu diuota che bisogno non meta spesse
uolte sentir mi faceva. Nella qual noia ta
nto refrigerio gra mi portaro ipaciuoli mag
onamenti. Dalcuno amico e le laudiuoli
sue consolationi chero porto fermissima opi
nione pquele essere aduenuto chero non
sia morto. Ma siccome ad oculi piacque il
quale essendo egli infinito diete plegge
incomutabile ad tute letoste modane auer
sine il mio amore oltre adogni altro ser
uente il quale mi una foga di ponimento

o di consiglio od uerogna euidente opicolo che
seguire ne potesse auena potuto ne tempo ne
pregare p se medesimo in iprocesso di tempo si dim
inu inguisa che se l' dte nella mente ma
al presente castato quel piacere che egli cu
sato di porgerre ad chi troppo non si mette ne suoi
pui chupi pelaghi nauicando p che due fa
ticose esser solen ogni affanno togliendo uia di
letteuole il sento esser rimaso. Ma quantunque
cessata sia la pena non perio e lamemoria fug
gita de beneficy gra riceuuti dritta da coloro
aquali per beniuolentia duloro ad me portata em
no gratia lemie fatiche ne passata mai siccome
io credo sono p morte. Et perio che lagratu
dine secondo chero credo sia labre uertu e so
inamente da comendare. Il castato da biasim
are p non parere. Il casto omeco stesso posto duo
lore in quel poio che me si puo incambiduo
chero naeueni hura che libero dir in posto e
sono adoloro che me atarono ad liquali pad
uentura polor sono opaloro buona uentura
non al bisogno ad quegli almeo aquali filio
glio alcuno adqueuamente prestare. Et quant
unque il mio sostentamento co feto che egli
iam dire possa essere e sia al bisogno assai perio
non dimeno parmi questo deuersi piu tosto porge
re deue il bisogno apparire maggiore si che pi
u uelutim usura e si ancora perio piu usura can
auuto. Et chi neggia questo quantunque egli si
sia non molto piu al domo che ad gl'umoy co
uenirsi dinare. Ette d'uno ad d'alti poti temendo
puegognando tengono lamore se fanno natiue
lequali quanta piu d'fora ad d'alti che l'palepi/
coloro ilquale che lano prouare e prouano. Et
oltre adde si strete da uolenti da prouare da comad
amenti de padri d'alle madri d'fratelli d'amari
ti il piu d'campo ne l'palepi arcuato d'ite loro
camere / mchiusi d'morano e quasi otiose se den
dosi uolendo e non uolendo in una medesima fi
ra per piu sono diuersi pensieri. Liquali non
possibile esse sempre sono allegri e se pquele il
cura malincomia mossa d'esperte disio se prauie

No alto, personagens a cavalo; abaixo, na capitular, o autor lendo seu livro para uma audiência feminina. Ilustração de Boccaccio em manuscrito transcrito por Giovanni d'Agnolo Capponi na década de 1360. Códice Italiano 482, Biblioteca Nacional de Paris.

Contudo, em Boccaccio, o pendor à visualidade extrapolava o próprio campo da linguagem verbal e se materializava nas iluminuras que ele deixou em pelo menos dois códices autógrafos: o Códice Italiano 482 (c. 1360) da Biblioteca Nacional de Paris, com texto transcrito por Giovanni d'Agnolo Capponi e ilustrações a bico de pena de Boccaccio; e o Códice Hamilton 90 (c. 1370) de Berlim, inteiramente transcrito e ilustrado pelo autor. Ali o intelectual e o homem prático, o erudito e o copista, se fundem numa única figura que, por fim, aproximou duas culturas que costumavam andar rigorosamente separadas: a cultura da linguagem e do pensamento e a cultura manual – as chamadas *arti meccaniche*, que trabalhavam com a matéria concreta. Nas páginas desta edição brasileira pode ser apreciado, pela primeira vez no país, esse trabalho de Boccaccio na visualização de suas novelas.³

DEPOIS DE ESCREVER o *decameron*, sobretudo a partir dos anos 1360, Boccaccio paulatinamente se afastou da “literatura mediana” que dominara seu período de juventude até a maturidade da obra-prima, escrita quando ele tinha por volta de 35 anos de idade, para dedicar-se a escrever tratados em latim, muito sob influência de Petrarca. Apesar da importância dessa segunda fase do autor, que foi ainda um dos principais responsáveis pelo renascimento dos estudos gregos (língua que nem Dante nem Petrarca conheciam), as duas últimas décadas de sua vida foram marcadas pelo silêncio do escritor de prosa de ficção em favor do trabalho do erudito. A única obra de ficção que ele escreveu nesse período, a novela *Il corbaccio*, revela um Boccaccio hostil às mulheres, misógino (o oposto da filoginia que predominava no *Decameron*), às voltas com uma linguagem arrevesada, muito diferente daquele que poucos anos antes escrevera seu livro mais popular e importante. Até hoje se especula sobre quais motivos o teriam levado a essa guinada: a influência de Petrarca, um maior fervor religioso (Boccaccio chega a ordenar-se sacerdote), uma nova concepção da literatura (não mais “mediana”, mas “elevada”). Talvez tudo isso junto, e quem sabe um

esgotamento da veia fantástica.

NA SELEÇÃO DAS dez novelas deste volume, e consciente de todas as lacunas, busquei montar um microcosmo que pudesse em alguma medida oferecer ao leitor uma visão macroscópica do *Decameron*.

Muitas antologias insistem em compilar as novelas mais eróticas ou escabrosas de Boccaccio, o que acabou alimentando uma percepção redutora do universo boccacciano. É claro que a “comédia do sexo” tem peso considerável no conjunto do livro, mas esse é apenas um de seus aspectos.

Por isso aqui se equilibram temas e registros que vão do mais popularesco, como as novelas de Calandrino, de Peronella e Andreuccio, ao mais aristocrático (as de Natan e de Federigo, por exemplo).

Outro problema que surge em qualquer antologia que se faça é que, frequentemente, as novelas começam fazendo alguma referência à história imediatamente anterior. Diante disso, quase todo antologista opta por excluir essas alusões e adaptar — mutilando — o texto trezentista. Aqui preferi manter a integralidade das dez novelas selecionadas, seja em respeito à letra do autor, seja porque entendi que, não obstante alguma possível estranheza, o leitor por fim encontraria seu caminho.

Procurei ainda selecionar novelas que dessem conta do complexo mosaico de culturas e línguas que era a Itália do *Trecento*, escolhendo novelas napolitanas, venezianas, ravenates, florentinas... porque o *Decameron*, apesar de seu predomínio toscano, também é um grande atlas geográfico da Península Itálica e de seus falares.

Por fim, me deixei levar pelas novelas que receberam análises antológicas de críticos como Auerbach (sobre “frei Alberto”), Italo Calvino (sobre “Guido Cavalcanti”) e Benedetto Croce (sobre “Andreuccio da Perugia”). E outra parte, evidentemente, ficou por conta do gosto pessoal e incontornável do antologista.

QUANTO AO TRABALHO de tradução, tentei manter no português do Brasil os períodos longos e a riqueza lexical do texto boccacciano, acompanhando na

medida do possível seus paralelismos sintáticos, suas figuras de retórica, suas repetições e as variações em torno do registro mediano, ora mais baixo, ora mais elevado. Enfim, evitei conceder-me as liberdades que o tradutor francês Jean Bourciez explicitou em sua apresentação para a Garnier, 1952:

Boccaccio escreveu na língua clerical do século XIV, arredondada e calcada na imitação de Cícero e de Tito Lívio. Não seria o caso de conservar essa forma, que nos remeteria ao menos à época de Rabelais. Portanto as frases, demasiado longas para nosso gosto, tiveram de ser cortadas e seccionadas [...]. Eis outra liberdade que me concedi. As novelas que serão lidas trazem títulos mais curtos que os sumários, únicos elementos que precediam os textos. Tais títulos são de minha escolha, mas nem sempre de minha invenção. (tradução minha)

Já os títulos que constam do sumário desta edição brasileira pretendem apenas nomear as novelas tal como elas costumam ser conhecidas pela tradição dos leitores de Boccaccio, ou seja, pelo nome de seus protagonistas, sem nenhum tipo de intervenção interpretativa, como “O gênio do cristianismo”, escolhido por Bourciez para a “Novela de Ciappelletto da Prato”.

NOTA BIBLIOGRÁFICA

O texto que serviu de base para este trabalho foi a excelente edição crítica em dois volumes preparada por Vittore Branca (*Decameron*. Turim: Einaudi, 1992). Além desta, consultei as edições de Antonio Enzo Quaglio, também em dois volumes (Milão: Garzanti, 1976), e a de Cesare Segre (Milão: Mursia, 1966, com comentários de Maria Segre Consigli).

Feito o trabalho de tradução, cotejei meu texto com algumas edições estrangeiras, particularmente a de Jean Bourciez (*Le Décaméron*. Paris: Garnier, 1952) e as de George Henry McWilliam (*The Decameron*. Londres: Penguin Classics, 2003) e Guido Waldman (*The Decameron*. Oxford: Oxford University Press, 2008).

Há poucas traduções completas das cem novelas de Boccaccio em língua portuguesa: a de Raul de Polillo, em três volumes (*O Decamerão*. São Paulo:

Martins, 1956); a de Torrieri Guimarães, infelizmente uma contrafação da de Polillo, lançada sucessivamente por várias editoras;⁴ a de Urbano Tavares Rodrigues, em cinco volumes (*Decameron*. Lisboa: Formar / Bertrand, 1976), que, porém, se baseia mais na tradução francesa de Bourciez e menos no texto boccacciano do século XIV. Quanto às traduções parciais, publicadas em antologias da obra de Boccaccio ou em coletâneas do conto, há uma infinidade de títulos. Cito aqui apenas alguns: as três novelas (I 3, I 5 e III 3) traduzidas por Paulo Rónai e Aurélio Buarque de Holanda Ferreira (*Mar de histórias*, vol. 1. Rio de Janeiro: José Olympio, 1945); a antologia preparada por Jamil Almansur Haddad, de grande circulação, com 28 novelas (*Histórias galantes*. São Paulo: Cultrix, 1959); a seleção traduzida e prefaciada por Pedro Garcez Ghirardi (*Contos do Decameron*. São Paulo: Scrinium, 1996). Sobre a presença de Boccaccio nos países de língua portuguesa, há o interessante artigo de Giuseppe Carlo Rossi, “Il Boccaccio nelle letterature in portoghese”, incluído no volume *Il Boccaccio nelle culture e letterature nazionali*, organizado por Francesco Mazzoni (Florença: L. S. Olschki, 1978).

[illegible][illegible]

Reproduções de quatro páginas do Códice Hamilton 90, inteiramente transcrito e ilustrado por Boccaccio na década de 1370. Biblioteca do Estado, Berlim.



Item de laudibus eius

Prospetto balareta finita alla qual tutti beneniete a
 quon nissito / amora che aliam: molto alle parole di
 quella jndir: faciesi dopo a lame al tre care' ete facie
 attendo gia una partecella della buene riote postura
 piuque alla rena didar fine alla prima giornata / a
 facie terda / acenderi comanto che cala: no / fine alla
 seguente mattina fondassi ad apshire: poe calare alla
 fra camera ternatosi col feci: finisse la prima gio
 rna del cameron / a / nomina la laseenda nella r
 quale fece illeggiamento di phylemena fumagana
 d'ichi d'adine: esse infestato: fia oltre alla sua spe
 ranza muore adieto fine / rubica

[illegible][illegible]

A fortuna crítica sobre a obra de Boccaccio é, como se pode imaginar, gigantesca. Bons repertórios bibliográficos são o de Guido Traversari (*Bibliografia boccaccesca: I: Scritti intorno al Boccaccio e alla fortuna delle sue opere*. Città di Castello: Lapi, 1907), o de Enzo Esposito (*Boccacciana: Bibliografia delle edizioni e degli scritti critici, 1939-1974*. Ravenna: Longo, 1976) e os que têm sido periodicamente atualizados na revista *Studi sul Boccaccio*, fundada em 1963 por Vittorio Branca e atualmente publicada pela editora Le Lettere, de Florença.

Já no Brasil a bibliografia específica sobre Boccaccio é relativamente escassa. Além dos vários prefácios e apresentações que acompanham as edições completas ou parciais do *Decameron*, e alguns artigos em revistas especializadas, cabe destacar os importantes estudos de Erich Auerbach, *Sobre a técnica novelística no início do Renascimento francês e italiano* (trad. Tércio Redondo. São Paulo: Cosac Naify, 2013) e o capítulo “Frate Alberto”, em *Mimesis* (2^a ed. revista, São Paulo: Perspectiva, 1998). Há ainda uma grande quantidade de referências a Boccaccio no clássico de Ernest Robert Curtius *Literatura europeia e Idade Média latina* (trad. Teodoro Cabral e Paulo Rónai. São Paulo: Edusp / Hucitec, 1996), embora Curtius, ao contrário de Auerbach, não reconhecesse plenamente o valor de Boccaccio, ofuscado pela grandeza de Dante. Relevantes também são as páginas de Otto Maria Carpeaux sobre o *Decameron* em sua monumental *História da literatura ocidental* [1959] (2^a ed. revista, Rio de Janeiro: Alhambra, 1978-84). Já o livro de Tzvetan Todorov *A gramática do Decameron* [1969] (trad. Eni Orlandi. São Paulo: Perspectiva, 1982), escrito no auge do estruturalismo, apresentava como proposta central descrever um sistema narrativo que “é uma abstração em relação ao texto real: trataremos mais dos resumos das novelas que das próprias novelas”, tendo hoje um interesse apenas histórico; aliás, o próprio Todorov se incumbiu de fazer uma crítica contundente a esse tipo de análise.

No âmbito internacional, alguns estudos são de fundamental importância, como os livros *Boccaccio medievale* [1956] (Milão: Rizzoli, 1996), de Vittore Branca; *Boccaccio. L'invenzione della letteratura mezzana* (Bolonha: Il Mulino, 1990), de Francesco Bruni; *Boccaccio* (Roma: Salerno, 2000), de Lucia Battaglia Ricci; *Scienza e mito nel Boccaccio* (Pádua: Liviana, 1967), de A. E. Quaglio; *Boccaccio* (Bolonha: Il Mulino, 1987), de Luigi Surdich; *Boccaccio's*

Two Venuses (Nova York: Columbia University Press, 1977), de Robert Hollander; e *Restauri boccacceschi* (Roma: Storia e Letteratura, 1947), de Giuseppe Billanovich.

A lista poderia estender-se indefinidamente, mas paro por aqui.

- 1 Erich Auerbach, *Mimesis: A representação da realidade na literatura ocidental* [1946], Equipe de tradutores da Perspectiva. São Paulo: Perspectiva, 1998, pp. 188-89.
- 2 Boccaccio também teria sido o inventor da *oitava rima*, forma que depois seria adotada nos grandes poemas narrativos de Ariosto, Tasso, Camões e tantos outros.
- 3 Mais uma vez, Vittore Branca foi responsável por duas edições decisivas nesse aspecto: *Boccaccio visualizzato. Narrare per parole e per immagini fra Medioevo e Rinascimento* (Turim: Einaudi, 1999) e *Decameron: Con le illustrazioni dell'autore e di grandi artisti fra Tre e Quattrocento* (Florença: Le Lettere, 1999).
- 4 Sobre esse caso lamentável de plágio tradutório, consulte-se o blog de Denise Bottmann, onde se pode encontrar um cotejo de passagens dos textos de Polillo e de Guimarães, evidenciando a contrafação: <<http://naogostodeplagio.blogspot.com.br/search/label/boccaccio>>.

DECA
ME
RON

[PRIMEIRA JORNADA | NOVELA 1] PANFILO **NOVELA DE CIAPPELLETTO DA PRATO**



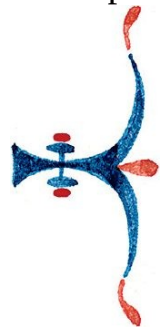
Com uma falsa confissão, Messer Cepparello engana um santo padre e morre. Assim, tendo sido um péssimo homem em vida, ao morrer é tomado por santo e chamado de São Ciappelletto.



RECOMENDÁVEL, minhas caras amigas, que cada coisa que o homem faça tenha por princípio o admirável e santo nome d'Aquele que fez todas as coisas. Sendo assim, já que devo dar início à nossa série de histórias, pretendo começar por uma de suas maravilhosas obras, de modo que, após ouvi-la, nossa esperança n'Ele se firme como algo imutável, e Seu nome seja sempre louvado por nós. Sabe-se que as coisas deste mundo são todas transitórias e mortais, em si e fora de si cheias de tédio, de angústia e de tormentos, passíveis de infinitos perigos; às quais nós, que vivemos misturados a elas e somos parte delas, não poderíamos certamente resistir nem evitar se a especial graça de Deus não nos emprestasse força e sagacidade. E não devemos pensar que ela venha a nós e em nós por algum mérito nosso, mas sim movida por sua própria benignidade e impetrada pelas preces daqueles que, assim como nós, foram mortais e, enquanto estiveram em vida, bem conduziram seus desejos, tornando-se agora, com Ele, eternos e bem-aventurados. É a eles que nós, como a procuradores que por experiência sabem de nossa fragilidade – talvez temendo submeter nossos rogos a tão alto juiz –, submetemos as preces por aquilo que consideramos oportuno. Discernimos ainda mais a piedosa magnanimidade que Ele nos concede quando, não podendo a agudeza do olho mortal trespassar de nenhum modo o segredo da mente divina, às vezes constituímos como procurador diante de sua majestade – quem sabe iludidos pela opinião geral – alguém que d'Ele se apartou e foi condenado ao exílio eterno. Entretanto Ele, de quem nada se oculta, observando mais a pureza que a ignorância do pregador, ou o exílio do intercessor, acolhe todas as preces que lhe são dirigidas como se este fosse um bem-aventurado. Tal é o que se pode depreender claramente da novela que pretendo contar –

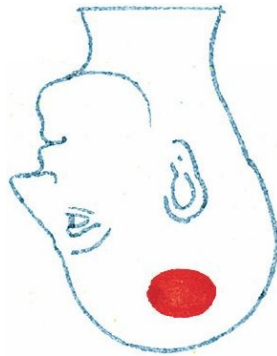
claramente não ao juízo de Deus, esclareço, mas ao juízo dos homens. ✨
Diz-se que Musciatto Franzesi, grande e riquíssimo mercador, recebeu o título de cavaleiro da França e precisou ir à Toscana acompanhando Messer Carlos Sem-Terra, irmão do rei francês, cuja presença fora solicitada pelo papa Bonifácio VIII. Sabendo que seus negócios estavam aqui e ali muito enredados – como é comum entre os mercadores – e não podendo desenredá-los rápida ou facilmente, pensou em delegá-los a várias pessoas e assim fez com sucesso; só ficou hesitante quanto a quem confiar a cobrança dos créditos que possuía na Borgonha. O motivo da dúvida é que ele achava os borguinhões homens briguentos, desleais e de má índole; e não conseguia lembrar-se de nenhum homem suficientemente mau, e de sua confiança, que pudesse fazer frente à malvadeza deles. Pensando demoradamente nessa questão, veio-lhe à mente um tal Cepparello da Prato, que várias vezes se hospedara em sua residência em Paris; como ele era baixo de estatura e de afetada elegância, os franceses, que não sabiam o significado de Cepparello e o tomavam por *cappello* – isto é, chapéu segundo sua língua –, passaram a chamá-lo não de Ciappello, mas de Ciappelletto, chapeuzinho, já que, como dissemos, ele era pequenino: e por Ciappelletto era conhecido de todos, ao passo que poucos o conheciam por Cepparello.

Esta era a vida de Ciappelletto: notário de profissão, ele sentia uma enorme vergonha quando um de seus contratos – que eram numerosos – não apresentava as piores contrafações; e os fazia tantos quantos lhe fossem solicitados, sobretudo e com a maior satisfação os que saíam de graça, mais ainda que os regimento remunerados. Prestava falsos testemunhos com imenso prazer, fosse solicitado a isso ou não; e, como na França daqueles tempos tinha-se uma enorme fé nos juramentos, não temendo falseá-los, vencia perversamente todas as controvérsias às quais era chamado a dizer a verdade sob juramento. Provava especial delícia, e a ela se entregava com deleite, em fazer brotar entre amigos, parentes ou qualquer pessoa males, inimizades e escândalos, dos quais quanto piores fossem as consequências, mais ele sentia alegria. Quando convidado a cometer um homicídio ou qualquer outra coisa ruim, jamais se negava, ao contrário, aquiescia de bom grado, e vezes sem conta se viu prazerosamente ferindo e assassinando homens com as próprias mãos. Era um grande blasfemador de



Deus e dos santos, e o fazia por qualquer ninharia, sendo o mais irascível dos homens. Nunca frequentava a igreja e escarnejava de todos os sacramentos com palavras abomináveis, como se não valessem nada; por outro lado, era um frequentador contumaz de tavernas e outros lugares mal-afamados. Desejava as mulheres assim como os cães o porrete; e comprazia-se do contrário mais que qualquer perverso. Teria furtado e roubado com a consciência tão limpa quanto a de um santo. Bebia e comia aos montes, tanto que às vezes passava mal, miseravelmente. Era um solene jogador e lançador de dados viciados. Mas por que me delongo em tantas palavras? Ele era simplesmente o pior homem que jamais havia nascido. Porém sua maldade sempre foi acobertada pelo prestígio e o poder de Messer Musciatto, de modo que conseguiu escapar várias vezes seja de particulares, aos quais injuriava amiúde, seja dos tribunais, que reiteradamente ofendia.  Assim, quando o tal Cepparello surgiu na lembrança de Messer Musciatto, que aliás conhecia perfeitamente sua vida, o dito Messer Musciatto pensou que aquele era o homem certo para a maldade dos borguinhões; por isso mandou chamá-lo e lhe disse: “Ciappelletto, como é de seu conhecimento, estou prestes a partir definitivamente daqui; e, como tenho negócios a tratar com borguinhões, sujeitos trapaceiros, não conheço ninguém mais indicado para resgatar meus créditos com eles que você. Por isso, e já que no momento você está desimpedido, se estiver de acordo, pretendo favorecê-lo na corte e lhe dar uma parte razoável de tudo o que conseguir resgatar”.  Ciappelletto, que estava de fato desocupado e se via em má situação financeira, percebendo que perderia aquele que o protegera e defendera por muito tempo, decidiu-se sem demora e, quase impelido pela necessidade, disse que aceitava de bom grado. Fechado o acordo, Ciappelletto recebeu a procuração com as cartas de recomendação do rei e, tão logo Messer Musciatto partiu, rumou para a Borgonha, onde quase ninguém o conhecia; e lá, contrariamente à sua natureza, começou a cobrar benévola e mansamente os valores pelos quais fora contratado, quase como se reservasse sua ira para o final.  E assim, estando hospedado na casa de dois irmãos florentinos que viviam de agiotagem e o tratavam muito bem por consideração a Messer Musciatto, de repente ele adoeceu. Os dois irmãos rapidamente chamaram médicos e criados, fazendo de tudo para que ele recobrasse a saúde. Mas toda ajuda era inútil, porque o bom homem, que já estava velho e, segundo os médicos, levava uma vida desregrada, só piorava a

cada dia, como se padecesse de uma doença mortal – para desespero dos dois irmãos.

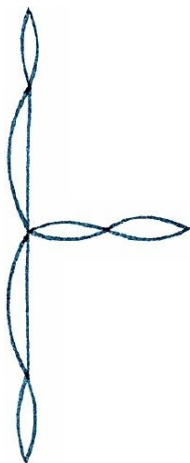


Até que um dia, bem perto do aposento em que Ciappelletto repousava, os dois irmãos começaram a confabular entre si. “O que vamos fazer com o homem?”, dizia um ao outro. “O estado dele nos deixa em péssima situação. Mandá-lo embora de nossa casa assim, tão enfermo, seria muito reprovável e sinal de pouco tino, pois toda a gente veria que, primeiro, o acolhemos, servimos e tratamos com a maior solicitude, e agora, sem que nos tenha feito nada de mau, de repente o mandamos para fora, doente e à beira da morte. Por outro lado, ele foi um homem tão ruim que, agora, não vai querer se confessar nem receber sacramento nenhum da Igreja; e, se morrer sem confissão, igreja nenhuma vai querer o corpo: pior, vai ser jogado na fossa feito um cão. No entanto, se ele se confessar, seus pecados são tantos e tão horríveis que vai dar no mesmo, porque não há frade nem padre que queira ou seja capaz de absolvê-lo; e assim, sem absolvição, será igualmente jogado na vala. Se isso acontecer, o povo desta terra, que já não gosta de nosso ofício e o considera infame, falando mal de nós todos os dias – e que, além disso, não vê a hora de nos roubar –, vai se levantar contra nós e falar aos gritos: ‘Esses cachorros lombardos,^{*} nem a Igreja quer recebê-los, não vamos mais sustentá-los!’; e vão correr para nossas casas e nos saquear e quem sabe até nos arrancar o couro – ou seja, se esse sujeito morrer, vamos ficar em maus lençóis de qualquer jeito.” ✂ Como dissemos, Ciappelletto jazia ali próximo de onde eles confabulavam e, como tinha um ouvido bastante apurado – o que, aliás, é comum entre os enfermos –, escutou a conversa dos dois; então os mandou chamar e lhes disse: “Não quero que vocês se preocupem comigo nem tenham medo de que eu possa prejudicá-los de alguma maneira. Ouvi o que falavam de mim e estou certo de que as coisas se passariam do jeito que vocês

dizem, caso se encaminhassem como previram: mas não vai ser assim. Já fiz tantas injúrias a Deus ao longo da vida que mais uma, agora, à beira da morte, não vai fazer diferença nenhuma; sendo assim, me tragam aqui um frade bom e de valor, o mais santo que houver – se é que há –, e deixem o resto por minha conta, pois vou fazer de modo que tudo fique muito bem-arranjado, tanto para mim quanto para vocês”. ✂ Os dois irmãos, embora ainda um tanto desconfiados, foram até um convento de frades e chamaram por algum homem santo e sábio que pudesse receber a confissão de um lombardo que jazia doente em sua casa; e lhes foi apresentado um frade ancião, de vida santa e boa, grande mestre nas Escrituras e homem muito venerável, por quem todos tinham uma enorme e especial devoção, e o conduziram até o enfermo. Ao chegar ao aposento onde Ciappelletto estava deitado, o frade primeiramente o confortou com brandura e, em seguida, perguntou-lhe quanto tempo fazia que não confessava. 🍴



Ao que Ciappelletto, que jamais se confessara na vida, respondeu: “Meu pai, tenho o costume de confessar-me toda semana ao menos uma vez, sendo que frequentemente me confesso mais de uma; mas é verdade que, depois que adoeci – e já lá se vão oito dias –, ainda não me confessei, tal é o desconforto que a enfermidade me causa”. ➡ Então o frade disse: “Meu filho, fez muito bem, e assim deve ser de agora em diante; mas vejo que terei pouco a ouvir e a perguntar, já que você se confessa tão amiúde”.



E Ciappelletto: “Senhor frade, não diga isso: minhas confissões não foram tantas nem tão frequentes que eu não quisesse sempre me confessar por inteiro de todos os pecados de que me lembro, desde o dia em que nasci até o momento da confissão; por isso mesmo lhe peço, meu bom pai, que me pergunte tudo, ponto por ponto, como se eu jamais me houvesse confessado; e não me poupe por eu estar doente, pois prefiro muito mais mortificar estas minhas carnes que, contentando-as, vir a incorrer na perdição de minha alma, a qual meu Salvador redimiu com seu precioso sangue”.

Estas palavras calaram fundo no santo homem e lhe pareceram próprias de uma mente bem-disposta; então, após muito louvar esse hábito de Ciappelletto, começou a perguntar se ele alguma vez havia cedido ao pecado da luxúria com alguma mulher. ✚ Ao que Ciappelletto respondeu, suspirando:

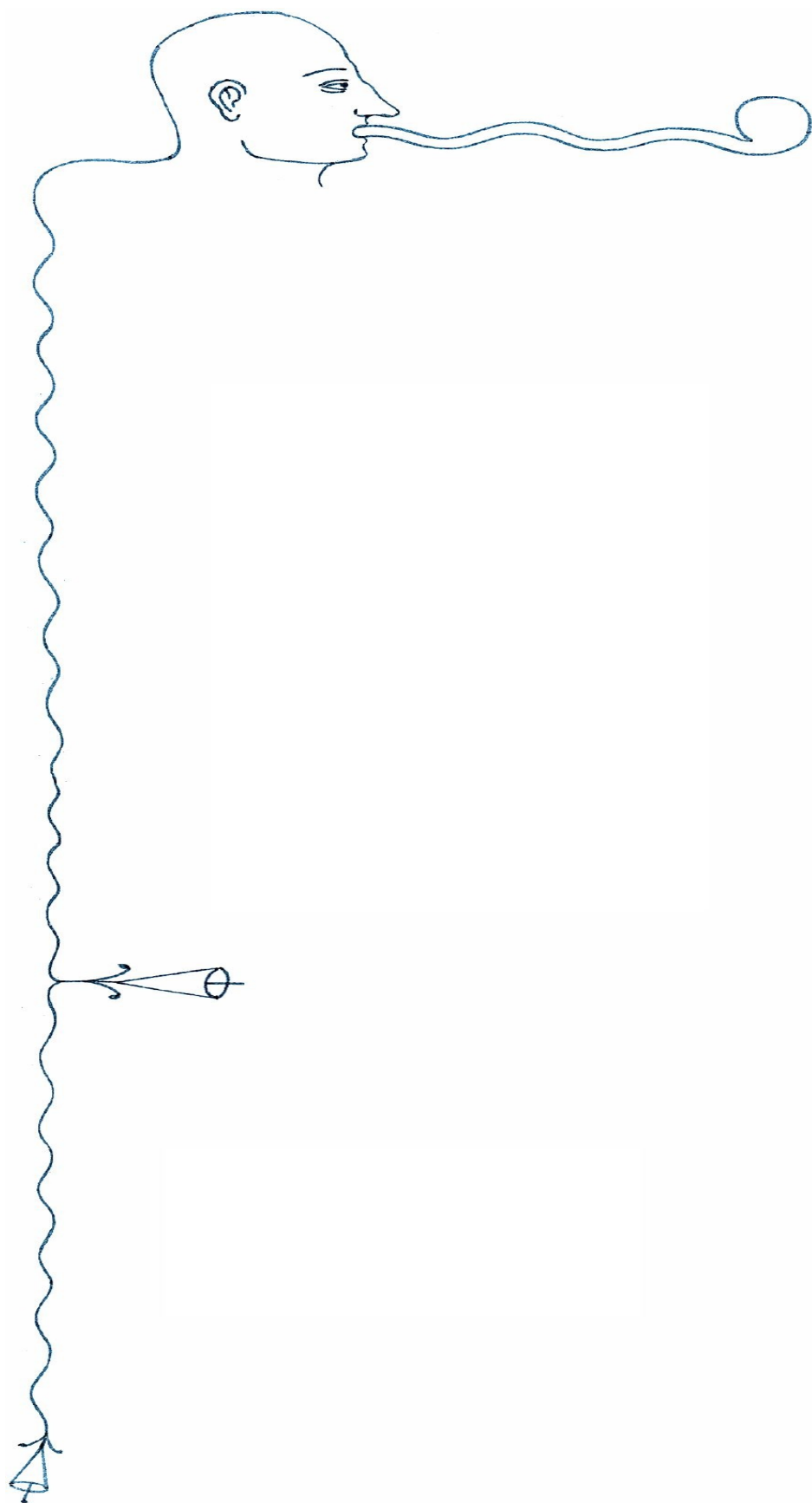
“Meu pai, sobre este ponto me envergonho de dizer-lhe a verdade, temendo pecar por imodéstia”. ➤✚ Ao que o santo frade falou: “Diga sem temer, pois quem diz a verdade jamais pecou, nem em confissão, nem em qualquer ato”.

✚ Então Ciappelletto disse: “Já que o senhor me assegura, pois lhe direi: sou tão virgem quanto era ao sair do corpo de minha mãe”. “Oh, bendito seja Deus!”, disse o frade, “como você fez bem! E o fez com maior mérito ainda, já que, se quisesse, tinha o arbítrio de fazer o contrário de nós e de qualquer outro que esteja submetido ao voto de castidade.” ✚

Depois disso, perguntou se ele ofendera a Deus com o pecado da gula. Ao que, suspirando forte, Ciappelletto respondeu que sim, e diversas vezes; isso porque, além dos jejuns que as pessoas devotas fazem nas quaresmas, ao menos três vezes por semana ele passava a pão e água, especialmente depois de algum trabalho exaustivo e das preces, ou andando em peregrinação, de modo que ele sorvia a água com a vontade e o prazer que sentem os grandes bebedores de vinho; e muitas vezes desejara ter uma saladinha de folhas, dessas que as mulheres fazem quando vão para o campo, e de vez em quando teve a impressão de que a comida lhe sabia melhor do que deveria parecer a quem jejua por devoção, como ele. ➤✚

Ao que o frade disse: “Meu filho, esses pecados são naturais e bem leves, e não quero que você sinta um maior peso na consciência do que deve. Todo homem, não importa quão santíssimo ele seja, aprecia comer e beber após longos jejuns e esforços”.

✚ “Oh, meu pai!”, emendou Ciappelletto, “não diga isso para me confortar: o

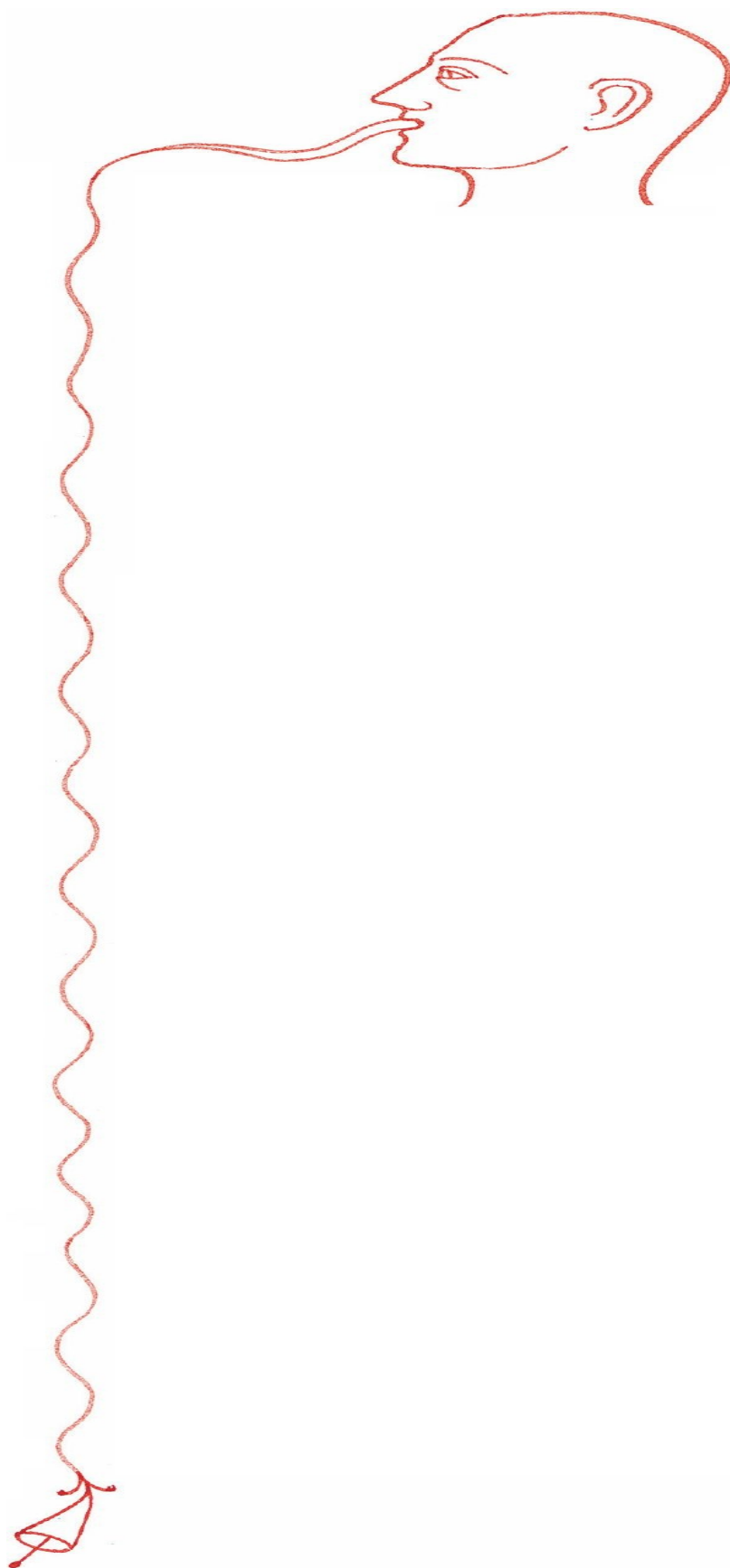


senhor bem sabe,
assim como eu,
que as coisas
feitas a serviço de
Deus devem ser
cumpridas

limpamente, sem
nenhuma mácula
na alma, e quem
quer que faça
diferentemente
estará pecando.”

O frade, muito
contente, disse:
“Fico alegre por
sua alma generosa,
e muito me agrada
sua consciência
boa e pura. Mas,
me diga: você já
pecou por avareza,
desejando mais
que o conveniente
ou acumulando
aquilo que não
deveria?”. 

Ao que
Ciappelletto
respondeu: “Meu
pai, não queria que
o senhor tivesse
suspeitas por eu
estar hospedado na
casa destes

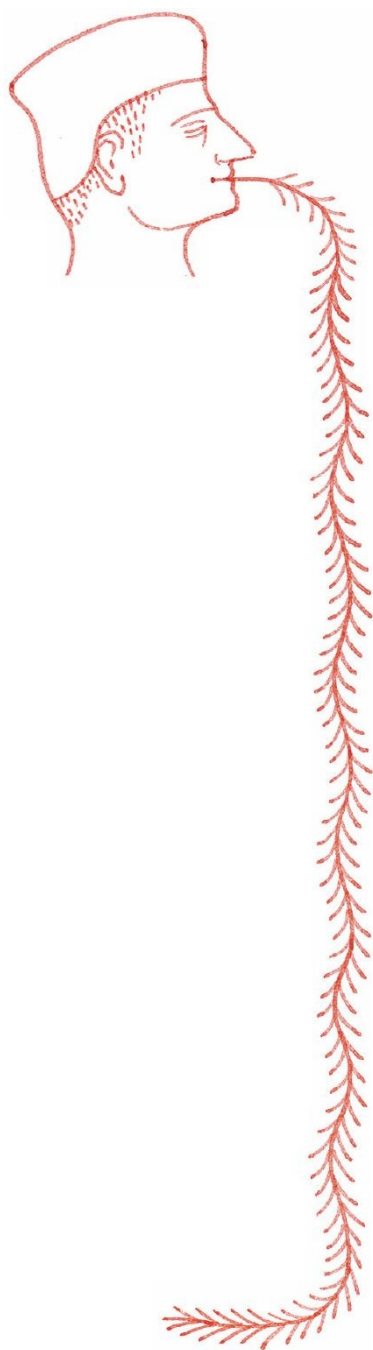


usurários: não tenho nada com seus negócios, ao contrário, aqui vim para adverti-los, castigá-los e demovê-los desse abominável lucro; e creio que ao fim seria bem-sucedido, se Deus não me houvesse assim visitado. Mas o senhor precisa saber que meu pai me fez um homem rico, porém, tão logo ele morreu, doei a maior parte de seus bens a Deus; depois, para me sustentar e poder ajudar os pobres de Cristo, fiz pequenos negócios, com os quais desejei ter algum ganho. E sempre dividi irrmãmente o que ganhei com os pobres de Deus, reservando a metade para minha subsistência e a outra metade para eles – e nisso meu Criador me ajudou tanto que sempre tive muito êxito nos negócios”.

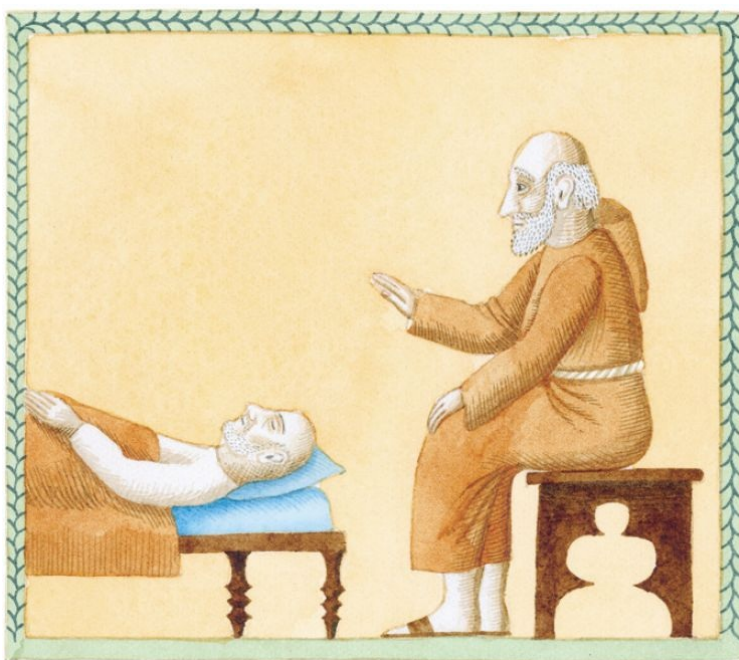
“Fez bem”, disse o frade, “mas com que frequência se deixou levar pela ira?”



“Oh!”, disse Ciappelletto, “quanto a



isso, devo dizer que cedi várias vezes: mas quem poderia evitá-lo, ao ver os homens fazerem todo dia as coisas mais abjetas, não observando os mandamentos de Deus, não temendo seu julgamento? Houve muitos dias em que preferi estar morto que vivo, ao observar os jovens correndo atrás das vaidades, ao ouvi-los jurar e perjurar, ir amiúde às tavernas, não frequentar a igreja e trilhar muito mais as vias do mundo que os caminhos de Deus.”



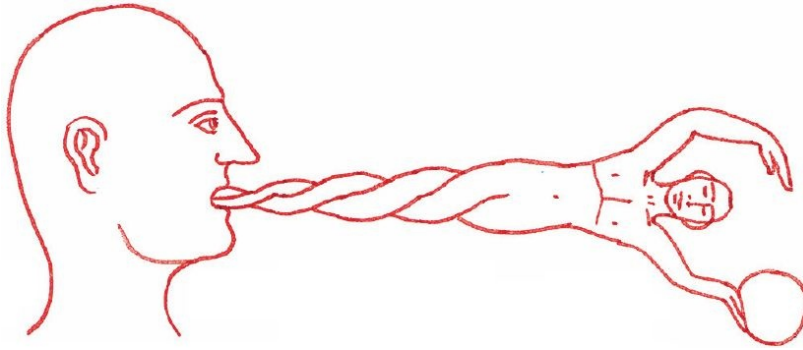
Então o frade disse: “Meu filho, esta é uma ira santa, e eu nem saberia impor-lhe uma penitência; mas por acaso essa ira foi capaz de induzi-lo a cometer algum homicídio, a vilipendiar alguém ou a incorrer em qualquer outra injúria?”.  Ao que Ciappelletto respondeu: “Oh, pai, como o senhor, que me parece um homem de Deus, pode dizer tais palavras? Crê então que, se eu tivesse tido o mínimo pensamento de fazer qualquer uma dessas coisas que o senhor diz, eu acharia que Deus me socorreria assim? Esses são atos de facínoras e de homens maus, sobre os quais, toda vez que me ocorria encontrar algum, eu dizia: ‘Vai, que Deus o converta’”.  Então o frade falou: “Agora me diga, meu filho, que bendito seja Deus: alguma vez prestou

falso testemunho, ou falou mal de alguém, ou se apropriou de algo alheio sem o consentimento do dono?”. ✂ “Sim, meu senhor”, respondeu Ciappelletto, “já falei mal de outros: porque tive um vizinho que, para escândalo do mundo, só fazia bater na mulher, de modo que certa vez falei mal dele para os parentes da esposa, tanta era a pena que eu sentia da coitadinha, a qual, toda vez que ele bebia demais, apanhava como só Deus sabe.”



O frade então falou: “Pois bem, você me disse que foi comerciante: alguma vez enganou as pessoas como fazem os comerciantes?”. ✂ “Para ser sincero”, disse Ciappelletto, “sim, meu senhor, mas não sei a quem: recebi de alguém que me trouxe a paga de uns panos que lhe vendera e pus o dinheiro numa caixa, sem o contar; dali a um mês, notei que havia quatro moedas miúdas a mais; porém, como não reencontrei o tal homem, guardei os trocados dele por mais de um ano e depois os doei ao serviço de Deus.” ✂ Disse o frade: “Isso foi ninharia, e você fez bem em agir como agiu”. ✂ O santo frade fez ainda uma porção de perguntas, e a todas ele sempre respondeu da mesma maneira; e, quando já queria proceder à absolvição, Ciappelletto disse: “Senhor, tenho mais um pecado que ainda não lhe contei”. O frade indagou qual era, e ele então falou: “Lembro-

me de ter ordenado a um criado que varresse a casa num sábado, após a hora nona, e por isso, no santo domingo, não mantive o decoro necessário”. ✨
“Oh”, disse o frade, “isso é coisa de somedecameron nos.”

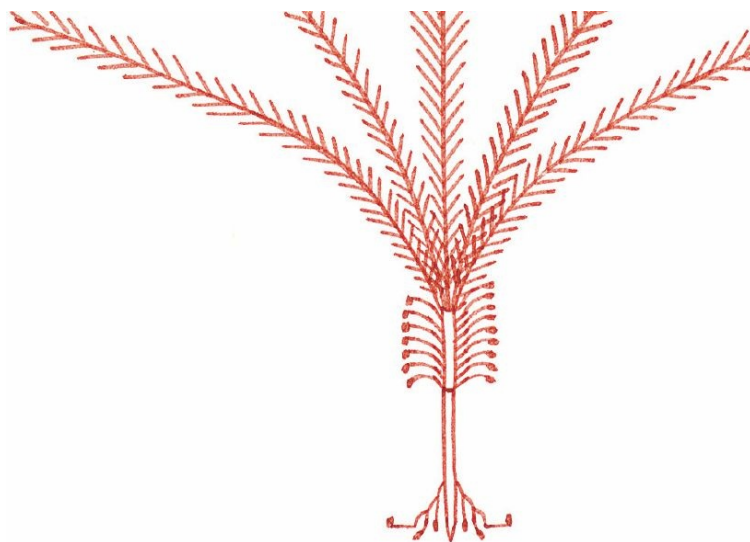


“Não”, exclamou Ciappelletto, “não diga isso, pois todo domingo deve ser reverenciado: foi nesse dia que Nosso Senhor ressuscitou da morte para a vida!”

✨ Disse então o frade: “E o que mais você fez?”. 🏰 “Meu senhor”, respondeu Ciappelletto,

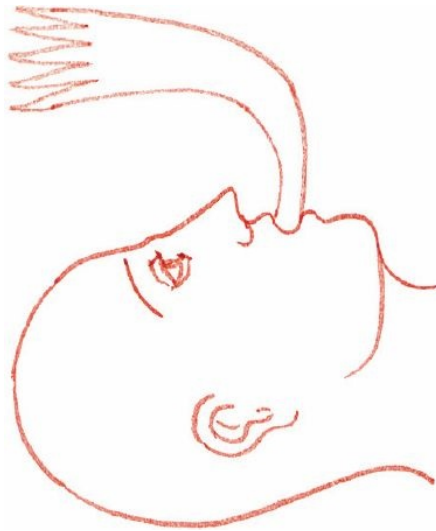
“certa vez, sem me dar conta, cuspi na igreja de Deus.” 🏰 O frade começou a sorrir e disse: “Meu filho, não se preocupe com isso: nós, que somos religiosos, todo dia cuspiamos nela”. Então Ciappelletto disse: “Mas fazem grande vilania, pois nada deve estar tão limpo quanto o templo sagrado onde se presta sacrifício a Deus”. ✨ Foram muitos os fatos desse tipo relatados por ele; por fim, começou a suspirar e, em seguida, a chorar forte, pois sabia chorar muito bem quando queria. 🏰 Disse o santo frade: “Meu filho, o que você tem?”. 🏰 Ciappelletto respondeu: “Ai, meu senhor, ainda me resta um pecado que nunca pude confessar, tão grande é a vergonha que sinto em revelá-lo; e, toda vez que me recordo, choro como o senhor está vendo, e me vem a certeza de que Deus jamais me perdoará por ele”.





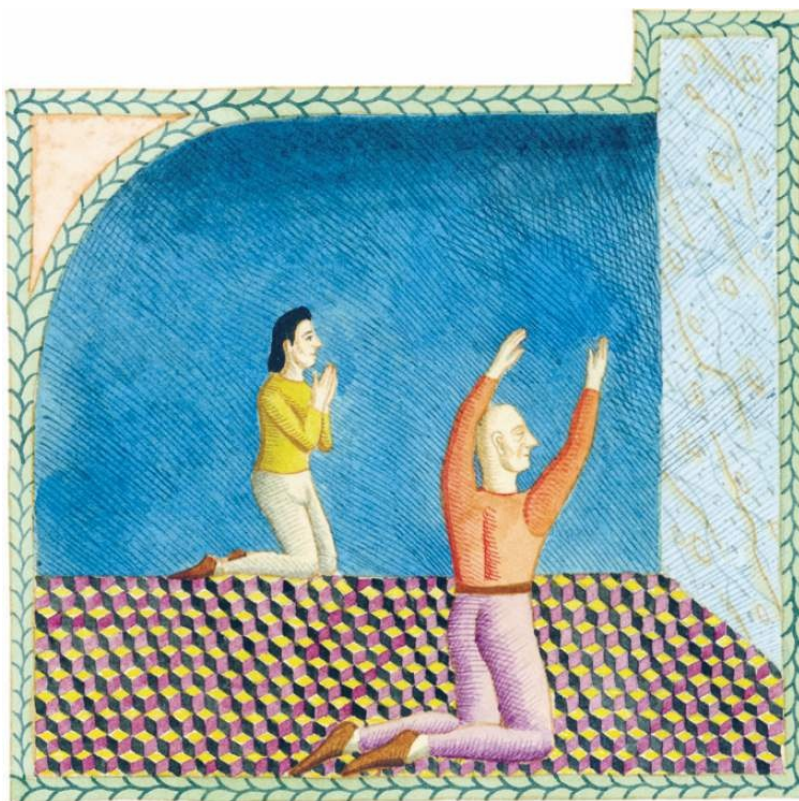
Então o santo frade falou: “Deixe disso, meu filho, o que você está dizendo? Se todos os pecados já cometidos pela totalidade dos homens – ou a serem ainda cometidos por todos os homens enquanto o mundo durar – se concentrassem num único homem, e ele se arrependesse e se mostrasse contrito tal como você, é tanta a bondade e a misericórdia de Deus que, ao se confessar, ele seria de pronto perdoado: portanto fale sem hesitação”. 🌿 Sempre chorando muito, Ciappelletto então disse: “Ai de mim, meu pai, meu pecado é grande demais, e mal posso acreditar – se suas preces não me socorrerem – que ele venha a ser perdoado por Deus”. A que o frade respondeu: “Fale sem hesitar, que eu lhe prometo orar a Deus por você”. 🐛 Ciappelletto continuava chorando sem dizer nada, enquanto o frade o encorajava a falar; depois que Ciappelletto, sempre aos prantos, manteve o frade em suspenso por um bom tempo, por fim lançou um forte suspiro e disse: “Meu pai, como o senhor me promete que rezará a Deus por mim, vou lhe confessar: quando eu era pequenininho, certa vez blasfemei contra mamãe”. E imediatamente recomeçou a chorar. 🌿 Disse o frade: “Meu filho, então isso lhe parece um grande pecado? Todos os dias os homens blasfemam contra Deus, e mesmo assim Ele perdoa de bom grado aqueles que se arrependem – e você não crê que ele possa perdoá-lo por tão pouco? Não chore, fique em paz, pois ainda que você fosse um daqueles que o puseram na cruz, ao ver sua contrição Ele certamente o perdoaria”. 🌿 Então Ciappelletto disse: “Ai de mim, meu pai, o que o senhor está dizendo? Minha mamãe querida, que me carregou no ventre dia e noite por nove meses, que me acolheu no colo centenas de vezes! Fiz muito mal em blasfemar contra

ela e cometi um enorme pecado; pecado que, se o senhor não orar por mim, jamais me será perdoado”. 🦋 Vendo o frade que não lhe restava nada a dizer a Ciappelletto, concedeu-lhe a absolvição e o abençoou, tomando-o por homem santíssimo, pois acreditara em tudo o que Ciappelletto lhe dissera; e quem não acreditaria ao ver um homem à beira da morte falando assim? 🦋 Depois de tudo isso, por fim lhe disse: “Messer Ciappelletto, com a graça de Deus o senhor logo estará curado; mas, se acaso o Senhor chamar para perto de si sua alma benévola e bendita, gostaria de ter seu corpo sepultado em nosso mosteiro?”. 🦋 Ao que Ciappelletto respondeu: “Sim, meu senhor; aliás, não desejaria estar em outro lugar após ouvir sua promessa de que rezaria a Deus por mim – sem dizer que sempre tive especial devoção por sua Ordem. Por isso lhe peço que, ao regressar a seu mosteiro, faça vir a mim o verdadeiro corpo de Cristo que, nas manhãs, o senhor consagra no altar; de modo que eu, embora não seja digno, possa com sua licença recebê-lo e, após a santa extrema-unção, se vivi em pecado, que ao menos morra feito cristão”. 🦋 O santo homem louvou aquelas palavras, disse que o faria com grande contentamento e logo em seguida mandou vir os sacramentos; e assim foi.



Os dois irmãos, muito temerosos de que Ciappelletto os ludibriasse, estavam postados rentes a uma divisória de madeira que isolava o quarto do enfermo, de modo que facilmente podiam ouvir e entender o que o homem dizia ao frade; e, escutando as coisas que o outro confessava ter cometido, às vezes tinham tanta vontade de rir que quase explodiam. E diziam entre si: “Mas que homem é este

que nem a velhice, nem a doença, nem o medo da morte – que já bate à porta –, nem o temor de Deus – diante de quem estará presente, daqui a pouco, para ser julgado – conseguiram demover de sua maldade nem convencê-lo a morrer diferentemente de como viveu?”. No entanto, ao verem que ele seria sepultado na igreja, não se importaram com mais nada.  Dali a pouco Ciappelletto comungou e, piorando irremediavelmente, recebeu a extrema-unção; por fim, no mesmo dia em que fez sua bela confissão, morreu logo após as vésperas. Com o dinheiro que deixou, os dois irmãos providenciaram tudo para que fosse sepultado com todas as honras e mandaram a notícia ao mosteiro dos frades, os quais, seguindo o costume, o velaram durante toda a noite e, pela manhã, prepararam o corpo para os funerais.  Ao saber de sua morte, o santo frade que o confessara foi ter com o prior e, fazendo soar os sinos, expôs aos religiosos reunidos em assembleia que o senhor Ciappelletto havia sido um santo homem, segundo o que ele mesmo colhera de sua confissão; e, esperando que Deus realizasse por seu intermédio muitos milagres, os persuadiu a receber aquele corpo com grande reverência e devoção. Crédulos, o prior e os frades concordaram com aquilo e, à noite, todos rumaram para onde jazia o corpo de Ciappelletto, ao qual prestaram uma grave e solene vigília; pela manhã, envergando alvas e capas de asperges, com os livros nas mãos e as cruzes erguidas, seguiram cantando em louvor ao defunto e, com enorme júbilo e deferência, o conduziram para sua igreja, acompanhados por quase todo o povo da cidade, homens e mulheres. Chegados à igreja, o santo frade que o havia confessado subiu ao púlpito e começou a pregar, evocando a vida do morto, seus jejuns, sua virgindade, sua simplicidade, inocência e santidade, narrando entre outras coisas o que Ciappelletto lhe confessara, aos prantos, ter sido o pior de seus pecados, e como ele mal conseguira convencê-lo de que Deus os perdoaria, voltando-se em seguida ao povo que o escutava com as seguintes palavras: “E vocês, malditos de Deus, que por qualquer pedrinha que encontram no caminho blasfemam contra Deus, a Virgem e toda a corte do Paraíso!”.



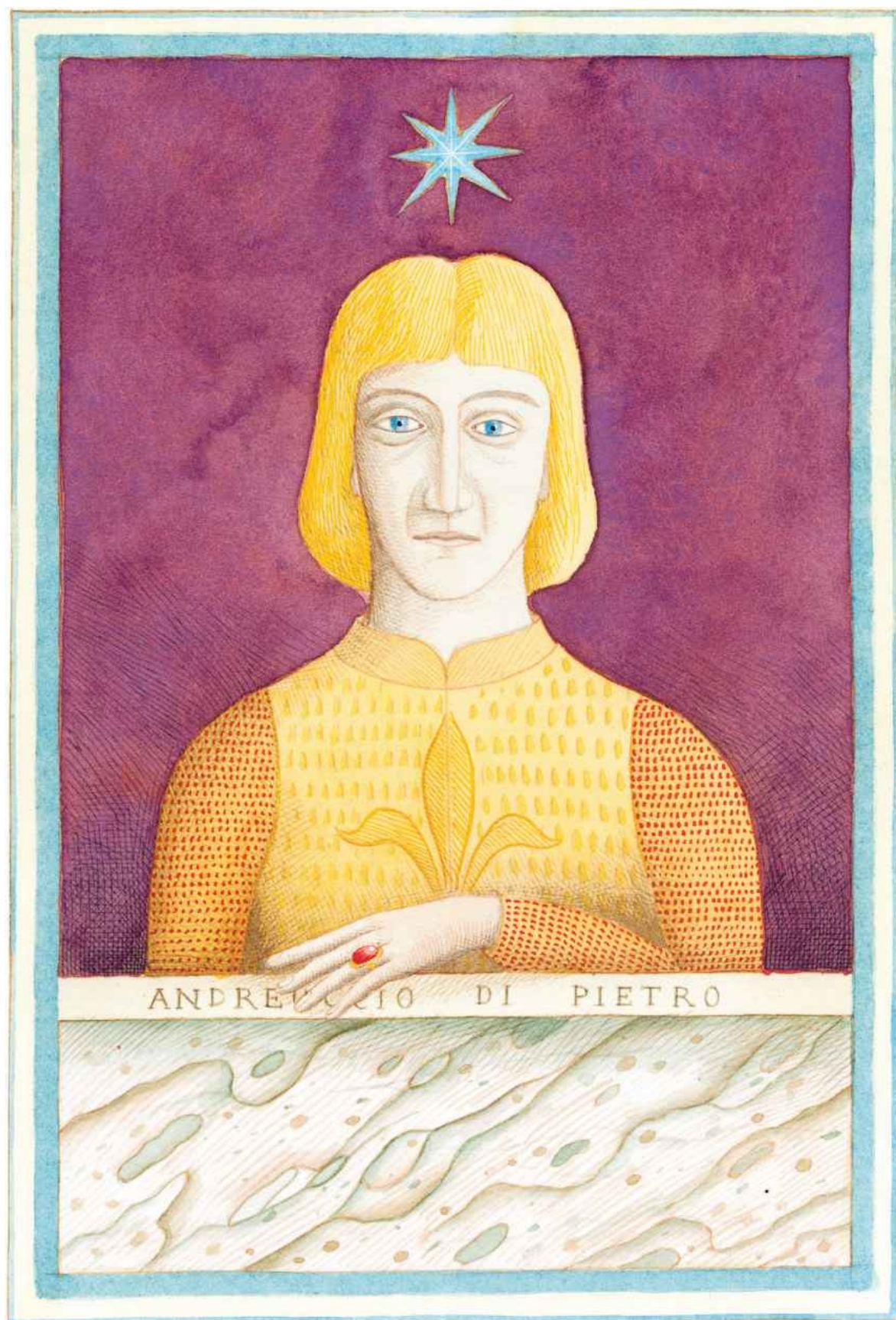
Além destas palavras, disse ainda muitas outras sobre a lealdade e a pureza do defunto; e em pouco tempo toda a gente da comunidade, que lhe prestava inteira fé, sentiu-se tão comovida com o devoto sermão que, encerrado o ofício, ocorreu em massa a fim de beijar os pés do morto e arrancar algum fiapo de pano que o cobria, e quem conseguia obter uma mínima parte de tal relíquia já se sentia um bem-aventurado; tanto que foi necessário mantê-lo ali durante todo o dia, para que pudesse ser visto e visitado pela multidão. Então, na noite seguinte, foi sepultado com todas as honras numa capela, dentro de um sarcófago de mármore; e já no dia seguinte, pouco a pouco, as pessoas começaram a visitá-lo e a acender velas e a adorá-lo, até que passaram a lhe pedir graças, depositando ali as imagens de cera conforme a promessa feita. A tal ponto cresceu a fama de sua santidade e a devoção a seu nome que quase toda a gente, diante de uma adversidade, rogava mais a ele que a qualquer outro santo; e o chamaram e ainda chamam de São Ciappelletto, atribuindo-lhe a realização de muitos milagres de Deus – milagres que se repetem todos os dias aos que devotamente lhe dirigem suas preces. ❖❖❖ Assim Messer Cepparello da Prato viveu, morreu e tornou-se santo, como todos ouviram. Não vou querer negar a possibilidade de que ele tenha sido abençoado na presença de Deus, porque, assim como levou uma vida

celerada e cruel, pode ter feito tal ato de contrição na hora derradeira que quem sabe Deus não teve misericórdia dele e o recebeu em seu Reino; mas, como se trata de algo oculto ao nosso entendimento, levando em conta o que se nos mostra, penso e afirmo que mais provavelmente ele deve estar nas mãos do diabo que no Paraíso. Se assim for, pode-se reconhecer quanto é grande a bondade de Deus perante nós, que, sem olhar nossos erros, mas a pureza de nossa fé, quando tomamos por intercessor um inimigo seu acreditando-o amigo, Ele nos atende como se tivéssemos recorrido à Sua graça por meio de um verdadeiro santo. Por isso, a fim de que nós, nesta companhia tão agradável, sejamos preservados sãos e salvos na atual adversidade por intermédio de Sua graça, louvando Seu nome como fizemos no início e prestando-Lhe reverência, confiemos firmemente em que nossas necessidades serão ouvidas.  E então se calou. 

* Os franceses costumavam chamar todos os italianos de lombardos, especialmente os comerciantes e usurários. [N. T.]



[SEGUNDA JORNADA | NOVELA 5] FIAMMETTA NOVELA DE ANDREUCCIO DA PERUGIA



Tendo ido a Nápoles para comprar cavalos, Andreuccio da Perugia é surpreendido por três graves incidentes, escapa a todos eles e retorna a casa com um rubi.



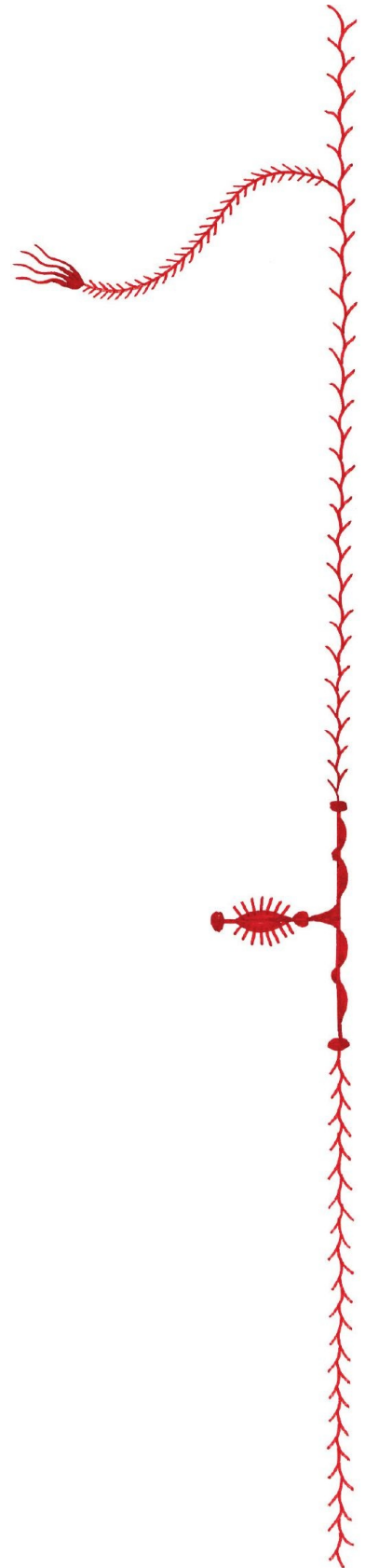
AS PEDRAS ENCONTRADAS por Landolfo – começou Fiammetta, a quem agora cabia a tarefa de contar a história – me fizeram vir à mente um caso não menos cheio de perigos que o episódio narrado por Lauretta, embora muito diferente, pois, como vocês irão ouvir, aquele transcorreu ao longo de vários anos, ao passo que este se concentra numa única noite.

Havia em Perugia, segundo ouvi dizer, um jovem comerciante de cavalos chamado Andreuccio di Pietro, que, tendo notícia de que Nápoles era um bom mercado de cavalos, meteu na bolsa quinhentos florins de ouro e, sem jamais ter saído de sua cidade, rumou para lá na companhia de outros mercadores. Chegou num domingo à tarde por volta das vésperas, informou-se na manhã seguinte com o dono da estalagem e foi ao Mercado; muitos cavalos viu e de muitos se agradou, tentando negociar vários deles, mas, como não conseguia fechar nenhum acordo, quis mostrar que estava ali para comprar e, matuto e pouco cauteloso, tirou seguidas vezes diante de quem ia e vinha aquela sua bolsa recheada de florins.  E, estando nessas tratativas e exibindo aqui e ali seu dinheiro, aconteceu que uma linda jovem siciliana, daquelas dispostas a satisfazer qualquer homem por pouco preço, passou-lhe ao lado sem que ele a visse e, notando a bolsa do rapaz, disse consigo: “Quem estaria melhor que eu se aquelas moedas caíssem em minhas mãos?”, e seguiu adiante. Estava com a jovem uma velha também siciliana, a qual, assim que avistou Andreuccio, deixou a companheira seguir adiante e logo correu para abraçá-lo afetuosamente; ao perceber isso e sem dizer palavra, a jovem começou a observá-la dali de onde estava. Voltando-se para a velha e a reconhecendo, Andreuccio a recebeu com muita alegria; ela prometeu visitá-lo mais tarde na estalagem e, sem mais

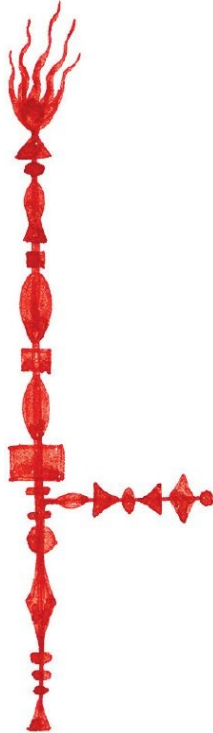
delonga, retomou seu caminho, enquanto Andreuccio voltou a negociar, mas sem nada comprar durante a manhã. A jovem, que antes observara a bolsa de Andreuccio e depois a familiaridade da velha com ele, tentando de algum modo apropriar-se daquele dinheiro, começou cautelosamente a indagar quem era o rapaz, de onde vinha, o que fazia ali e como ela o conhecera. A velha narrou com tantos detalhes cada particular da vida de Andreuccio que era como se ele mesmo o tivesse feito, dizendo que por muito tempo servira na casa do pai dele, primeiro na Sicília e depois em Perugia, e acrescentando ainda onde ele se hospedava e por que motivo estava na cidade.  Plenamente informada sobre seu parentesco e nomes de família, a jovem firmou a intenção de satisfazer sua cupidez valendo-se de sutil malícia; e, voltando para casa, manteve a velha ocupada por todo o dia a fim de que não pudesse tornar a ver Andreuccio; depois, chamando uma criadinha que ela instruía muito bem para esses serviços, mandou-a por volta das vésperas à estalagem onde Andreuccio estava.



Ao chegar lá, a jovem por acaso o encontrou sozinho à porta e indagou por Andreuccio. Ao responder que era ele mesmo, a criada o chamou à parte e disse: “Messer, uma nobre senhora desta cidade gostaria de lhe falar



quando for de seu agrado”. Diante daquela proposta, pensando em sua figura e considerando-se um belo rapaz, imaginou que a senhora devia estar apaixonada por ele, como se não houvesse outros belos jovens em Nápoles, e respondeu prontamente que estava à disposição, perguntando onde e quando a tal senhora pretendia encontrar-se com ele.  Ao que a criada respondeu: “Messer, quando quiser vir, ela o estará esperando em sua casa”.  Sem dizer nada na estalagem, Andreuccio prontamente falou: “Pode seguir na frente, que eu a acompanho”.  Então a jovem o conduziu até a casa da mulher, que habitava em uma zona chamada Malpertugio,^{*} e o próprio nome do local já dizia que tipo de bairro era aquele. Mas o rapaz, sem saber nem suspeitar de nada, acreditando ingenuamente que ia ter com uma mulher de bem num lugar honestíssimo, seguiu a criada que caminhava à frente e passou para dentro da casa; então, subindo pelos degraus e tendo já a criada chamado sua senhora – “Aqui está Andreuccio!” –, viu-a surgir no alto da escada, a esperá-lo.  Ela ainda era bastante jovem, de corpo exuberante, com um lindo rosto, e estava vestida e ataviada muito dignamente; assim que Andreuccio a avistou, ela desceu três degraus marchando a seu encontro de braços abertos e, envolvendo-lhe os ombros, ficou muda por alguns instantes, quase embargada por uma imensa ternura; por fim, com lágrimas nos olhos, beijou-lhe a testa e com voz trêmula disse: “Oh, meu querido Andreuccio, seja bem-vindo!”.  Completamente aturdido e maravilhado por tais carícias, o rapaz respondeu: “Senhora, o prazer de encontrá-la é todo meu!”.  Em seguida, ela o tomou pela mão, conduziu-o rapidamente até a sala e, dali, sem dizer nada, entrou em seu quarto todo perfumado de rosas, flor de laranjeira e outros aromas; então ele avistou um belíssimo leito cortinado e muitas roupas penduradas em cabides, segundo o costume de lá, bem como vários outros enfeites, e diante disso acreditou piamente que a mulher deveria ser no mínimo uma dama de alta linhagem.

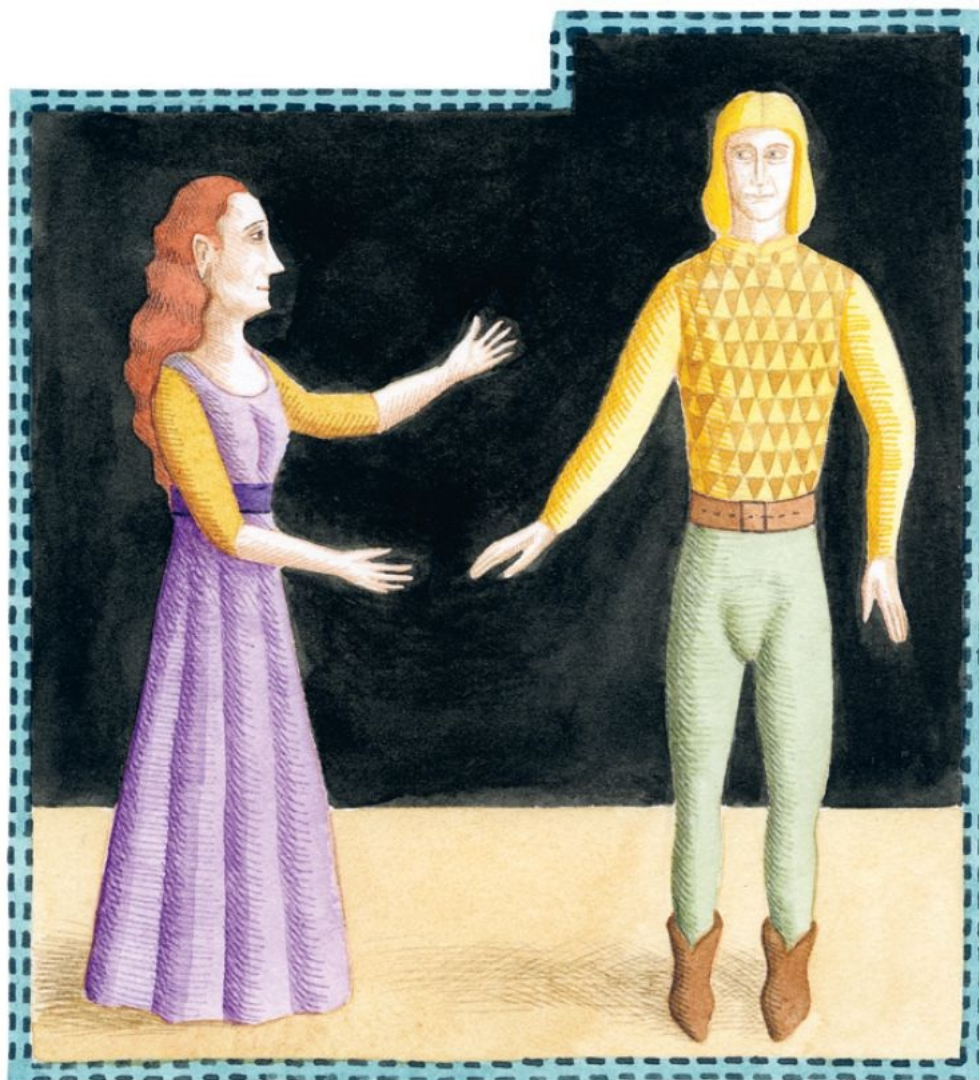


Assim, sentados juntinhos sobre um baú que havia ao pé da cama, ela se pôs a falar: “Andreuccio, estou certa de que o surpreendi com meus carinhos e minhas lágrimas, já que você não me conhece e talvez nunca tenha ouvido falar de mim. Mas agora seu espanto será ainda maior, porque sou sua irmã – porém lhe asseguro que, se Deus me concedeu a grande graça de ter encontrado ao menos um de meus irmãos antes de minha morte, e desejando conhecê-los todos, quando chegar minha hora morrerei consolada. E, caso você nunca tenha tido conhecimento desta história, vou contá-la agora. Pietro, nosso pai – como creio que você já teve ocasião de saber –, morou por muito tempo em Palermo, onde havia e ainda há muitos que o conheceram e amaram por sua bondade e gentileza. Mas, dentre todos os que muito o amaram, minha mãe – que era nobre e então já viúva – foi quem mais o amou, tanto que, superando o medo de contrariar o pai, os irmãos e a própria honra, ela por fim se juntou a ele, de modo que eu nasci e aqui estou, diante de você. Mais tarde, quando Pietro teve a ocasião de partir de Palermo e voltar a Perugia, abandonou minha mãe e a mim, ainda pequena, sem jamais – pelo que sei – ter-se lembrado de nós; e, se ele não fosse meu pai, eu o repreenderia duramente pela ingratidão que demonstrou para com minha mãe (deixemos de lado o amor que ele deveria ter dedicado a mim, nascida não de uma criada ou de mulher vil), a qual, movida por um amor fidelíssimo, depôs nas mãos dele tudo o que tinha e a si mesma, sem nem saber quem ele era.



Mas de que adianta? Malfeitos cometidos há tanto tempo são mais facilmente repreendidos que emendados: o fato é que a coisa ficou assim. Ele me abandonou ainda pequena em Palermo, onde, tendo eu crescido até quase o que sou hoje, minha mãe, que era mulher rica, deu-me por esposa a um cavaleiro de Agrigento, homem de bem que, por amor a mim e a minha mãe, foi morar em Palermo; e ali, por ser um aguerrido partidário guelfo, começou a tramar um acordo com nosso rei Carlo. Entretanto o rei Federigo logo descobriu o fato e, antes que se pudesse levá-lo a efeito, tivemos que fugir da Sicília justamente quando eu estava prestes a tornar-me a principal fidalga da ilha; assim, recolhemos as poucas coisas que podíamos (digo poucas em relação às muitas posses que tínhamos), deixamos terras, palácios e nos refugiamos nesta cidade, onde o rei Carlo foi tão generoso conosco que, ressarcidos em parte dos danos que por ele sofremos, deu-nos casas, propriedades e continuamente favorece meu marido – aliás, seu cunhado – com bons proventos, como você pode constatar. E aqui estou pela graça de Deus – e não sua, querido irmão –, onde finalmente pude encontrá-lo”. 🍷 Em seguida, ela o abraçou mais uma vez e, chorando ainda de ternura, beijou-lhe a fronte. 🍷 Ao ouvir a história tão pontual e coerentemente narrada por ela, que em nenhum momento deixara a palavra morrer entre os lábios ou tropeçar na língua, Andreuccio recordou-se de que o pai de fato tinha estado em Palermo e, conhecendo por conta própria como são os jovens, os quais facilmente se apaixonam na juventude, e vendo aquelas ternas lágrimas, os abraços e os beijos castos, tomou por mais pura verdade o

que ela dissera. Então, assim que a mulher terminou, ele disse: “Senhora, não se surpreenda com meu espanto; na verdade, seja porque meu pai por alguma razão nunca pensou em sua mãe e na senhora, seja porque, se pensou, isso jamais chegou a meus ouvidos, eu nada sabia a seu respeito, e era como se a senhora não existisse; mas minha alegria é duplamente maior por tê-la encontrado aqui: pelo inesperado e porque me sentia sozinho. E não conheço nobre que não se encantasse pela senhora, quanto mais eu, que sou um pobre mercador. Mas lhe peço que me esclareça um detalhe: como soube que eu estava aqui?”.  Ao que ela respondeu: “Soube esta manhã por uma pobre mulher que costuma frequentar minha casa, a qual, pelo que me disse, passou longo tempo em Palermo e em Perugia com nosso pai; e, se não fosse porque eu achava mais decoroso que você viesse à minha casa, e não eu à sua estalagem, já há muito teria ido visitá-lo”.

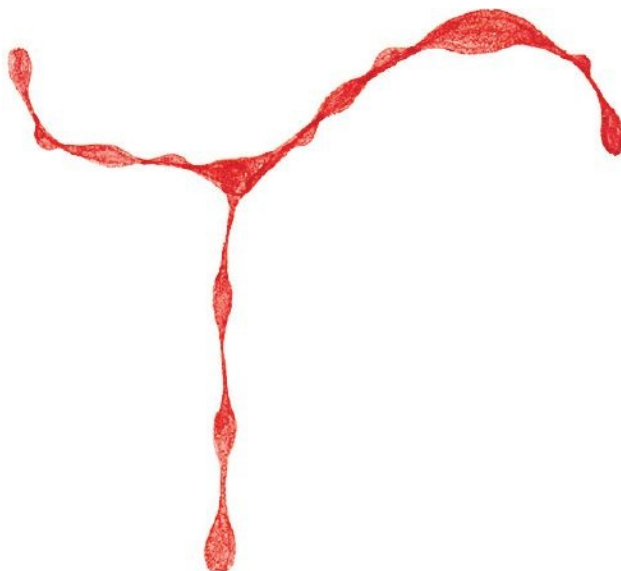


Após essas palavras ela começou a indagar detalhadamente sobre seus parentes, nome por nome, recebendo todas as respostas de Andreuccio, que acreditou mais ainda naquilo que não devia. ➤ Como a conversa foi demorada e o calor era grande, ela mandou servir vinho branco da região e confeitos a Andreuccio, que, desejando partir em seguida, pois já era hora do jantar, foi impedido por todos os meios, visto que a mulher se mostrou bastante magoada e o abraçou dizendo: “Ah, coitada de mim, bem vejo que você não me tem nenhum afeto! Como é possível que você tenha acabado de estar com uma irmã que nunca viu e, depois de vir aqui – aonde deveria ter vindo assim que chegou à cidade –, agora já quer sair para jantar na estalagem? De jeito nenhum! Você jantará aqui comigo: embora meu marido não esteja presente – o que muito lamento –, saberei fazer as honras da casa como uma dama”. ❀ Não sabendo o que responder,

Andreuccio disse: “Eu lhe tenho o afeto que se deve a uma irmã, mas, se não voltar à pensão, serei aguardado por toda a noite para o jantar, e não quero fazer uma descortesia”.  Ao que ela retrucou: “Louvado seja Deus, se não tenho em casa quem possa mandar dizer que não o esperem para a ceia! Embora fosse bem mais gentil e correto de sua parte mandar dizer a seus companheiros que venham jantar aqui; e depois, se ainda quisesse voltar à estalagem, vocês poderiam regressar todos juntos”.  Andreuccio respondeu que não queria companheiros naquela noite, mas, se essa era sua vontade, que ela fizesse o que bem entendesse. Então a mulher fingiu mandar alguém à estalagem dizer que não o esperassem para a ceia e, em seguida, após muita conversa, postos à mesa e servidos de esplêndidas iguarias, ela astutamente prolongou o banquete até noite avançada; por fim, quando se levantaram, Andreuccio manifestou o desejo de partir, mas ela disse que jamais aceitaria aquilo, visto que Nápoles não era cidade onde se pudesse andar à noite, sobretudo um forasteiro; e que, de resto, a estalagem já estava avisada de que ele não voltaria nem para o jantar, nem para dormir. Enganado em sua boa-fé, ele acreditou em tudo e, prazerosamente, aceitou pernoitar ali. Após o jantar, se entretiveram não sem razão em muitas e longas conversas, e, já havendo transcorrido uma parte da noite, ela cedeu seu quarto para Andreuccio e lhe disse que, se precisasse de algo, bastaria chamar o menino que estava ali; em seguida, recolheu-se em outro cômodo com suas criadas.  O calor era intenso, de modo que, ao ver-se só, Andreuccio logo despiu o colete e o que lhe cobria as pernas, pondo tudo na cabeceira da cama. E, sentindo a natural vontade de arriar o peso supérfluo do ventre, indagou ao menino onde podia aliviar-se, o qual lhe apontou uma porta no canto do quarto e disse: “Ali dentro”. Andreuccio entrou confiante e pôs o pé por acaso numa tábua que se havia desprendido da trave na parte oposta onde se apoiava, de modo que a madeira deu um salto e veio abaixo com ele; mas Deus lhe queria tão bem que a queda não o feriu minimamente, conquanto a altura fosse grande, deixando-o apenas coberto dos excrementos que inundavam o lugar. Para que compreendam o que lhes digo e o que seguirá, vou explicar melhor que tipo de local era aquele. Tratava-se de uma cabina sobre um canal estreito, como frequentemente vemos entre duas casas, sustentada por duas traves postas entre as construções, nas quais se fixavam algumas tábuas com o espaço para o assento, e foi justamente uma dessas tábuas que cedeu e o levou junto. 

Vendo-se no fundo do canal e lamentando-se do infortúnio, Andreuccio começou a chamar pelo menino; mas o moleque, assim que o ouviu cair, correu para avisar a mulher. Ela então foi às pressas para o quarto e rapidamente o vasculhou em busca das roupas; quando as encontrou emboladas com a bolsa de dinheiro, que por desconfiança ele levava tolamente a toda parte, se deu por satisfeita – ela que, sendo de Palermo, passou-se por irmã de um perugino e o fez cair em seu laço –, não se importando mais com o rapaz e mandando trancar imediatamente a porta a fim de impedi-lo de regressar. ❖ Ao perceber que o menino não respondia, Andreuccio pôs-se a chamar alto, mas isso de nada adiantou. Já suspeitoso e começando a se dar conta do engodo, trepou numa mureta que separava a rua do canal, desceu por ela e foi até a entrada da casa, que reconheceu de pronto; e ali começou a bater e a gritar, fazendo muito barulho. Ao ver com clareza a desgraça em que estava metido, passou a dizer aos prantos: “Ah, coitado de mim, que em tão pouco tempo perdi quinhentos florins e uma irmã!”. ❖ E, depois de muitas lamúrias, recomeçou a bater na porta e a berrar, fazendo tanto alarido que muita gente da vizinhança acordou e, não suportando aquilo, foi até a janela; entre elas havia uma criada da mulher, que, com a cara amassada de sono, irrompeu em grande insolência: “Quem está batendo aí?”. ❖ “Oh!”, disse Andreuccio, “por acaso não me conhece? Sou Andreuccio, irmão da senhora Fiordaliso.” ❖ Ao que ela respondeu: “Bom homem, você já bebeu demais, vá dormir e volte amanhã; não sei de nenhum Andreuccio nem estou entendendo essa sua conversa; vá embora e nos deixe dormir, por favor”.





“Como”, insistiu Andreuccio, “não sabe o que estou dizendo? Claro que sabe! Mas, se essa parentada da Sicília é assim, que em breve tempo se esquece das coisas, pelo menos me devolva as roupas que deixei aí, e seguirei meu caminho com a graça de Deus.”  Ao que ela falou quase rindo: “Bom homem, você deve estar sonhando”, e num piscar de olhos voltou para dentro e fechou a janela.  Diante disso, já tendo a certeza do prejuízo, Andreuccio esteve a ponto de converter em raiva sua grande ira, e com ofensas e violência tentou reaver o que não podia com palavras; de modo que apanhou uma pedra e recomeçou a bater ainda mais forte na porta. Então muitos dos vizinhos que haviam acordado e se levantado, acreditando ser ele um importuno que inventara tudo aquilo para injuriar uma boa mulher, foram à janela e, irritados com a barulheira, tal como os cães de uma rua latem para um cão forasteiro, começaram a gritar: “É uma grande cafajestada vir a esta hora à casa de uma boa mulher e dizer essas besteiras; eh!, vá com Deus, bom homem, e nos deixe dormir, por favor! Se tiver algo a tratar com ela, volte amanhã e não nos aporrinhe mais esta noite”.

Talvez incitado por aquelas palavras, um homem que estava dentro da casa, rufião da boa mulher, o qual até então não se fizera vivo, surgiu na janela e disse com vozeirão horrível e assustador: “Quem está aí embaixo?”  Ao som daquela voz, Andreuccio ergueu a cabeça e avistou um homem que lhe pareceu um figurão, com uma barba preta e espessa em volta do rosto, o qual esfregava os olhos e bocejava como se saísse

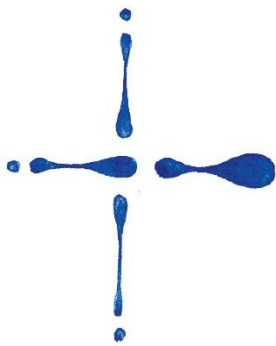


de um sono profundo; a quem, não sem algum medo, ele respondeu: “Sou um irmão da dona da casa”. Mas o sujeito não esperou que Andreuccio concluísse a resposta e, mais violento que antes, ameaçou: “Não sei por que me contendo e não desço para lhe dar tantas pauladas até arreventá-lo todo, seu asno estúpido e bêbado, que não deixa ninguém dormir de noite” – e, voltando para dentro, fechou a janela. Alguns vizinhos que bem conheciam aquele homem se aproximaram de Andreuccio e o aconselharam humildemente: “Pelo amor de Deus, bom homem, vá com Deus e não queira ser morto aqui esta noite; vá, pelo seu bem”.



Diante disso, assustado com a voz e a catadura do sujeito e impelido pelos conselhos daqueles que lhe pareceram movidos por caridade, Andreuccio rumou sem saber para onde, desesperado com a perda do dinheiro e sofrendo mais do que nunca, tentando achar o caminho de volta para o albergue. E, desgostoso da fedentina que seu corpo exalava, querendo ir ao mar a fim de lavar-se, dobrou à esquerda e subiu por uma via chamada rua Catalana. Assim, rumando para o alto da cidade, deparou-se com dois homens que desciam em sua direção carregando uma lanterna e, temendo que fossem da polícia ou quem sabe outros malfeitores, tentou fugir metendo-se por uma casa abandonada, que havia ali ao lado. Porém, quase como se também se dirigissem para lá, os dois homens entraram na mesma casa e um deles, arriando umas ferramentas que trazia ao ombro, começou a olhar o outro e a conversar sobre várias coisas. E, enquanto falavam, um deles disse: “Mas o que é isso? Estou sentindo o pior fedor que já senti em toda a minha vida”; então levantou a lanterna e ambos toparam com o pobre Andreuccio, a quem perguntaram assombrados: “Quem está aí?”. Andreuccio se mantinha calado, mas os dois se aproximaram com o lume e lhe

indagaram que imundície era aquela; então o rapaz contou tudo o que lhe havia acontecido. Já imaginando onde aquilo se passara, os dois disseram entre si: “Foi na casa do salafrário do Buttafuoco, com certeza”.  E, dirigindo-se a Andreuccio, um deles falou: “Bom homem, embora tenha perdido seu dinheiro, você deve dar graças a Deus por ter caído naquela fossa e ficado do lado de fora da casa; porque lhe garanto que, se isso não tivesse acontecido, assim que você pegasse no sono eles o matariam, e aí iam a vida e o dinheiro juntos. Mas, agora, de que adianta chorar? Recuperar seu dinheiro é tão impossível quanto possuir estrelas do céu: você pode acabar bem mal se ele souber o que anda falando por aí”.



Depois disso, a dupla confabulou entre si e lhe disse: “Olhe, estamos com pena de você; por isso, se quiser vir fazer uma coisinha com a gente, vai ver que se sairá com um bem mais valioso do que aquele que perdeu”. 

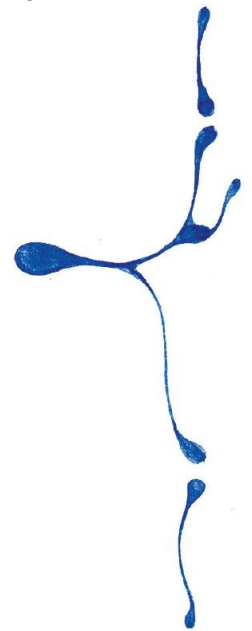
Como estava desesperado, Andreuccio respondeu que sim.



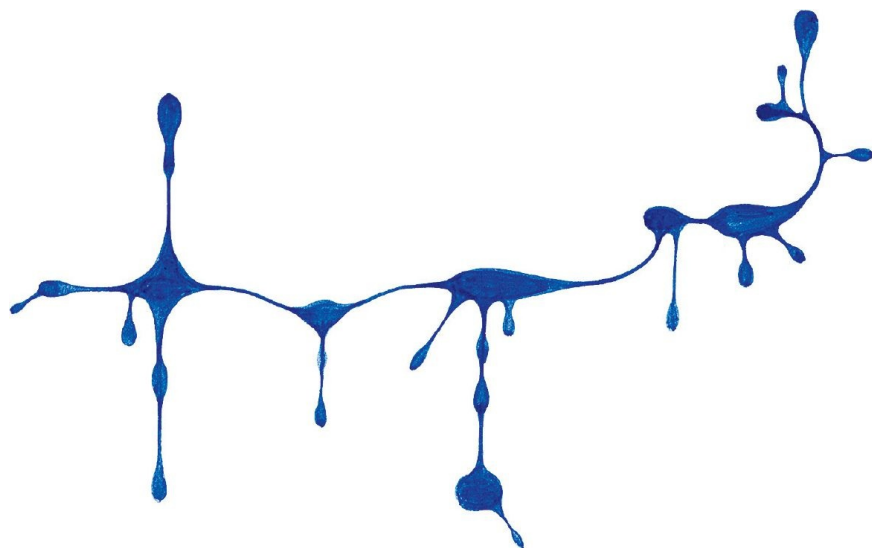
Naquele mesmo dia havia sido sepultado o arcebispo de Nápoles, Messer Filippo Minutolo, cujo corpo fora enterrado com riquíssimos paramentos e um anel de rubi no dedo que valia mais de quinhentos florins de ouro, e era atrás disso que os sujeitos estavam, como revelaram a Andreuccio.

Mais seduzido pelo ganho que pela prudência, Andreuccio seguiu com eles e, enquanto todos caminhavam para a catedral, um deles se queixou do fedor do rapaz: “Não haveria um jeito de ele se lavar em algum local para aliviar um pouco essa pavorosa fedentina?”.  Disse o outro: “Sim, aqui perto há um poço onde sempre fica um balde pendurado na corda; vamos lá e o lavamos depressa”.  Ao chegarem ao poço, encontraram a corda na roldana, mas o balde tinha sido levado embora; de modo que decidiram amarrá-lo à corda e descê-lo ao poço para que ali se lavasse e, depois de limpo, puxasse a corda como sinal para que o tirassem dali – e assim fizeram.

 Mas aconteceu que, tão logo o baixaram ao poço, apareceram uns guardas da Senhoria que, pelo grande calor e pela sede que sentiam após perseguirem alguém, tinham ido beber ali; quando os dois os



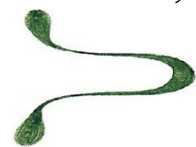
avistaram, imediatamente se puseram a fugir, sem que os guardas recém-chegados os notassem. E, como Andreuccio já terminara de lavar-se no fundo do poço, balançou a corda. Então os guardas arriaram seus escudos, suas armas, suas cotas e começaram a puxar a corda, achando que o peso era do grande balde cheio d'água. Assim que Andreuccio se viu próximo à borda do poço, largou a corda e se agarrou ali com as duas mãos. Ao verem aquilo, os guardas se assustaram terrivelmente e, sem dizer palavra, soltaram a corda e fugiram em desabalada carreira, para enorme surpresa de Andreuccio, que, se não estivesse bem seguro, teria caído no fundo e se machucado muito, ou quem sabe até morrido; após sair dali e topar com aquelas armas, que ele sabia não pertencerem a seus comparsas, o rapaz ficou ainda mais espantado.  Hesitante e sem saber o que fazer, queixando-se muito da sorte, Andreuccio resolveu ir embora sem tocar em nenhuma daquelas coisas – e foi vagando a esmo. Nisso se deparou com os dois companheiros, que vinham tirá-lo do poço; assim que o avistaram, os homens ficaram bastante surpresos e lhe perguntaram quem o havia retirado de lá. Andreuccio respondeu que não sabia, contando detalhadamente como tudo acontecera e o que havia encontrado fora do poço. Informados sobre o fato, os dois lhe disseram aos risos quem eram os homens que o haviam puxado e por que fugiram assustados. E, como já era meia-noite, todos seguiram em silêncio para a catedral, entraram na igreja com facilidade e foram até a tumba, que era toda de mármore e muito grande; então usaram suas barras de ferro para erguer a pesadíssima tampa do túmulo, tanto quanto bastava para que um homem entrasse, e a escoraram.  Feito isso, um começou a dizer ao outro: “Quem vai entrar aí dentro?”.



“Eu é que não.”



“Nem eu”, disse o primeiro, “então que entre Andreuccio!”  “Não vou fazer isso”, respondeu Andreuccio.



Então os dois se viraram para ele e disseram: “Não vai entrar? Em nome de Deus, se não entrar aí agora, a gente vai dar tanta pancada em sua cabeça com esta barra de ferro que você vai cair morto”.

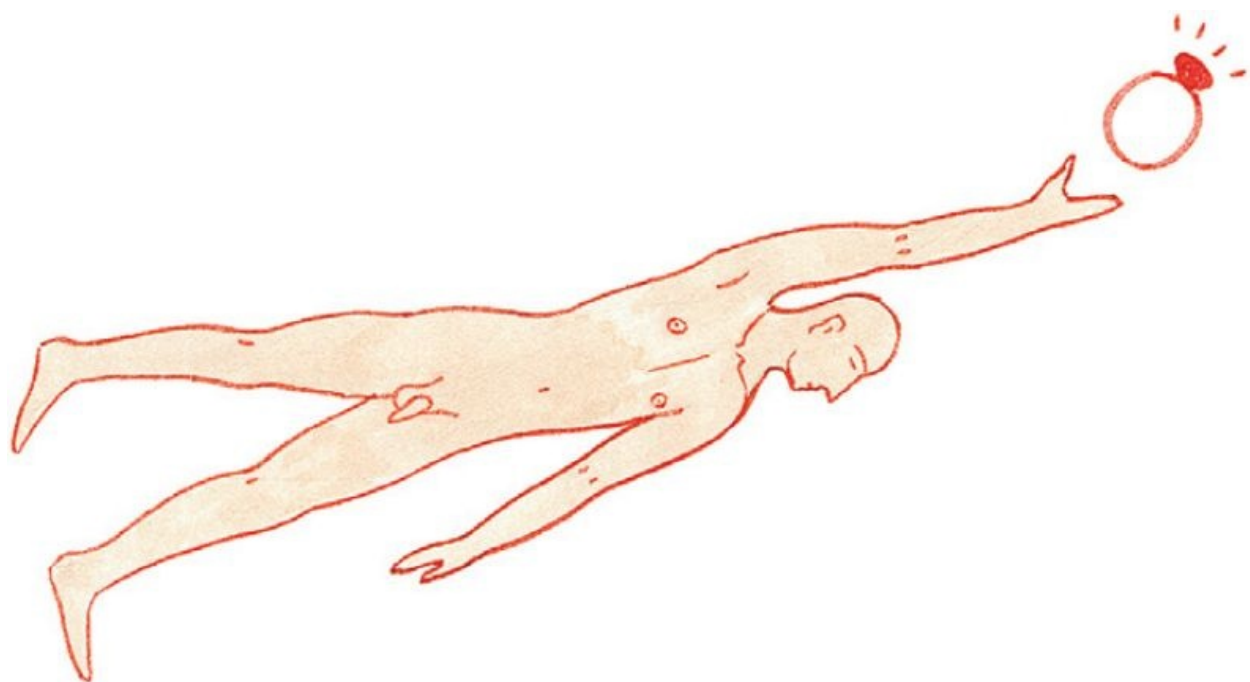




Andreuccio entrou morrendo de medo e, ao passar para dentro, pensou consigo: “Esses sujeitos me forçaram a entrar para me iludir, porque, assim que eu lhes der tudo na mão, enquanto estiver pensando para sair da tumba, os dois irão embora sem me deixar nada”. Por isso logo tratou de garantir o seu e, lembrando-se do caro anel de rubi do arcebispo, a primeira coisa que fez foi tirá-lo do dedo do morto e colocá-lo no seu; depois, tirou-lhe o báculo, a mitra, as luvas e o despiu até a camisa, passando tudo a eles e dizendo que não havia mais nada. Insistindo que o anel devia estar ali, os dois o mandaram procurar melhor; mas ele, respondendo que não o estava encontrando e fazendo cara de quem procurava, os fez esperar um bom tempo. Os sujeitos, que não eram menos espertos que ele, disseram que continuasse procurando e, no momento certo, tiraram a escora que sustentava a tampa da tumba e fugiram, deixando

Andreuccio fechado ali dentro. Ao perceber aquilo, cada um pode imaginar como o rapaz se sentiu.  Tentou várias vezes erguer a lápide com a cabeça e os ombros, mas todo esforço foi inútil; até que, vencido por uma dor intensa, desmaiou sobre o cadáver do arcebispo, e quem os visse naquele estado dificilmente reconheceria quem estava mais morto: o arcebispo ou ele. Porém, depois que voltou a si, desatou num choro convulsivo, vendo que fatalmente estava condenado a um dos dois fins: se não viesse ninguém, morreria de fome e sem ar naquele túmulo, em meio aos vermes e ao fedor do corpo morto; e, se aparecesse alguém, ao ser flagrado ali dentro, morreria enforcado como ladrão.

 Enquanto estava imerso nesses pensamentos dolorosos, ouviu som de passos e muitas vozes pela igreja; como ele logo percebeu, todos vinham fazer o mesmo que ele e seus companheiros já haviam feito, de modo que sentiu um grande medo. No entanto, depois que os recém-chegados conseguiram abrir a tumba e escorar a lápide, começaram a discutir quem deveria entrar, e ninguém se dispôs a isso; até que, depois de uma longa disputa, um padre falou: “Mas que medo é esse? Estão achando que o defunto morde? Os mortos não comem os vivos, e eu vou entrar aí dentro”. E, dizendo essas palavras, pôs o peito na beira do túmulo, virou a cabeça para fora e jogou as pernas para dentro, a fim de descer. Ao ver isso, Andreuccio ficou de pé, pegou o padre por uma das pernas e fez como se quisesse puxá-lo para baixo. No mesmo instante o padre soltou um berro medonho e pulou para fora do túmulo; todos então se assustaram terrivelmente e fugiram como se fossem perseguidos por cem mil diabos, deixando o túmulo aberto.  Quando Andreuccio viu aquilo, ficou feliz da vida, saltou depressa para fora e saiu da igreja pelo mesmo caminho por onde havia entrado; e, já se aproximando o dia, perambulou por aí com o anel no dedo, chegou até a beira-mar e topou com sua estalagem, onde os colegas e o estalajadeiro tinham passado a noite em claro, preocupados com seu paradeiro. Depois que ele contou tudo o que lhe havia acontecido, o estalajadeiro o aconselhou a partir de Nápoles imediatamente; ao que ele não pensou duas vezes e regressou sem demora a Perugia, de onde saíra para comprar cavalos e aonde agora voltava, após investir seu dinheiro em um anel de rubi.

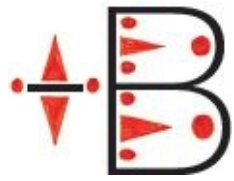


* Literalmente: “mau buraco”. [N. T.]

[TERCEIRA JORNADA | NOVELA 1] FILOSTRATO **NOVELA DE MASETTO DA
LAMPORECCHIO**

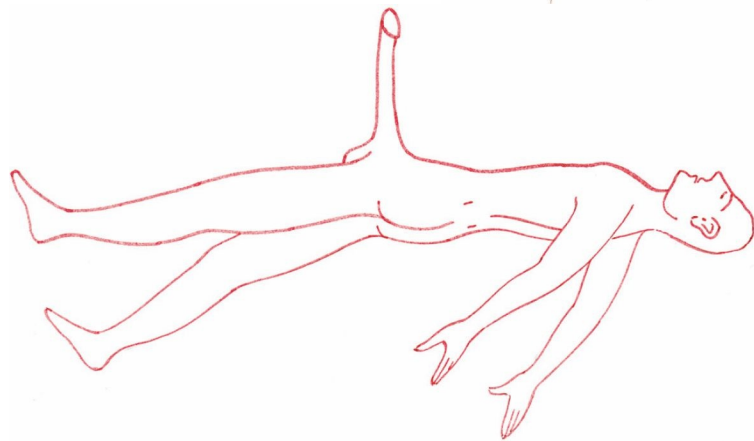
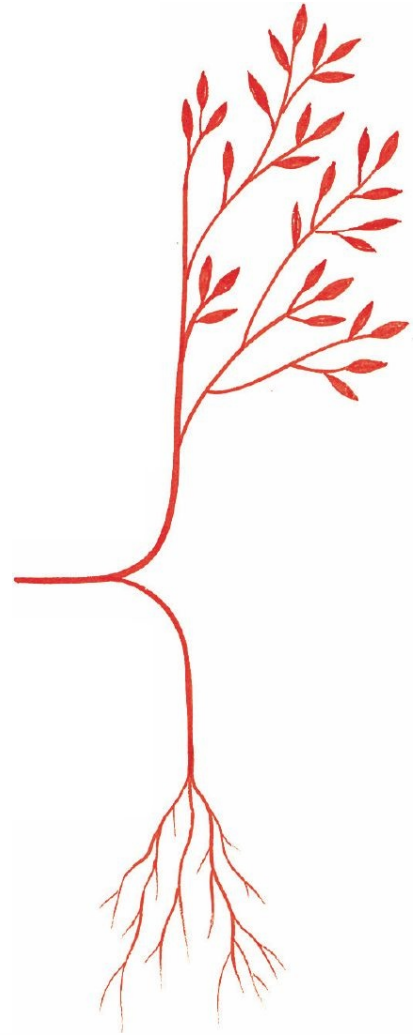


Masetto da Lamporecchio finge-se de mudo, torna-se jardineiro de um convento de freiras, e todas querem se deitar com ele.



ELÍSSIMAS DAMAS, HÁ uma infinidade de homens e de mulheres tão tolos a ponto de acreditarem que basta uma jovem pôr uma faixa branca na cabeça e vestir o hábito monacal preto para deixar de ser mulher ou sentir os apetites femininos, como se o fato de ser freira a tornasse de pedra; e, se acaso têm notícia de algo que possa contrariar sua crença, perturbam-se tanto como se um enorme pecado tivesse sido cometido contra a natureza, sem meditar nem querer olhar para si, que, não contentes com a licença para fazer o que querem, ainda desdenham das grandes forças do ócio e da disponibilidade. Do mesmo modo, ainda há aqueles que acreditam piamente que a pá e a enxada e a comida grosseira e o desconforto tiram inteiramente dos trabalhadores da terra os apetites concupiscentes, tornando-os brancos e pouco sensíveis. Mas, para mostrar-lhes como todos os que assim pensam se enganam, e posto que a rainha ordenou-me que o fizesse, contarei uma pequena novela sem sair do tema proposto. 🦀 Em nossa região houve e ainda há um convento bastante famoso por sua santidade (o qual não vou nomear para não lhe diminuir a fama) onde, não faz muito tempo, contando apenas com oito freiras e uma abadessa, e todas jovens, trabalhava um homenzinho encarregado de cuidar de um lindo jardim; mas este, descontente com o salário, pediu as contas ao administrador das freiras e regressou a Lamporecchio, sua cidade natal. Ali, entre os que o receberam com festas, havia um jovem lavrador forte e robusto, bem-apessoado para sua condição, chamado Masetto, que lhe perguntou onde estivera todo aquele tempo. O bom homem, que se chamava Nuto, passou todas as informações, ao que Masetto lhe perguntou qual era seu serviço no convento. Então Nuto respondeu: “Eu trabalhava no jardim delas, um jardim grande, bonito, e além disso ia ao bosque pegar lenha, buscar água, e outros servicinhos desse tipo; mas as freiras me davam um salário tão baixo que eu mal tinha dinheiro para os calçados. De resto, todas são jovens e acho que têm o diabo no corpo, porque nada que se fazia era do agrado delas. Ao contrário, quando eu estava trabalhando na horta, ora uma dizia ‘Ponha isso aqui’, ora outra ‘Ponha aquilo aqui’, e outra me tirava a enxada da mão dizendo ‘Isto não está bom’, e

me irritavam tanto que eu abandonava o trabalho e saía da horta; de modo que, seja por uma coisa, seja por outra, não quis continuar ali e vim para cá. Aliás, quando fui embora, o administrador do convento me disse que, se eu soubesse de alguém bom para o serviço, que o mandasse para lá, e eu prometi que sim: mas Deus sabe se vou procurar ou mandar alguém para aquilo”.

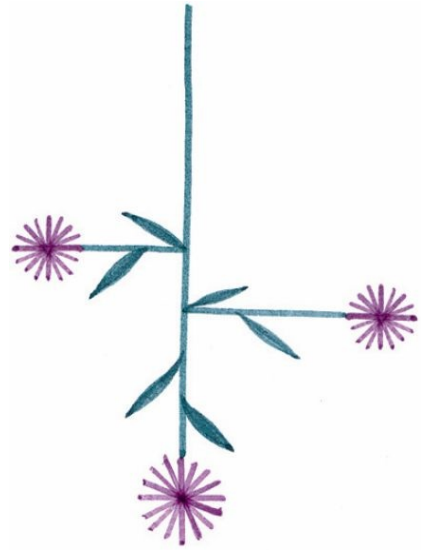


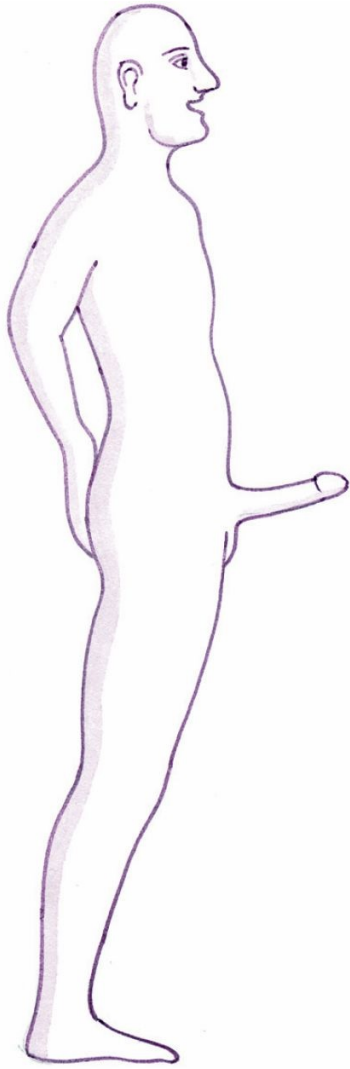
Ao ouvir as palavras de Nuto, Masetto sentiu um desejo tão forte de estar com as freiras que mal cabia em si, compreendendo pelas palavras de Nuto que ele poderia arranjar um jeito de satisfazer sua vontade; e, percebendo que nada conseguiria se dissesse isso a Nuto, falou: “Ah, você fez bem em voltar para cá!

Coitado do homem que vive entre mulheres! Seria melhor ficar com o diabo: de nove entre dez, elas mesmas não sabem o que querem”.  No entanto, depois de se despedirem, Masetto começou a pensar que caminho deveria seguir para estar com elas; e, consciente de que sabia fazer aqueles serviços mencionados por Nuto, não teve medo de ser recusado no emprego por não dar conta, mas por ser demasiado jovem e vigoroso. Então, depois de muito ruminar, imaginou: “O lugar é bem distante daqui, e ninguém me conhece por aquelas bandas; se eu souber me fingir de mudo, com certeza serei contratado”.  E, firmando-se nessa ideia, partiu para o mosteiro com um machado no ombro, sem dizer nada a ninguém, como se fosse um pobre jovem; chegando lá, passou para dentro e por sorte encontrou o administrador no pátio, a quem se dirigiu fazendo seus gestos de mudo, pedindo pelo amor de Deus um pouco de comida e indicando que, se fosse preciso, ele poderia rachar lenha. O administrador o alimentou de bom grado e, em seguida, pôs diante dele a lenha que Nuto não tivera tempo de rachar; e ele, que era fortíssimo, terminou o serviço num piscar de olhos. O administrador, que precisava ir ao bosque, o levou consigo e ali o fez cortar mais lenha; depois, colocando um burrico na sua frente, fez gestos para que ele entendesse que deveria levar as madeiras para casa. O homem fez tudo muito bem, de modo que o administrador o manteve consigo durante vários dias e lhe passou alguns trabalhos que precisavam ser feitos; até que, certa manhã, a abadessa o viu e perguntou ao administrador quem era ele.  O homem então respondeu: “Minha senhora, este aqui é um pobre surdo-mudo que apareceu nesses dias pedindo esmola, eu o tratei bem e mandei adiantar vários serviços que precisavam ser feitos. Se ele soubesse trabalhar na horta e quisesse ficar, acho que poderia prestar bons serviços aqui, porque ele necessita de emprego, é forte e poderia ajudar no que for preciso; além disso, não haveria a preocupação de que ele ficasse de conversa com suas jovens”.

Ao que a abadessa disse: “Deus seja louvado, você tem razão! Veja se ele sabe trabalhar e tente mantê-lo aqui; dê-lhe um par de sapatos, uns capuchos velhos, trate-o bem, com boa comida”.  O administrador disse que o faria. Masetto não estava longe dali e, enquanto fingia varrer o pátio, escutava atentamente aquelas palavras, dizendo alegre para si: “Se me botarem aqui dentro, vou trabalhar tão bem seu jardim como ele nunca foi trabalhado”.  Então, ao ver que o rapaz tinha talento para o ofício, o administrador lhe perguntou por

gestos se gostaria de ficar ali, ao que o rapaz respondeu gesticulando que faria o que fosse do agrado do administrador; este o contratou imediatamente, ordenou que cuidasse do jardim e mostrou o que mais precisaria fazer; em seguida, foi tratar de outros assuntos do convento e o deixou ali. Ele trabalhou dia após dia, até que as freiras começaram a incomodá-lo e a zombar dele, como frequentemente fazem com os surdos-mudos, dizendo-lhe as palavras mais torpes do mundo e achando que ele não as ouvia; já a abadessa, que talvez o achasse, além de surdo, inofensivo, não se importava minimamente com aquilo.  Mas aconteceu que, um dia em que ele havia trabalhado muito e estava repousando, duas freiras jovencinhas que caminhavam pelo jardim se aproximaram de onde ele estava e começaram a observar o rapaz, que fingia estar dormindo; até que a mais atrevida disse à outra: “Se eu achasse que podia confiar em você, lhe contaria um pensamento que tive várias vezes, e que talvez também pudesse lhe agradar”.





E a outra respondeu: “Pode ficar tranquila, que eu nunca vou contar a ninguém”. ➡ Então a atrevida começou: “Não sei se você já parou para pensar como nós vivemos isoladas, já que nenhum homem ousa entrar aqui exceto o administrador, que já é velho, ou então esse mudo; mas já ouvi de várias mulheres que passaram por aqui que todas as delícias do mundo não são nada em comparação à que a mulher experimenta com um homem. Por isso muitas vezes cogitei que, se não posso fazer com outro, por que não experimentar com esse mudo? E ele é o mais conveniente para o caso, porque, mesmo se quisesse, não poderia nem saberia dizer nada aos outros: dá para ver que é um rapagão besta, que só tem tamanho. Agora quero saber o que você acha da ideia”.



“Ai”, respondeu a outra, “o que é que você está dizendo? Não sabe que prometemos nossa virgindade a Deus?”  “Oh”, disse ela, “quantas coisas lhe são prometidas todos os dias, e depois não se cumpre nenhuma! Se fizemos promessa a Ele, que encontre outras que a mantenham.”  Ao que a companheira retrucou: “E se a gente engravidasse, como é que seria?”. Então ela disse: “Você já está pensando no mal antes que ele aconteça; se por acaso isso acontecesse, aí se pensaria no fato: deve haver mil meios de agir sem que nunca se saiba, basta que a gente não fale nada”. Ao ouvir aquelas palavras, a outra, que tinha ainda mais vontade de experimentar que tipo de animal era o homem, disse: “Então está bem, como vamos fazer?”.  E ela respondeu: “Veja que estamos na hora da sesta, e eu acho que todas as freiras estão dormindo, menos nós duas; vamos ver se há alguém no jardim e, se não houver ninguém, só precisamos pegá-lo pela mão e levá-lo para aquela cabana onde ele se abriga quando chove; e ali, enquanto uma estiver lá dentro com ele, a outra fica de fora, montando guarda. Ele é tão bobo que vai fazer o que a gente quiser”. 



Masetto estava escutando toda a conversa e, disposto a obedecer a tudo, só esperava que uma das duas o levasse pela mão. As jovens olharam bem ao redor e, notando que não podiam ser vistas por ninguém, a que primeiro falara se aproximou de Masetto, despertou-o, e ele imediatamente ficou de pé; então, com gestos muito graciosos, ela o pegou pela mão enquanto ele sorria abobalhado e o levou para a cabana, onde Masetto, sem se fazer de rogado, fez tudo o que a moça queria. Depois de ter o que desejava, a leal companheira cedeu lugar à amiga, e Masetto, sempre se mostrando ingênuo, satisfez suas vontades; de modo que, antes de se irem dali, cada uma quis provar mais de uma vez se o mudinho sabia montar, e depois, várias vezes conversando entre si, diziam que aquilo era mesmo muito bom, até melhor do que tinham ouvido falar – e, toda

vez que surgia um momento oportuno, iam brincar com o mudo. 

Acontece que, certo dia, uma das freiras viu toda a cena da janelinha de sua cela e mostrou a outras duas. A princípio, chegaram à conclusão de que deviam denunciar o fato à abadessa, mas depois mudaram de ideia e, de comum acordo, se tornaram partícipes do poder de Masetto; de modo que as outras três, em diversas ocasiões, se tornaram companheiras do rapaz. Por fim a abadessa, que ainda não havia percebido nada, caminhando solitária pelo jardim num dia de muito calor, topou com Masetto, que, exausto durante o dia pelo excesso de atividade noturna, dormia derreado à sombra de uma amendoeira; e, como o vento lhe descobrira a túnica na parte da frente, estava todo à vista. Deparando-se com aquilo e vendo que estava sozinha, cedeu ao mesmo apetite a que suas freirinhas haviam cedido e, despertando Masetto, o conduziu a seu quarto, onde por vários dias o manteve para o queixume geral das freiras – já que o jardineiro não vinha trabalhar em sua horta –, provando e tornando a provar aquelas delícias que ela, mais que todas, costumava censurar. 

Até que, depois de mandá-lo de volta a seu quarto e requisitá-lo muitas vezes, como quem quer o todo em vez da parte, Masetto, já não podendo satisfazer a tantas, se deu conta de que poderia acabar em maus lençóis caso insistisse naquela mudez; por isso, certa noite em que estava com a abadessa, soltou a língua e começou a falar: “Minha senhora, já ouvi dizer que um galo é suficiente para contentar dez galinhas, mas que dez homens não bastam para satisfazer uma mulher; ora, em meu caso preciso servir a nove, de modo que por nada deste mundo eu poderia durar neste estado; aliás, por tudo o que fiz até agora, cheguei a tal ponto que já não sou capaz de mover uma palha; portanto, ou a senhora me deixa ir com a bênção de Deus, ou encontra uma solução para o problema”. 

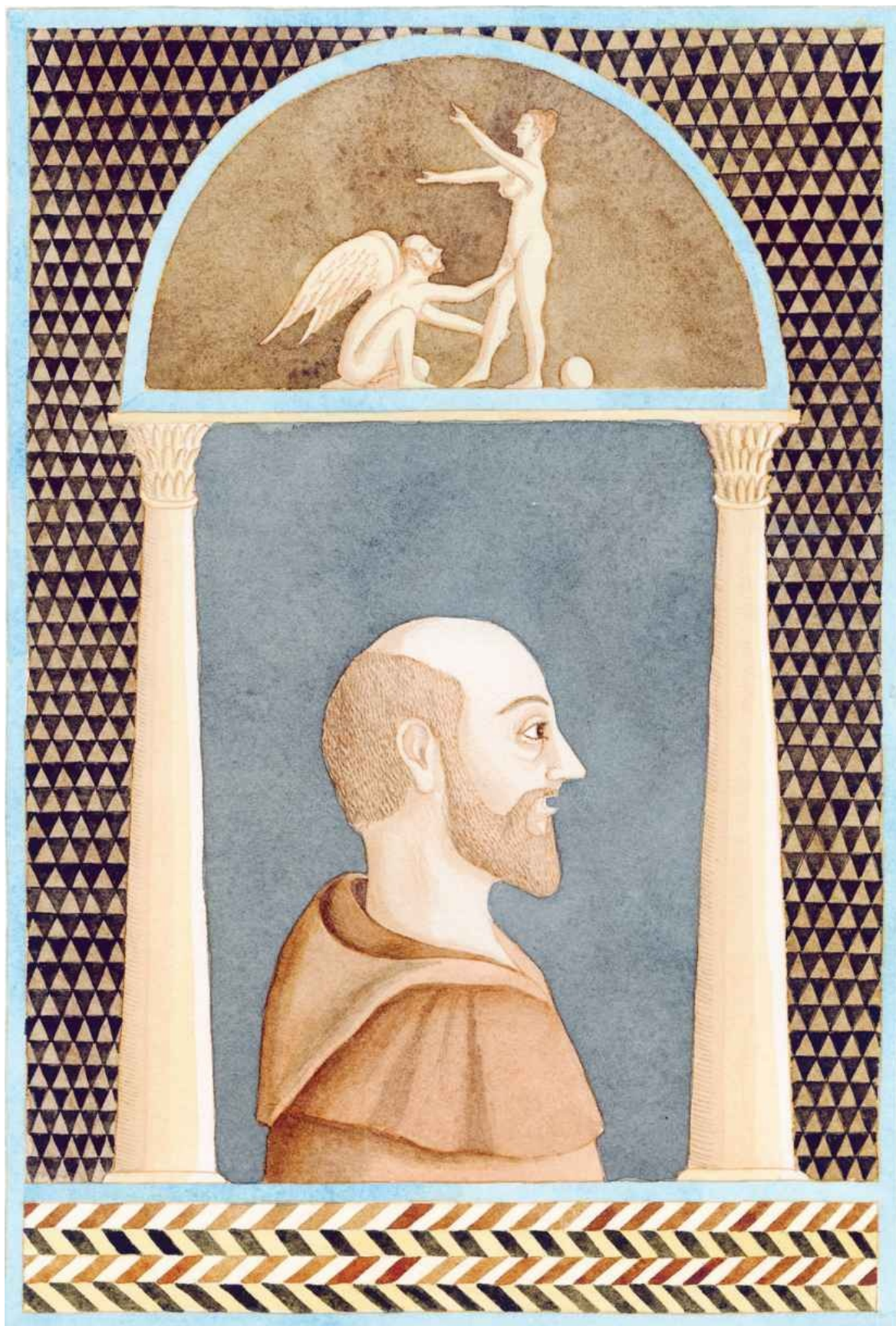
Ao ouvir falar aquele que até então considerara mudo, a mulher se espantou e disse: “O que é isso? Eu achava que você fosse mudo”.  “Minha senhora”, respondeu Masetto, “eu era mudo, mas não de nascença, e sim por causa de uma enfermidade que me tirou a fala; esta é a primeira noite em que sinto que ela me foi restituída, e por isso agradeço a Deus com todas as minhas forças.”

A mulher acreditou e lhe perguntou o que significava aquilo de ter que servir a nove. Masetto contou tudo o que vinha acontecendo, e a abadessa se deu conta de que suas freiras eram bem mais espertas que ela; de modo que, para não deixar Masetto partir, decidiu reunir as irmãs e encontrar uma solução discreta

para o caso, a fim de que o convento não fosse desonrado por Masetto. E, como o administrador havia morrido naqueles dias, depois que todas expuseram os atos cometidos até ali, de comum acordo – e para a delícia de Masetto – fizeram com que as pessoas da localidade acreditassem que, por meio de suas orações e pela força do santo a quem o convento era devotado, Masetto reconquistara a fala após um longo período de mudez; então o promoveram a administrador e de tal modo distribuíram suas atribuições que ele pôde contentar a todas – e tanto labutou que acabou gerando uma penca de fradezinhos. Mas a coisa prosseguiu tão discretamente que nada se ouviu falar senão após a morte da abadessa, quando Masetto já estava à beira da velhice e desejoso de voltar rico para sua casa – o que, depois de revelado o caso, ele obteve sem dificuldade. Assim, já velho, pai de muitos filhos e abastado, sem ter que penar para nutri-los ou gastar com eles, tendo sabido graças à sua esperteza empregar bem sua juventude, Masetto, que havia saído apenas com um machado no ombro, mais tarde regressou, afirmando que Cristo assim tratava quem lhe punha chifres sobre a coroa.



[QUARTA JORNADA | NOVELA 2] PAMPINEA **NOVELA DE FREI ALBERTO DA IMOLA**



Frei Alberto dá a entender a uma senhora que o anjo Gabriel apaixonou-se por ela e, sob essa forma, várias vezes se deita com a mulher. Perseguido por parentes dela, foge com medo por uma janela e se refugia na casa de um homem pobre, o qual no dia seguinte o conduz à praça fantasiado de selvagem, onde é descoberto, detido por outros frades e encarcerado.



NOVELA QUE FIAMMETTA tinha acabado de contar levava as amigas às lágrimas em diversos momentos; no entanto, encerrada a história, o rei falou com expressão sombria:  – Daria esta minha vida de pouco valor pela metade do prazer que Ghismunda experimentou com Guiscardo, o que não lhes deve causar nenhum espanto, já que sinto em vida mil mortes a cada hora, que não me deixam uma só nesga de alegria. Agora, porém, pretendo conter meus sofrimentos dentro de seus limites e convidar Pampinea a prosseguir nossas novelas tristes, em parte semelhantes a meu estado; e sei seguramente que ela, após Fiammetta ter dado início a esta jornada, fará cair algum orvalho sobre o fogo que me consome.  Atendendo ao pedido que lhe foi posto, Pampinea, mais inclinada a contentar o espírito das amigas em vez de apenas seguir a ordem real, dispôs-se a diverti-las e começou a narrar uma novela que, sem sair do tema proposto, também faria rir:  – O povo costuma dizer o seguinte provérbio: “O mau tido por bom pode fazer o mal sem ser notado”. Esta máxima me dá ampla matéria para o que lhes pretendo contar hoje e, de resto, demonstra quanto é grande a hipocrisia dos religiosos, que, com panos largos e longos, rostos artificialmente pálidos, vozes humildes e mansas ao pedir, mas duras e ferozes ao condenar nos outros seus próprios vícios, querem fazer crer que a salvação consiste em que lhes doemos tudo sem que eles nada nos deem; além disso, não acham que precisam conquistar o Paraíso como nós, mas, quase como se fossem seu dono e senhor, dão a cada um que morre um lugar melhor ou pior, a depender da quantidade de dinheiro que lhes é deixada, e com isso creem favorecer primeiro a si mesmos e,

depois, àqueles que prestam fé a suas palavras e são por eles enganados. De modo que, se me fosse permitido revelar o que sei a seu respeito, diria a muita gente simples o que eles levam escondido sob suas capas larguíssimas. Mas quisera Deus que suas mentiras fossem desmascaradas tal como aconteceu a um frade menor, homem já maduro, considerado em Veneza um dos maiores sacerdotes, cuja história terei enorme prazer em contar-lhes e, quem sabe, aliviar com risos e alegria suas almas cheias de compaixão pela morte de Ghismunda.

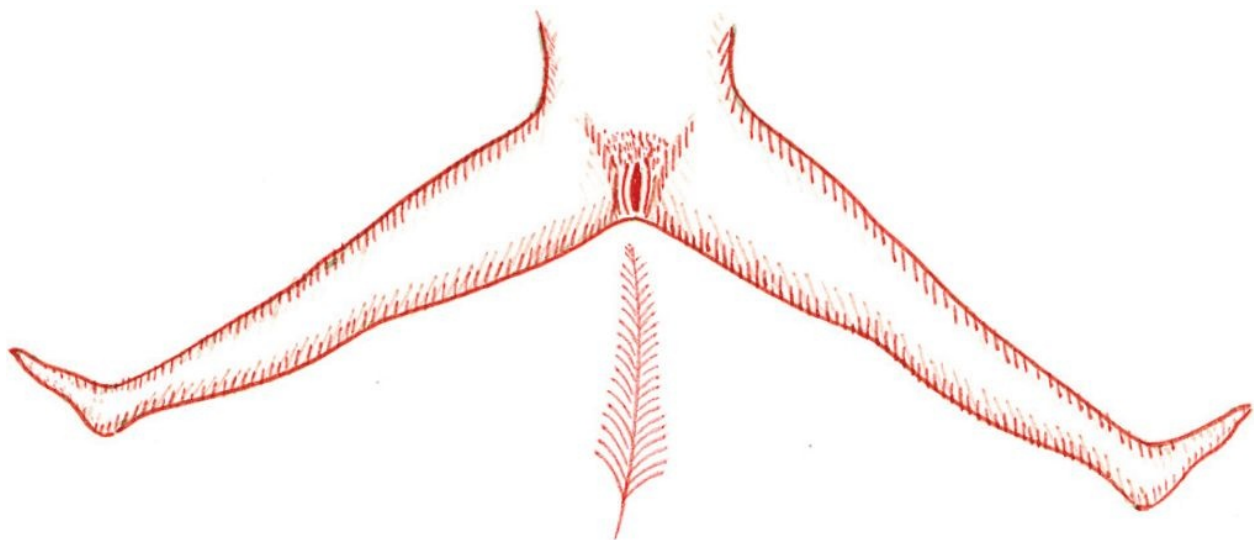


Então, minhas virtuosas amigas, havia em Imola um homem de vida celerada e corrupta, conhecido por Berto della Massa, cujos atos infames, sabidos por todos da cidade, o levaram a cair em tal descrédito que em Imola já não havia quem acreditasse em nenhuma palavra que dissesse, fosse verdade ou mentira; assim, ao perceber a impossibilidade de seguir ali com suas trapaças, mudou-se feito um desesperado para Veneza,  cidade acolhedora de todos os vícios, e aí cogitou outra maneira de dar vazão a seus maus atos. E, quase como roído na consciência pelas más ações cometidas no passado, mostrando-se arrebatado por grande humildade e tornando-se mais católico que qualquer outro, fez-se frade menor e adotou o nome de frei Alberto da Imola, passando a levar aos olhos de todos, sob essas novas vestes, uma vida dura e ascética, recomendando muito a penitência e a abstinência e deixando de comer carne ou beber vinho, como se o repugnassem. Mas nunca se viu ninguém que, tendo sido ladrão, rufião, falsário e homicida, tenha de repente se convertido em grande pregador sem por isso aniquilar os antigos vícios, os quais se manifestam tão logo se lhes dê a ocasião de exercitá-los ocultamente. Como se não bastasse, o homem fez-se padre e, sempre que rezava missa no altar, ao ver a igreja cheia, chorava a Paixão do Salvador com aquela facilidade dos bons atores. O fato é que em pouco tempo, com seus sermões e suas lágrimas, ele soube cativar a tal ponto a confiança dos venezianos que logo se tornou o fiel depositário de quantos testamentos se fizessem, o guardião do dinheiro alheio, o confessor e conselheiro da maior parte dos homens e das mulheres; e assim, transformando-se de lobo em pastor, ameahou na região uma fama de santidade bem maior que a do próprio São Francisco em Assis.

Aconteceu então que uma jovem tola e tonta, chamada Lisetta dos Quirino, esposa de um rico mercador que havia partido com seus barcos para Flandres, foi-se confessar na companhia de algumas damas com esse santo frade; e,

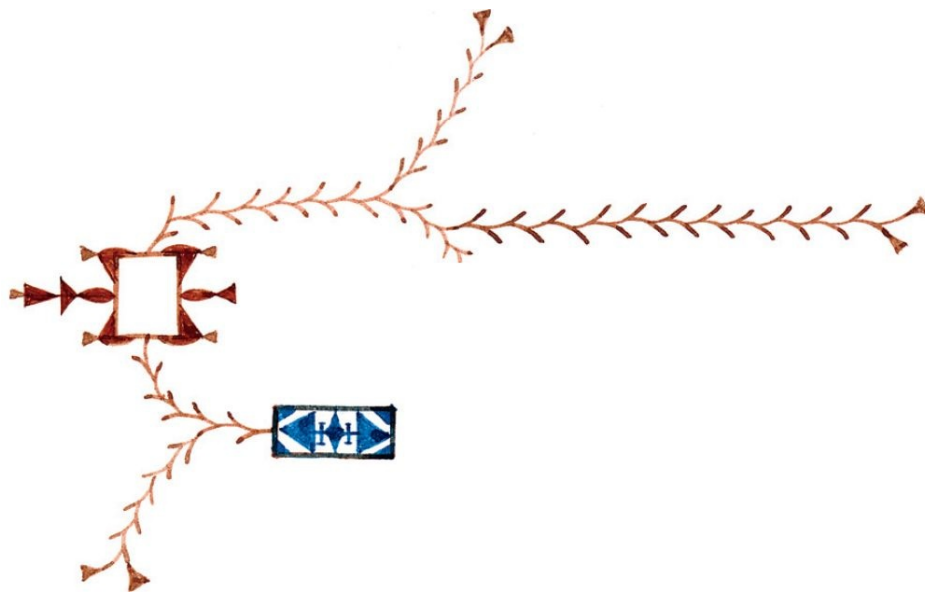
estando em ato de penitência, como boa veneziana que era – e todos eles são simplórios –, após dizer seus pecados foi indagada por frei Alberto se por acaso teria algum amante.  Diante da pergunta, ela respondeu de cara fechada: “Oh, seu frade, onde o senhor está com a cabeça? Pensa que minha beleza é como a dessas outras? Eu poderia ter tantos amantes quantos quisesse, mas minha formosura não é para qualquer um. Quantas o senhor já viu tão belas como eu? Eu seria das mais belas até no Paraíso!”. E tanto falou de sua beleza que foi um tormento escutá-la.

 Frei Alberto imediatamente percebeu que a mulher era uma tola e, vendo ali um bom terreno para seu arado, logo se apaixonou por ela. No entanto, reservando os galanteios para mais tarde, daquela vez achou melhor mostrar-se santo e começou a repreendê-la, falando que aquilo tudo era vaidade e assim por diante; a mulher então se enfureceu e lhe disse que ele era uma besta, que não sabia distinguir uma beleza de outra. Para não a perturbar ainda mais, frei Alberto encerrou a confissão e a deixou ir embora com as outras.



Passados alguns dias, fez-se acompanhar de um fiel companheiro e foi até a casa da senhora Lisetta; chegando ali, retirou-se com ela numa sala onde ninguém

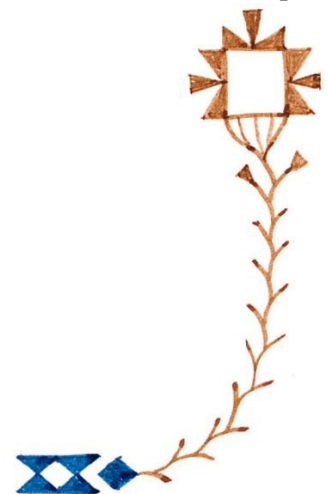
podia vê-los e lançou-se de joelhos à sua frente, dizendo-lhe: “Minha senhora, rogo a Deus que me perdoe pelo que lhe disse no domingo passado sobre sua beleza, pois na noite seguinte fui duramente castigado por isso, e só hoje pude levantar-me da cama”.  Então dona toupeira disse: “E quem o castigou assim?”.



E frei Alberto respondeu: “Vou lhe contar. Quando eu estava em minhas orações noturnas, como sempre faço, vi subitamente em minha cela um intenso esplendor e mal pude virar-me para ver o que

era quando avistei sobre mim um magnífico jovem com um grande cajado na mão, o qual me puxou pela capa e, atirando-me a seus pés, deu-me tantas bordoadas que me arrebentou inteiro. Depois então perguntei por que me havia maltratado assim, e ele respondeu: ‘Porque hoje você cometeu a ousadia de repreender a celestial beleza da senhora Lisetta, a quem eu amo acima de tudo, afora Deus’. Ao que lhe perguntei: ‘E quem é o senhor?’ – e ele me disse que era o anjo Gabriel. ‘Oh, meu senhor’, respondi, ‘eu suplico seu perdão.’ E ele me disse: ‘Perdoo com uma condição: que vá até ela assim que possível e se faça perdoar; mas, se ela não o quiser, voltarei aqui e lhe darei tantas que o deixarei desgraçado pelo resto de seus dias’. Não ousou dizer o que ele me falou em seguida, a menos  que a senhora me perdoe”.

Dona cabeça de vento, que tinha bem pouco sal na cachola, se regozijava toda ao ouvir aquelas palavras, tomando-as pela mais pura verdade; e depois de certo tempo disse: “Eu bem lhe avisei, frei Alberto, que minhas belezas eram celestiais; que Deus me ajude, pois até agora estou irritada com o senhor, mas, para que não sofra mais nenhum mal, o perdoo desde já, contanto que me diga a verdade sobre o que o anjo lhe falou”.  Frei Alberto disse: “Minha senhora, já que obtive seu perdão, lhe direi tudo de bom grado, mas fique atenta a uma coisa: aquilo que eu lhe falar aqui, a senhora não o dirá a ninguém no mundo, sob o risco de pôr tudo o que tem a perder, pois hoje a senhora é a pessoa mais bem-aventurada que existe. O anjo Gabriel me incumbiu de comunicar-lhe que está apaixonado pela senhora, que teria vindo visitá-la várias vezes à noite, e só não o fez por receio de assustá-la. Agora manda dizer por meu intermédio que pretende passar uma longa noite a seu lado; porém, como ele é anjo – e se viesse em forma de anjo a senhora não o poderia tocar –, diz que virá para seu prazer em forma de homem; por isso lhe pede que diga quando quer que ele venha, e sob que aspecto, de modo que a senhora possa considerar-se a mulher mais abençoada do mundo”. Dona pateta então falou que estava feliz de saber que o anjo Gabriel a amava, pois esse amor era plenamente correspondido, e não havia imagem dele à qual ela não acendesse uma boa vela; e que, assim que ele quisesse aparecer, seria bem-vindo, e ela o acolheria sozinha em seu quarto; mas com a condição de que não a deixasse pela Virgem Maria, pois se dizia que ele gostava muito da Virgem, o que aliás era evidente, já que em todo lugar ela o via de joelhos a seus pés; e, além disso, que viesse sob a forma que quisesse, desde que não a assustasse.





Então frei Alberto disse: “Sábias palavras, minha senhora, vou acertar com ele as instruções que recebi. Só lhe peço um grande favor, que não lhe custará nada, e o favor é este: que a senhora permita que ele venha com este meu corpo. E eis por que lhe solicito esta graça: ele vai tirar minha alma do corpo e a deixará no Paraíso e só então entrará em mim; e, durante todo o tempo que estiver com a senhora, minha alma estará no Paraíso”.  Ao que dona pacóvia respondeu: “Para mim está bem. Quero que o senhor tenha algum consolo pela sova que levou por minha causa”.



Então frei Alberto disse: “Agora a senhora fará com que, nesta mesma noite, ele encontre o ingresso de sua casa destrancado, posto que, vindo em corpo humano – como virá –, ele não poderia entrar senão pela porta”. ❄️ A mulher respondeu que assim faria. Depois disso, frei Alberto partiu e ela fez tanta festa que mal cabia nas saias, como se o anjo Gabriel fosse demorar mil anos. Já frei Alberto, pensando que naquela noite mais lhe conviria ser cavaleiro que anjo, começou a acumular forças alimentando-se de doces e outros quitutes, a fim de não ser derrubado da montaria; e, ao cair da noite, obteve licença para sair e seguiu com um companheiro para a casa de uma amiga, da qual de outras vezes partira no encalço das potrancas; quando lhe pareceu que já era tempo, saiu

travestido para a casa da mulher e, ali entrando, transfigurou-se em anjo com a galhada que levava, subiu um andar e penetrou no quarto da senhora. 

Quando viu aquela coisa toda branca, a mulher se ajoelhou a seus pés e em seguida o anjo a benzeu, a pôs de pé e lhe fez um gesto na direção da cama; ao que ela, desejosa de obedecer, agiu prontamente, e o anjo enfim deitou com sua devota. Frei Alberto tinha um belo corpo, robusto, e toda a sua figura fazia boa presença, de modo que, ao ver-se com dona Lisetta – que era fresca e macia –, colocou-a em posição diversa à que o marido a costumava pôr e muitas vezes voou sem asas pela noite adentro, para grande contentamento da mulher, revelando-lhe além disso várias coisas sobre a glória celestial. Depois, com a aproximação do dia, decidiu retornar, pegou seus apetrechos e foi encontrar o parceiro, que durante a noite contara com a afável companhia da dona da casa, receosa de que ele sofresse por dormir sozinho. 

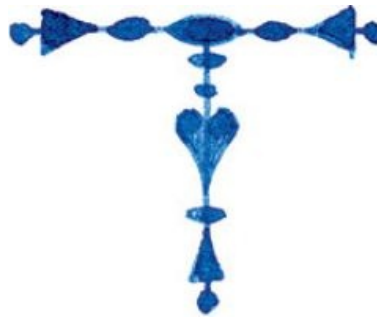
Quanto à mulher, logo após o almoço, chamou sua acompanhante e foi ver frei Alberto, contando-lhe as novidades sobre o anjo Gabriel e o que ouvira dele acerca das glórias da vida eterna, e descrevendo como ele era feito, e acrescentando a tudo isso invenções extraordinárias.  Ao que frei Alberto disse: “Minha senhora, não sei como foi sua estada com ele; só sei que, na noite passada, quando ele veio a mim e eu lhe comuniquei sua decisão, minha alma foi subitamente arrebatada a um lugar repleto de flores e de rosas, como jamais se viu na terra, e eu permaneci numa das paragens mais aprazíveis que já houve, até hoje bem cedo: quanto ao que se passou com meu corpo, não sei dizer”.  “Mas eu já não lhe disse?”, emendou a mulher. “Seu corpo esteve a noite inteira em meus braços, com o anjo Gabriel; se não acredita em mim, olhe sob o peito esquerdo, bem onde eu dei um enorme beijo no anjo, tanto que a marca vai ficar por vários dias.” 

 E, depois de muita conversa, a senhora voltou para sua casa, aonde frei Alberto foi diversas vezes em forma de anjo, sem nunca ser impedido.

 No entanto, certo dia em que dona Lisetta estava discutindo com uma comadre a respeito de belezas, a fim de pôr a sua à frente de qualquer outra, disse, como a perfeita tonta que era: “Se a senhora soubesse quem está encantado por minha beleza, na verdade não falaria de nenhuma outra”.

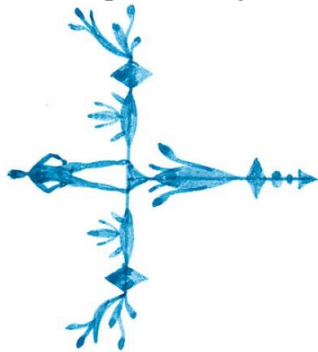
 A comadre, que bem conhecia a amiga e estava ansiosa por ouvir a

história, logo disse: “Oh, a senhora pode até ter razão, mas, sem saber quem é esse tal, fica difícil mudar de ideia”. 



Então a mulher de miolo mole falou: “Comadre, eu não deveria dizer, mas quem está caído por mim é o anjo Gabriel, que me ama mais que a si mesmo; e ele sempre me diz que sou a mulher mais linda que há na terra ou no mar”. 

Naquele instante a comadre teve grande vontade de rir, mas se conteve e, incitando a outra a falar mais, disse: “Pelo amor de Deus, minha amiga, se o anjo Gabriel é mesmo seu amante, como me diz, então deve ser assim; mas eu não sabia que os anjos fazem essas coisas”.



E a mulher falou: “Comadre, a senhora se engana: pelas chagas de Cristo, ele faz melhor que meu marido, e ainda me disse que lá em cima também se faz isso; mas, como ele me acha mais bela que todas que há no céu, se apaixonou por mim e vem frequentemente me visitar – viu só?”. Ao sair da casa de dona Lisetta, a comadre não via a hora de poder espalhar aquela notícia; e, reunida com

muitas outras senhoras numa festa, contou a história em seus mínimos detalhes. Essas senhoras, por sua vez, recontaram o caso a seus maridos e a outras mulheres, e estas a outras ainda, e assim, em menos de dois dias, toda Veneza só falava nisso. Entretanto a notícia também chegou aos ouvidos dos cunhados de Lisetta, os quais, sem lhe dizer nada, se decidiram a encontrar o tal anjo para ver se ele sabia voar – e assim passaram várias noites à espreita. 



Acontece que algo desse burburinho também chegou aos ouvidos de frei Alberto, que, para repreender a amante, certa noite foi até ela, e, assim que se despiu, os cunhados da mulher – que o tinham visto entrar – correram à porta do quarto a fim de arrombá-la. Ao ouvir aquilo, e já sabendo de que se tratava, frei Alberto se ergueu de um pulo e, não encontrando outro refúgio, abriu uma janela que dava para o Grande Canal e se atirou na água. A água era profunda, e ele sabia nadar bem, de modo que não se machucou; então, após atravessar o canal a nado, entrou rapidamente numa casa que estava aberta e implorou ao bom homem que estava ali dentro que, pelo amor de Deus, salvasse sua vida – e começou a inventar histórias, tentando explicar por que estava ali, nu, àquela hora. O bom homem se compadeceu da situação e, como precisava sair para resolver uns negócios, colocou-o na cama e lhe disse que ficasse ali até seu regresso; depois disso, trancou a porta da casa por fora e foi cuidar de suas coisas.



Assim que entraram no quarto, os cunhados da mulher perceberam que o anjo Gabriel havia abandonado suas asas e alçado voo; então, desacorçoados, disseram as piores baixeiras à mulher e voltaram para suas casas com a galhada do anjo, deixando-a ali, desconsolada. Nesse meio-tempo, estando o bom homem no Rialto com o dia já claro, ouviu contar como o anjo Gabriel se deitara naquela noite com dona Lisetta e, flagrado pelos cunhados, se jogara no Grande Canal de tanto medo, sem que se soubesse seu paradeiro – e logo entendeu que se tratava do homem que estava em sua casa. Então voltou para lá, desmascarou o sujeito e, depois de muitas tratativas, o convenceu a lhe dar cinquenta ducados, caso não quisesse que o entregasse aos cunhados da mulher; e assim foi feito.



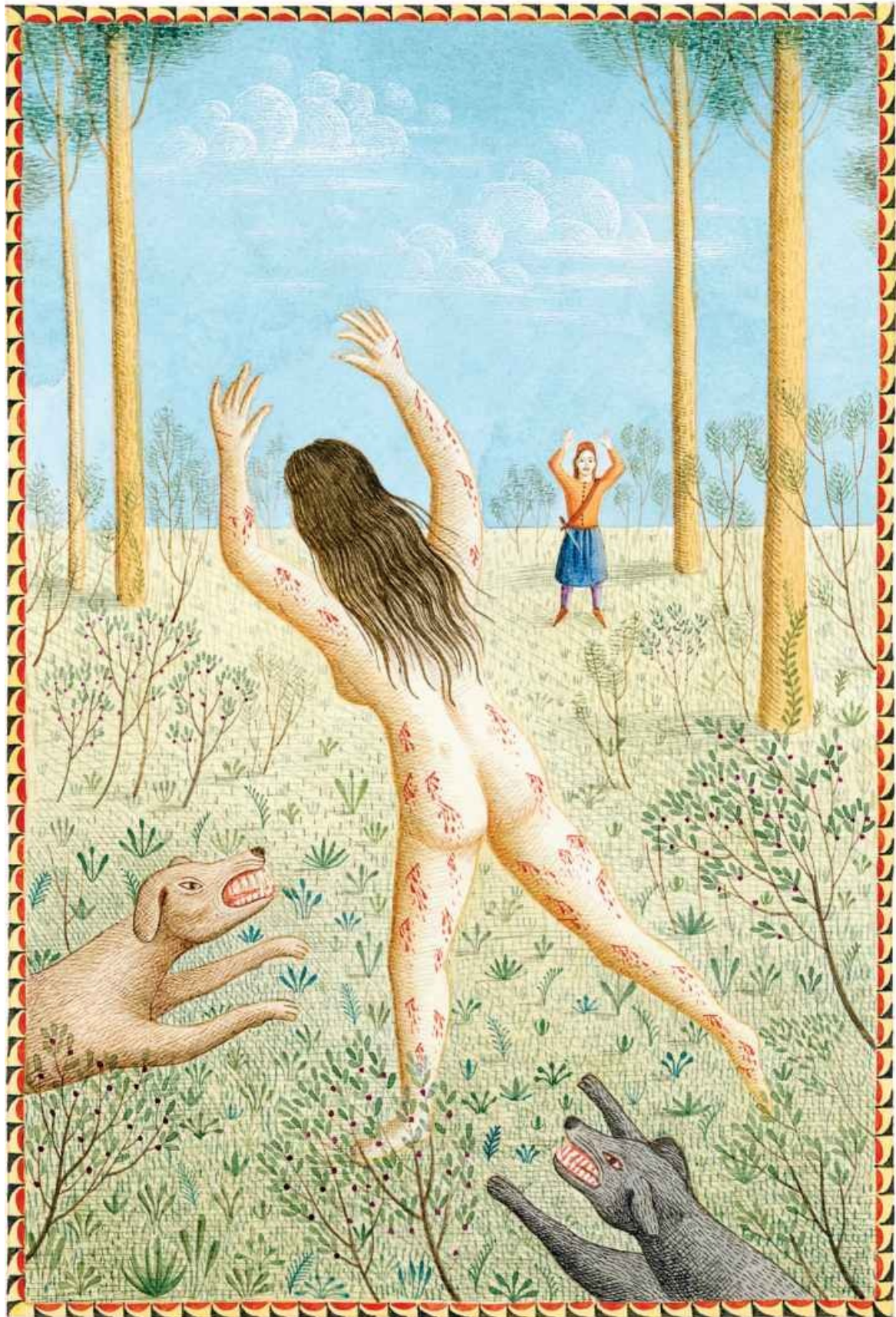
Depois disso, frei Alberto quis logo sair dali, e o bom homem lhe disse: “Só há um meio de escapar daqui. Hoje vamos dar uma festa, e cada um deve levar um homem fantasiado de urso, ou de selvagem, ou de alguma outra coisa, de modo que fazemos uma grande caçada na Piazza San Marco e a festa se encerra com ela; em seguida, cada qual vai aonde quiser com aquilo que caçou. Se o senhor permitir que eu o fantasie com um desses disfarces, antes de perceberem que está aqui, posso levá-lo aonde quiser; do contrário, não vejo como o senhor possa sair sem ser reconhecido; de resto, os cunhados sabem que o senhor deve estar nas vizinhanças e puseram um monte de guardas para capturá-lo”.  Embora fosse uma dura prova sair fantasiado daquele jeito, o medo que sentia dos parentes da mulher forçou frei Alberto a concordar, e ele disse ao homem aonde queria ser levado, contanto que escapasse dali. Após o untar de mel e o encher de plumas e lhe pôr uma corrente no pescoço e uma máscara no rosto, meteu-lhe numa mão um grande cajado e, na outra, dois cães enormes que trouxera do abatedouro e mandou alguém ao Rialto anunciar que quem quisesse ver o anjo Gabriel fosse para a Piazza San Marco – e aí está a lealdade veneziana. Feito isto, depois de um tempo o conduziu para fora e o fez seguir à frente, segurando-o por trás pela corrente, não sem grande burburinho de muitos, que diziam: “O que é aquilo? O que é aquilo?”; e o levou para a praça, onde, entre os que seguiram aquele cortejo e os que, sabendo da notícia, tinham vindo do Rialto, havia um mar de gente. Chegando ali, amarrou seu homem selvagem a uma coluna posta em lugar alto e de destaque e fez um ar de quem aguardava o início da caçada; enquanto isso, atraídas pelo mel, moscas e mutucas o atacavam com furor.  Quando o sujeito viu a praça bem cheia,

fez que ia libertar seu homem selvagem e tirou a máscara de frei Alberto, dizendo a todos: “Senhores, já que o javali não vem para a caçada, para que não tenham vindo em vão, quero que vejam este anjo Gabriel, que à noite desce do céu à terra para consolar as mulheres venezianas”. Assim que a máscara caiu, frei Alberto foi imediatamente reconhecido pela multidão, e todos gritaram contra ele, lançando-lhe as palavras mais infames e os piores impropérios que jamais foram ditos a um farsante, atirando-lhe ainda no rosto todo tipo de imundícies. Aquilo durou um longo tempo, tanto que a notícia acabou chegando aos frades de sua ordem, até que uns seis deles finalmente apareceram na praça e, cobrindo-o com uma capa e o desacorrentando, sob uma enorme gritaria o conduziram ao mosteiro, onde, encarcerado, após levar uma vida miserável, acredita-se que morreu.  E assim esse homem, tido por bom e fazendo o mal sem que os outros percebessem, ousou passar-se pelo anjo Gabriel e, convertido em homem selvagem, após muito tempo vituperado como bem merecia, chorou em vão os pecados cometidos. E assim queira Deus que a todos possa suceder. 





[QUINTA JORNADA | NOVELA 8] FILOMENA **NOVELA DE NASTAGIO DEGLI ONESTI**



Por amor a uma jovem da família Traversari, Nastagio degli Onesti despende sua fortuna sem ser amado. É chamado pelos seus a Chiassi e aí vê uma jovem ser caçada por um cavaleiro, assassinada e devorada por dois cães. Então convida para um almoço os parentes e a mulher amada, que assiste à mesma cena e, temendo que algo semelhante lhe aconteça, toma Nastagio por marido.



ÃO LOGO LAURETTA fez silêncio, Filomena começou sob as ordens da rainha:  – Amáveis amigas, assim como a piedade nos é recomendada, do mesmo modo a crueldade em nós é duramente castigada pela justiça divina. De modo que, a fim de demonstrar esta sentença e lhes dar motivo de afastar-se inteiramente desse mal, terei prazer em contar-lhes uma novela tão agradável quanto inspiradora de compaixão.



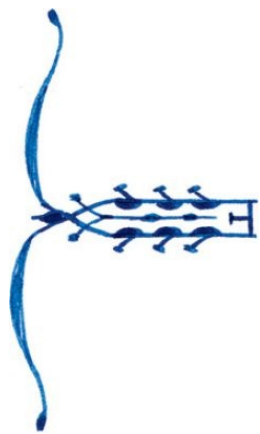
Em Ravena, cidade antiquíssima da Romanha, havia grande quantidade de nobres e fidalgos, entre os quais um jovem chamado Nastagio degli Onesti, que, após a morte de seu pai e de um tio, herdou uma fortuna inestimável. Ele era solteiro e, como costuma ocorrer entre os jovens, apaixonou-se por uma filha de Messer Paolo Traversari, jovem muito mais nobre do que ele, o que não o impediu de cultivar a esperança de conquistá-la com suas ações. Entretanto, por mais que fizesse coisas louváveis, esplêndidas e enormes, não conseguia contentá-la, ao contrário, parecia importuná-la, tão cruel, dura e hostil se mostrava a juvenzinha amada, quer por sua singular beleza, quer por sua elevada e desdenhosa nobreza, de modo que nem ele nem tudo o que lhe aprazia davam prazer a ela. Isso era a tal ponto difícil de suportar que, de tanto sofrimento e tanta dor, várias vezes Nastagio sentiu o desejo de matar-se; depois, abandonando tal ideia, tentou convencer o coração de que devia deixá-la ir ou, se pudesse, odiá-la assim como ela o odiava. Porém tudo era inútil, pois parecia que quanto mais a esperança faltava, mais seu amor se multiplicava.

Perseverando o rapaz seja no amor, seja nos gastos exorbitantes, alguns amigos e

parentes acharam que, assim, ele terminaria por consumir a si e a seus bens; por isso lhe pediram e aconselharam insistentemente que partisse de Ravena para outra localidade, onde fosse possível demorar um bom tempo, de maneira que o amor e as despesas pudessem também diminuir. Nastagio muitas vezes zombou do conselho, mas depois, diante de tanta insistência e não podendo recusar sempre, disse que o faria; e de fato fez grandes preparativos, como se estivesse indo à França, à Espanha ou a algum lugar distante. Montado a cavalo e acompanhado dos muitos amigos de Ravena, seguiu rumo a uma região que ficava talvez a três milhas da cidade, chamada Chiassi; e aí, após mandar trazer tendas e barracas, disse aos que o haviam acompanhado que gostaria de pousar ali, e que eles retornassem a Ravena. Então Nastagio se instalou e começou a levar a mais deliciosa e magnífica vida que se podia, convidando ora uns, ora outros para jantar e almoçar, como era o costume.

 Entretanto se passou que, quase no início de maio, estando o tempo muito bonito, e ele pensando naquela mulher cruel, deu ordens a toda a casa que o deixasse a sós a fim de poder pensar à vontade; e, pé ante pé, transportou-se em pensamentos até o pinhal. Tendo passado a hora quinta do dia, e ele já adentrado no pinhal uma meia milha, sem se lembrar de comer ou do que quer que fosse, subitamente teve a impressão de ouvir grande choro e lamentos altíssimos de mulher; assim, interrompido seu devaneio, ergueu a cabeça para ver o que havia e se maravilhou ao aperceber-se em meio ao pinhal. Então, olhando adiante, viu aproximar-se por um bosque cerrado de arbustos e sarças, correndo para o lugar onde ele estava, uma linda jovem nua, desgrenhada e toda ferida pelos ramos e espinheiros, chorando e implorando misericórdia aos gritos; além disso, viu a seus flancos dois grandes e ferozes mastins, os quais a perseguiam encarniçadamente e, sempre que a alcançavam, a mordiam com crueldade; e atrás dela viu surgir sobre um corcel negro um cavaleiro de pele morena, o rosto transtornado pela ira, empunhando um estoque e ameaçando-a de morte com palavras assombrosas e vis. A cena incutiu-lhe na alma horror e maravilha a um só tempo, e por fim compaixão pela mulher infeliz, donde nasceu o desejo de libertá-la de tal angústia e morte, se pudesse. Porém, vendo-se desarmado, apanhou um galho de árvore à guisa de bastão e partiu para cima dos cães e do cavaleiro.  Mas, ao ver isso, o cavaleiro lhe gritou de longe: “Nastagio, não se intrometa, deixe que eu e estes cães cuidemos desta

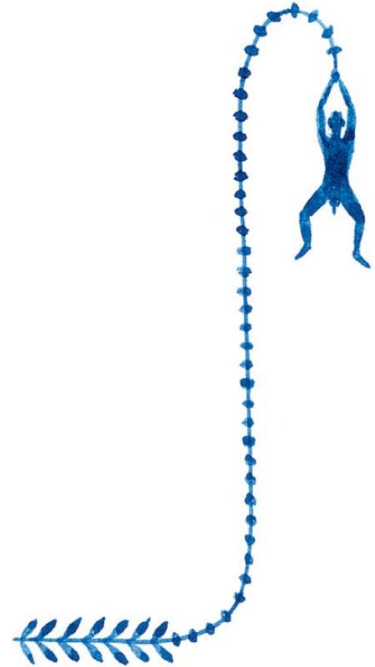
mulher cruel como ela merece”.



E, enquanto dizia essas palavras, os cães agarraram forte a mulher pelos flancos e a imobilizaram, ao passo que o cavaleiro chegou perto e apeou do cavalo; aproximando-se dele, Nastagio disse: “Não sei quem você é, que tão bem me conhece, mas apenas lhe digo que é grande vilania um cavaleiro armado querer matar uma mulher nua e atizar os cães em seu encalço, como se ela fosse um animal selvagem; quanto a mim, a defenderei como puder”.

Então o cavaleiro disse: “Nastagio, eu pertenci a sua mesma terra, e você ainda era pequenino quando eu, que fui chamado Messer Guido degli Anastagi, andei muito mais apaixonado por essa aí do que você por aquela dos Traversari; e, por causa do orgulho e da crueldade dessa mulher, minha desgraça cresceu tanto que um dia, com este estoque que você vê em minha mão, me matei em desespero e fui condenado às penas eternas. Mas não passou muito

tempo de minha morte, intensamente festejada por ela, e a desgraçada também morreu e, do pecado da crueldade e da alegria obtida de meus tormentos sem se arrepender, ao contrário, acreditando que ao ter agido daquele modo não havia pecado, acabou por igualmente merecer a danação às penas do Inferno. Assim que ela desceu, a ambos nos foi dada por pena, a ela, fugir diante de minha vista, e a mim, que tanto a amara, persegui-la como inimiga mortal, e não como mulher amada; e quantas vezes a alcanço, tantas com este estoque, que usei para me matar, mato-a e abro-a pelas costas, e aquele coração duro e frio, no qual amor nem piedade jamais puderam entrar, arranco-lhe do corpo com as outras vísceras e, como você verá em



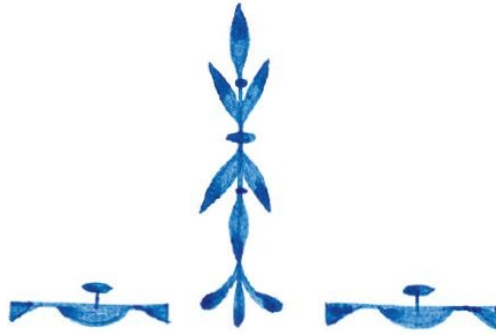
seguida, os dou em pasto aos cães. Nem bem isso acontece, obedecendo à justiça e ao poder de Deus, ela ressurge como se não tivesse sido morta e recomeça do início a dolorosa fuga, e os cães e eu a persegui-la. E ocorre que toda sexta-feira, nesta mesma hora, eu a alcanço aqui e aqui a trucidado como você vai ver; mas não pense que nos outros dias repousamos: alcanço-a em outros lugares, nos quais ela pensou e agiu cruelmente contra mim; e, como bem vê, já que de amante me transformei em inimigo, cabe-me prosseguir dessa maneira tantos anos quantos meses ela me tratou com crueldade. Deixeme, pois, executar a justiça divina e não queira opor-se ao que jamais poderia enfrentar”.  Ao ouvir estas palavras, intimidado e com todos os pelos em ponta, Nastagio recuou e, mirando a jovem desgraçada, pôs-se a esperar cheio de medo o que o cavaleiro iria fazer; então este, encerrado seu discurso, lançou-se feito um cão raivoso com o estoque na mão contra a mulher, que, ajoelhada e subjugada pelos dois mastins, gritava por misericórdia; no entanto ele atingiu-lhe o centro do peito com toda a força, trespassando-a por inteiro. Assim que a jovem recebeu o golpe, sempre chorando e gritando, seu corpo tombou de bruços, e em seguida o cavaleiro sacou de uma faca, rasgou-a pelos rins e, arrancando-lhe o coração – e tudo o mais que ali havia –, atirou-o aos dois mastins, que, esfomeados, o devoraram num instante. Nem bem aquilo se deu, a jovem, quase como se nada fosse, reergueu-se subitamente e começou a fugir rumo ao mar, com os cães sempre atrás de si,

lacerando-a; e o cavaleiro, tornando a montar seu cavalo e retomando o estoque, recomeçou a persegui-la, e em pouco tempo todos sumiram, de modo que Nastagio não os pôde mais avistar. ✨ Depois de assistir a essas coisas, o rapaz deixou-se ficar ali um bom intervalo, entre piedoso e amedrontado; em seguida, deu-se conta de que aquilo poderia ser de enorme proveito, já que a mesma cena se passava toda sexta-feira; assim, após assinalar o local, voltou para casa e logo em seguida, quando lhe pareceu oportuno, mandou chamar parentes e amigos e falou: “Por muito tempo vocês me pediram que eu deixasse de amar aquela ingrata e pusesse fim a meus gastos, e estou pronto a fazê-lo desde que me concedam um único favor: na próxima sexta-feira, tragam aqui Messer Paolo Traversari, a esposa, a filha, toda a sua parentela e quem mais quiser vir para almoçar comigo. O motivo deste meu pedido vocês conhecerão no momento certo”. ✨ Todos concordaram que se tratava de um pequeno favor e, regressando a Ravena, aguardaram uns dias e convidaram todos os que Nastagio havia pedido; e, embora lhes fosse difícil conduzir a jovem amada por Nastagio, ela seguiu em companhia dos outros. Nastagio mandou preparar um magnífico banquete e servi-lo em mesas postas sob os pinheiros à volta daquele lugar onde ele presenciara o massacre da mulher cruel; e, ao dispor os cavalheiros e as damas à mesa, o fez de modo que a mulher amada se sentasse bem em frente ao local em que a cena deveria suceder.

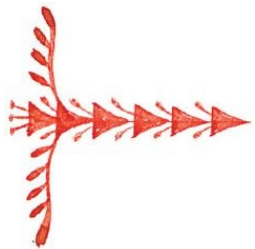




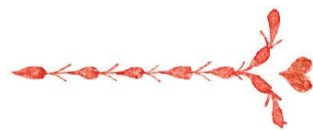
Assim que foi servido o último prato, todos começaram a ouvir o rumor desesperado da jovem perseguida. Como cada qual estivesse muito espantado e indagasse o que acontecia, mas ninguém o soubesse dizer, todos se levantaram e, procurando ver o que se passava, viram a miserável jovem, o cavaleiro e os cães, que em pouco tempo já estavam diante deles. Lançaram-se fortes gritos contra o cavaleiro e os cães, e muitos se adiantaram para defender a mulher; entretanto, dizendo a eles tudo o que dissera a Nastagio, o cavaleiro não só os fez recuar, mas também os encheu de assombro e maravilha; então, ao repetir o mesmo que havia feito da outra vez, todas as mulheres que ali estavam (e eram muitas as que tinham sido parentes tanto da mulher infeliz quanto do cavaleiro, as quais se recordavam do amor e da morte dele) choraram copiosamente como se a si mesmas se vissem castigadas. Depois que tudo terminou, e a mulher e o cavaleiro partiram, todos que presenciaram a cena se puseram a pensar sobre o ocorrido. Porém, dentre os mais aterrorizados se destacava a cruel jovem por quem Nastagio se apaixonara, a qual, recordando-se da crueldade que sempre lhe dedicara, reconheceu que tudo o que vira e ouvira distintamente se referia mais a si que a qualquer outra pessoa, e já se imaginava fugindo à frente dele, enfurecido, com os mastins ao lado.



👉👉👉 O medo que ela sentiu foi tanto que, a fim de evitar o mesmo destino para si, antes de o tempo passar, naquela mesma noite viu transmudado em amor o ódio que lhe tinha e enviou secretamente até Nastagio uma fiel criada, a qual lhe pediu em seu nome que fosse visitá-la quando quisesse, pois ela estava pronta a satisfazer-lhe todos os desejos. Nastagio então mandou responder que isso muito lhe agradava, mas que, se ela concordasse, gostaria de saciar seu prazer sem a desonrar, tomando-a por esposa. A jovem, que sabia que a decisão de se casar com Nastagio não dependia de ninguém senão dela mesma, mandou dizer que concordava. Assim, levando pessoalmente a notícia, comunicou ao pai e à mãe que estava contente de ser esposa de Nastagio, e estes se mostraram muito felizes.



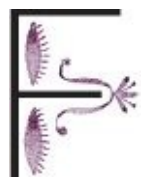
No domingo seguinte, Nastagio casou-se com ela, festejou suas núpcias e a seu lado viveu em alegria. Todavia o medo não produziu apenas esse bem, já que as mulheres de Ravena, todas temerosas, depois se tornaram bem mais afáveis aos prazeres dos homens do que jamais tinham sido até então.



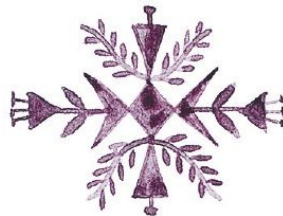
[QUINTA JORNADA | NOVELA 9] FIAMMETTA **NOVELA DE FEDERIGO DEGLI ALBERIGHI**



Federigo degli Alberighi ama sem ser amado, gasta sua fortuna em cortesias e ao final só lhe resta um falcão. Recebendo uma visita imprevista da amada e não tendo o que lhe oferecer de almoço, prepara-lhe a ave. Ao saber disso, a mulher muda de ânimo, toma-o por marido e o torna rico.



FILOMENA JÁ HAVIA parado de falar quando a rainha, percebendo que todos exceto Dioneo – por seu privilégio* – haviam contado suas novelas, disse com o rosto sorridente:  – Agora cabe a mim tomar a palavra; e eu, queridas amigas, o farei de bom grado narrando-lhes uma história em parte semelhante à precedente; não só para que saibam quanto sua graciosidade pode agir nos corações gentis, mas também para que compreendam que são vocês mesmas, quando convém, as prodigalizadoras de recompensas, sem deixar que a fortuna seja a eterna guia – a qual, no mais das vezes, por falta de discernimento, prodigaliza imoderadamente.

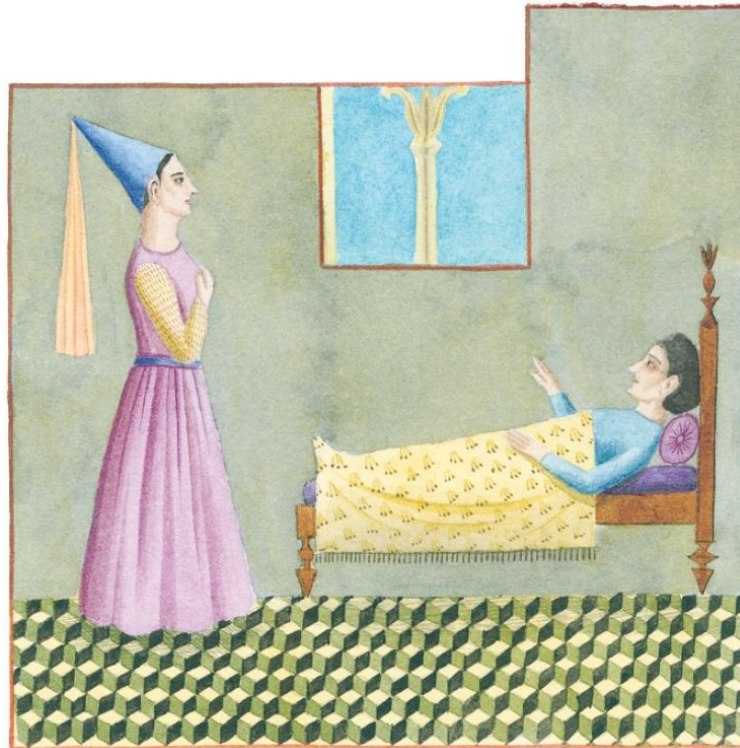


Em nossa cidade, como se sabe, Coppo di Borghese Domenichi foi – e talvez ainda seja nos dias que correm – um homem de grande e reverenda autoridade, merecedor de eterna fama muito mais por suas atitudes e virtude que por nobreza de sangue, e já em idade avançada várias vezes se entreteve com amigos e vizinhos sobre coisas passadas – algo que ele fazia com mais talento, memória e elegância que qualquer outro homem. Entre suas belas histórias, ele costumava contar que em Florença vivera um jovem chamado Federigo, filho de Messer Filippo Alberighi, que era o mais louvado fidalgo da Toscana em matéria de feitos cavalleirescos e de cortesia. Tal como ocorre à maioria dos rapazes da

nobreza, ele se apaixonou por uma nobre chamada Monna Giovanna, considerada em seu tempo uma das mais lindas e encantadoras mulheres que havia em Florença; e, a fim de conquistar seu amor, ele se exibia em justas e torneios, dava festas, presenteava e gastava o que tinha sem nenhum controle; mas ela, não menos honesta que bela, não dava nenhuma atenção nem a ele, nem a nada que fizesse para cativá-la.  Assim, despendendo muito além do que podia e sem nada conquistar, Federigo logo se viu desprovido de riquezas e empobrecido, sem outro bem senão uma pequena propriedade rural, de cuja renda vivia pauperrimamente; de resto, conservou apenas seu falcão, um dos melhores do mundo. Por isso, amando mais do que nunca e não podendo levar na cidade a vida que desejava, retirou-se para Campi, onde ficava seu sítio. E ali, caçando pássaros quando podia e sem recorrer a ninguém, suportava sua pobreza pacientemente.  Até que um dia, estando Federigo reduzido à miséria, o marido de Monna Giovanna adoeceu e, vendo-se à beira da morte, mandou fazer o testamento; como era riquíssimo, deixou a herança ao filho já crescido com a instrução de que, caso este morresse sem deixar herdeiros legítimos, confiava sua fortuna a Monna Giovanna, a quem amara muito, e então morreu.



Ficando viúva, pois, e seguindo o costume usado entre nossas mulheres, Monna Giovanna levava o filho todos os verões para uma de suas propriedades, situada bem próxima à de Federigo. Foi assim que o rapazinho começou a ter intimidade com Federigo e a divertir-se com pássaros e cachorros; e, tendo visto várias vezes o falcão de Federigo voar, afeiçoou-se fortemente a ele e quis tê-lo para si, mas não ousava fazer esse pedido ao amigo, pois sabia que Federigo o adorava. As coisas estavam nesse pé quando o rapazinho adoeceu; a mãe sentiu uma dor imensa e, como amava aquele filho único mais que tudo no mundo, passava todo o dia à sua cabeceira, confortando-o e amiúde lhe perguntando se havia alguma coisa que ele quisesse, pois, a depender do que o menino respondesse, ela faria o possível para obter o objeto desejado.

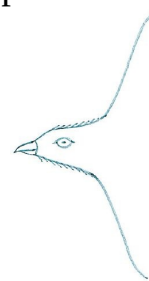


Depois de ouvir inúmeras vezes a oferta da mãe, o rapazinho disse: “Minha mãe, se a senhora conseguir para mim o falcão de Federigo, acho que em pouco tempo estarei curado”.



Quando ouviu isso, a mulher se deteve um instante e começou a pensar no que deveria fazer. Ela sabia que Federigo a amara intensamente sem jamais ter tido dela um aceno de olhos sequer, de modo que se pôs a meditar: “Como poderei pedir a ele esse falcão, que é, ao que ouvi dizer, o melhor a voar nos céus e, além disso, aquilo que o mantém em vida? E como serei tão insolente a ponto de pretender subtrair o único bem, a única alegria, que restou a esse nobre homem?”. Enredada nesses pensamentos, e tendo a certeza de ser atendida caso fizesse o pedido, não se decidia a responder ao filho e permanecia em silêncio. << Por fim venceu o grande amor que sentia pelo menino e resolveu que, para contentá-lo, não importava o que acontecesse, ela mesma iria buscar aquela prenda, e então disse: “Meu filhinho, anime-se e esforce-se ao máximo para estar bem: eu lhe prometo que a primeira coisa que farei amanhã de manhã é ir buscar o que você me pediu – e esteja certo de que o trarei”. O menino ficou tão contente que, naquele mesmo dia, mostrou

alguma melhora.  Na manhã seguinte, ela se fez acompanhar de uma senhora e, a pretexto de um passeio, dirigiu-se à pequena casa de Federigo e pediu para chamá-lo. Como não saíra de casa para caçar nem era tempo para isso, ele se encontrava em sua horta, fazendo uns trabalhinhos; quando ouviu que Monna Giovanna o chamava à porta, com grande surpresa correu feliz para lá. Ao vê-lo aproximar-se e cumprimentá-la reverentemente, ela se ergueu com graça senhoril e foi ao seu encontro dizendo “Que a paz esteja com Federigo!”, e prosseguiu: “Vim recompensá-lo dos danos que você sofreu por minha causa, amando-me mais do que lhe seria conveniente; e a recompensa é tal que pretendo, com esta minha amiga, almoçar hoje em sua companhia, como se fosse de casa”.



 Ao que Federigo humildemente respondeu: “Senhora, não me lembro de ter recebido nenhum dano de sua parte, mas apenas tanto bem que, se tive algum valor nesta vida, ele adveio do seu valor e do amor que lhe devotei. E decerto esta sua generosa visita é mais preciosa a este pobre anfitrião que ao homem que fui, quando pude despendar tudo o que consumi outrora e consumiria de novo”. Assim dizendo, recebeu-a timidamente em sua casa e a conduziu ao jardim, onde, sem ter com quem deixá-la, disse: “Senhora, como não há mais ninguém aqui, esta boa mulher, esposa do lavrador, lhe fará companhia enquanto vou preparar a mesa”.  Apesar de sua extrema pobreza, ele ainda não se dera inteiramente conta da necessidade em que se via metido pela gastança desordenada de suas riquezas; mas esta manhã, não achando nada com que pudesse honrar a mulher por cujo amor ele havia honrado incontáveis homens, o fez cair em si. Cheio de angústia e a maldizer sua sorte, correndo aqui e acolá como se delirasse, sem encontrar dinheiro nem o que empenhar, vendo a hora passar e sendo grande o desejo de honrar com alguma coisa a nobre senhora, mas não querendo pedir nada a ninguém, nem sequer a seu lavrador, correu os olhos sobre o bom falcão, que avistou em sua saleta, empoleirado na barra de ferro; e assim, sem ter mais a que recorrer, pegou o pássaro e, percebendo que estava gordo, pensou que seria iguaria digna de tal senhora. Sem pensar mais nisso, torceu-lhe o pescoço, passou-o rapidamente a uma criada e o fez depenar, meter num espeto e assar diligentemente; e, posta a mesa com as últimas toalhas alvas que lhe haviam restado, retornou de rosto alegre à senhora que estava em seu jardim anunciando-lhe que o modesto almoço estava servido. Então a mulher

se levantou com a amiga, ambas foram para a mesa e, sem saber o que estavam comendo, saborearam o bom falcão na companhia de Federigo, que as serviu com suma reverência.  Terminado o almoço e depois de se entreterem com falas amenas, a mulher achou que já era o momento de revelar o motivo que a levava ali e, voltando-se benevolmente para Federigo, começou a falar: “Federigo, ao se recordar de sua vida passada e de minha honestidade, que você talvez tenha tomado por dureza e crueldade, não duvido que minha audácia lhe cause espanto quando eu lhe disser a principal razão que me trouxe aqui; porém, se você tivesse tido filhos e pudesse saber como é grande a força do amor que sentimos por eles, acho que em parte me perdoaria este gesto. No entanto, como você não os tem, e eu tenho um só, não posso escapar à lei comum a todas as mães; de modo que, devendo segui-la, cabe-me, contra minha vontade e contra toda conveniência e dever, pedir-lhe um dom que lhe sei sumamente precioso, e com razão, pois sei que nenhum outro prazer, nenhuma outra diversão, nenhum consolo lhe deixou sua extinta fortuna: e esse dom é seu falcão, ao qual meu menino está tão apegado que, se eu não puder levá-lo para ele, temo que sua enfermidade se agrave e se complique tanto que eu o perca. Por isso lhe peço, não pelo amor que você me tem – o qual não o obriga a nada –, mas por sua nobreza e cortesia, as quais você demonstrou possuir acima de qualquer outro, que tenha a bondade de oferecê-lo a mim, e eu possa dizer que, por essa oferenda, mantive meu filho em vida, pelo qual lhe serei sempre agradecida”.

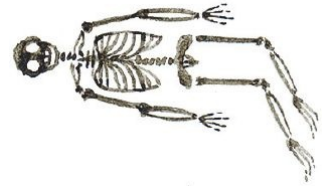




Ao ouvir o pedido da mulher e sabendo que não o poderia atender, já que lhe servira o falcão no almoço, desatou a chorar diante dela antes que pudesse dizer qualquer palavra. A princípio a mulher pensou que o choro derivasse sobretudo da dor por ter de afastar-se do bom falcão, e esteve a ponto de dizer que já não o queria; entretanto se conteve e esperou, após o choro, a resposta de Federigo, que falou assim: “Minha senhora, depois que Deus quis que eu lhe dedicasse meu amor, muitas vezes considerei que a fortuna foi ingrata comigo e dela me queixei; mas tudo é muito leve em comparação ao que ela me faz no presente, de modo que nunca poderei apaziguar-me, pensando que a senhora veio até minha pobre casa – aonde, quando era rica, jamais se dignou a vir – e pretendeu de mim uma pequena prenda, mas a fortuna agiu de modo que eu não possa atender a seu pedido, e brevemente lhe direi por quê. Quando soube que a senhora, por sua gentileza, queria almoçar comigo, em respeito a sua dignidade e a seu valor,

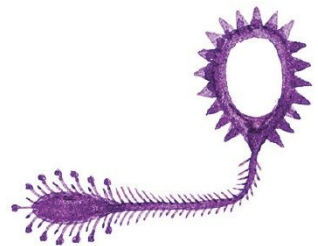
considere que deveria honrá-la com a mais preciosa iguaria que estivesse a meu alcance, e não com o que de hábito as pessoas oferecem; então, recordando-me do bom falcão que a senhora acaba de me pedir, considere-o alimento digno da ocasião e, nesta manhã, o servi assado numa travessa, pensando que estava a fazer o melhor; mas agora, sabendo que a senhora o desejava de outra maneira, sinto tanta dor por não poder servi-la que nunca mais poderei ter paz”. 

Dito isto, mandou buscar em testemunho de suas palavras as penas, os pés e o bico do pássaro. Ao ver e compreender o fato, ela antes lamentou que Federigo tivesse matado tão nobre falcão para dar de comer a uma mulher; depois, intimamente admirou a grandeza de sua alma, que a pobreza não pôde nem poderia aniquilar. Assim, perdendo as esperanças de obter o falcão e preocupada com a saúde do filho, partiu toda melancólica e voltou para perto do menino. Este, seja pela tristeza de não poder ter o falcão, seja porque a doença seguiu seu curso natural, não resistiu muitos dias e, para imensa dor de sua mãe, abandonou esta vida.





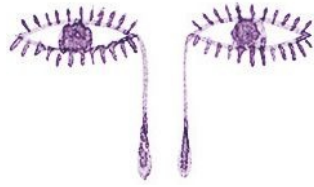
Cheia de lágrimas e de grande amargura, tendo ficado riquíssima e ainda jovem, a mulher foi instada repetidamente pelos irmãos a se casar de novo. Como não queria isso, mas era atormentada pelos pedidos, ela se lembrou da extrema generosidade e do valor de Federigo – que matara tão raro falcão em sua honra – e falou aos irmãos: “Se vocês me permitissem, eu preferiria continuar viúva; mas, se insistem que eu me case de novo, eu não tomaria nenhum outro por marido que não Federigo degli Alberighi”.  Ao que os irmãos lhe responderam, em meio a zombarias: “Tola! O que é que você está dizendo? Como vai querer alguém que não tem onde cair morto?”. Então ela retrucou: “Meus irmãos, sei que o que dizem é verdade, mas antes prefiro um homem que necessite de riqueza, a uma riqueza que necessite de homem”.  Dando ouvidos à sua vontade e conhecendo, conquanto



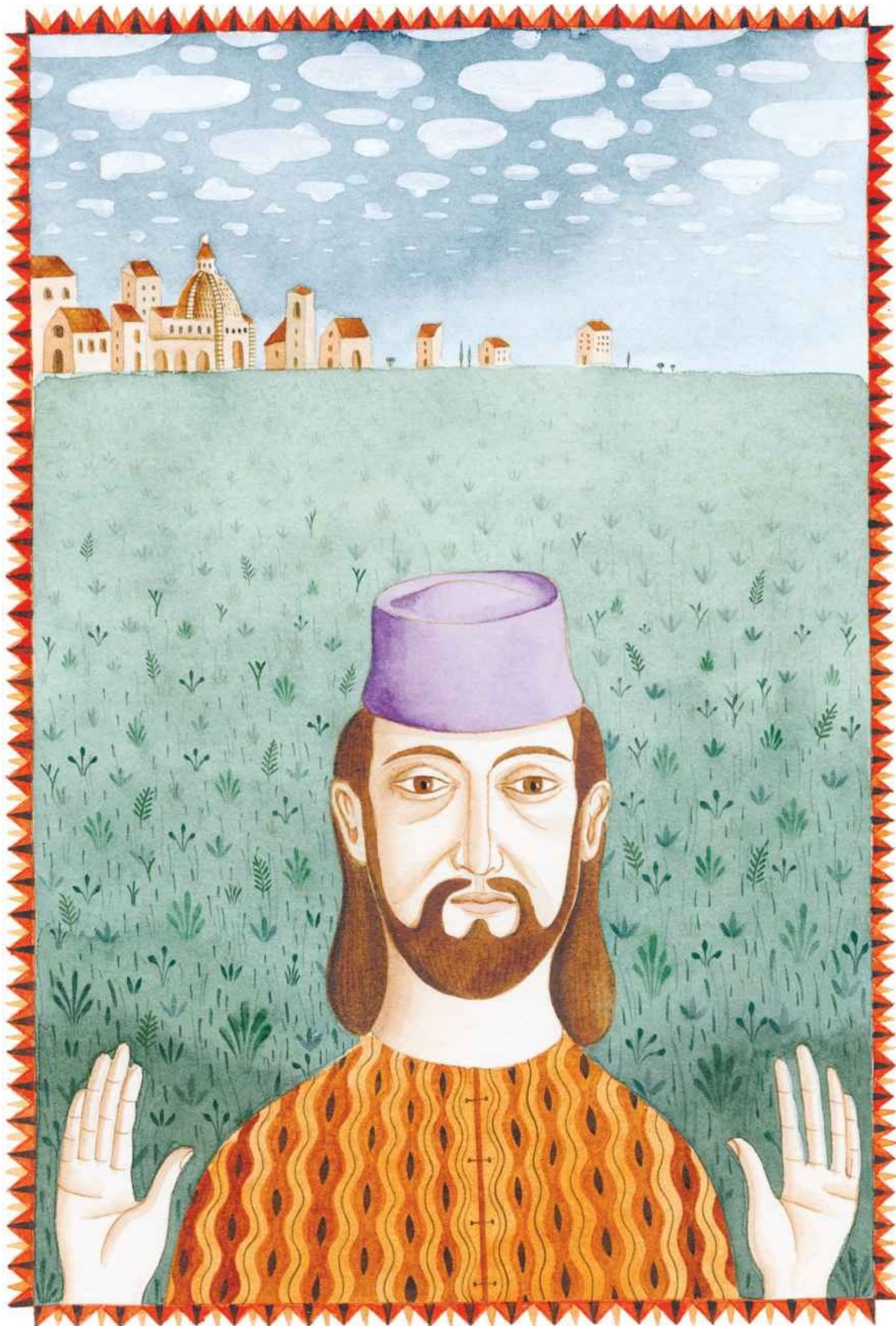
fosse pobre, o valor de Federigo, os irmãos – tal como ela queria – a deram em casamento àquele homem, com todos os seus bens. E ele, vendo-se casado com a mulher que tanto amara e além disso riquíssimo, tornando-se melhor administrador, com ela findou seus dias em felicidade. 



* Dioneo, um dos dez narradores das novelas do *Decameron*, é aquele a quem cabe encerrar as jornadas contando uma história. [N. T.]



[SEXTA JORNADA | NOVELA 9] **ELISSA NOVELA DE GUIDO CAVALCANTI**

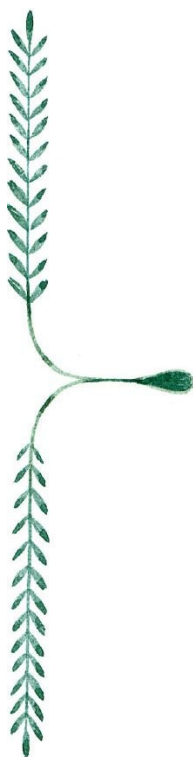


Guido Cavalcanti ofende elegantemente com uma frase certos cavaleiros florentinos que o haviam surpreendido. 



PERCEBENDO QUE EMILIA havia concluído sua novela e que agora era sua vez de tomar a palavra, pois o privilégio de falar por último cabia a Dioneo, a rainha começou assim:  – Amáveis amigas, embora hoje mais de duas novelas que eu pretendia contar me tenham sido subtraídas por vocês, ainda assim me restou ao menos uma, em cuja conclusão se acha uma sentença tão brilhante que talvez ainda não se tenha narrado nenhuma de tanta sabedoria.  Todos devem saber que em tempos passados houve em nossa cidade costumes muito galantes e louváveis, de que hoje não há vestígio graças à avareza que prosperou lado a lado com a riqueza, as quais se uniram para bani-los. Entre os velhos hábitos havia um segundo o qual cavaleiros de diversos bairros se reuniam nos locais de Florença em grupos de certo número e o faziam de modo que todos pudessem bancar as despesas; hoje um, amanhã outro, e assim por diante, todos pagavam a conta de todo o grupo, cada qual em seu dia; nessas ocasiões muitas vezes se homenageava um estrangeiro – quando aparecia um – ou mesmo concidadãos; e todos se vestiam com os mesmos trajes ao menos uma vez por ano e, nos dias mais festivos, cavalgavam juntos pela cidade, frequentemente se exibindo em justas, sobretudo nos grandes festejos ou quando alguma boa-nova ou feliz notícia de vitória chegava à cidade.

Entre essas brigadas havia a de Messer Betto Brunelleschi, que, apoiado por seus companheiros, muito se esforçou para atrair Guido, filho de Messer Cavalcante dei Cavalcanti; e não sem razão, pois, além de ele ter sido um dos melhores lógicos que já houve no mundo e ótimo filósofo natural (assuntos pelos quais a brigada pouco se interessava), também foi homem muito airoso, de bons costumes, bem-falante, e tudo o que quis fazer, dentre as coisas dignas de cavaleiros, o fez melhor que qualquer outro; além disso, era riquíssimo e sabia



honrar como ninguém aqueles cujo valor reconhecia. Mas Messer Betto jamais conseguira atraí-lo para seu círculo e achava, assim como seus companheiros, que o motivo disso era que Guido, sempre em meditações, tornava-se alheio ao resto dos homens; e, como ele era muito inclinado à doutrina dos epicuristas, a gente comum dizia que suas especulações buscavam demonstrar acima de tudo a inexistência de Deus. ♦ ♦

Então, certa manhã em que Guido fazia seu trajeto habitual, partindo de Orto San Michele e seguindo pelo Corso degli Adimari até chegar a San Giovanni, passando por onde havia grandes sarcófagos de mármore que hoje estão em Santa Reparata, além de muitos outros ao redor de San Giovanni, estando ele entre aquelas colunas de pórfiro, os sarcófagos e a porta de San Giovanni, que estava fechada, Messer Betto e sua brigada vinham a cavalo pela praça de Santa Reparata quando, avistando Guido entre aquelas sepulturas, disseram:

“Vamos incomodá-lo um pouco”; e, esporeando seus cavalos para o assalto jocoso, partiram em sua direção e o cercaram antes que ele pudesse perceber, dirigindo-lhe as seguintes palavras: “Guido, você se recusa a entrar em nossa brigada; mas, quando descobrir afinal que Deus não existe, o que vai fazer?”.

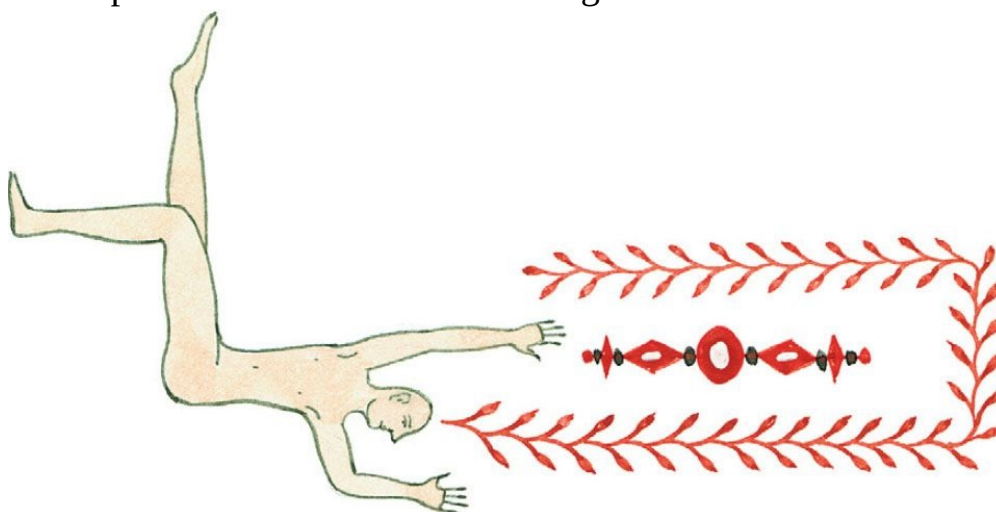
♦ ♦ Vendo-se circundado por eles, Guido prontamente lhes respondeu: “Senhores, em vossa casa podeis dizer-me o que vos aprouver”; e, apoiando a mão num daqueles túmulos, que eram bem altos, saltou com grande agilidade sobre ele e passou para a outra parte, afastando-se a passos largos do grupo.

♦ ♦ Todos ficaram olhando uns para os outros e começaram a dizer que aquele homem era um inconsciente, que sua resposta não fazia nenhum sentido, já que eles não tinham nada em comum com aquele local, sendo um lugar público e aberto a todos os cidadãos, inclusive a Guido.





Messer Betto então se voltou para o grupo e falou: “Inconscientes são vocês, que não entenderam nada: em poucas palavras e com a maior elegância, ele nos disse a pior vilania do mundo. Se observarem bem, esses túmulos são as casas dos mortos, já que neles se depositam e acomodam os defuntos; mas ele diz que são nossas casas, para nos mostrar que nós e os ignorantes, em comparação a ele e outros filósofos, somos piores que os mortos e, portanto, estando aqui, estamos em nossa casa”.  Naquele momento todos entenderam o que Guido quis dizer e, com grande vergonha, nunca mais o incomodaram, tomando a partir de então Messer Betto por um cavalheiro sutil e inteligente.



[SÉTIMA JORNADA | NOVELA 2] FILOSTRATO **NOVELA DE PERONELLA**



Peronella esconde um amante num tonel ao ver que seu marido está de volta à casa. Este lhe diz que vendeu o tonel, e ela responde que acabara de negociá-lo com um homem que está dentro dele, conferindo se lhe parece firme. Então o amante sai de lá e faz o marido entrar nele e raspá-lo, antes de levá-lo para casa.



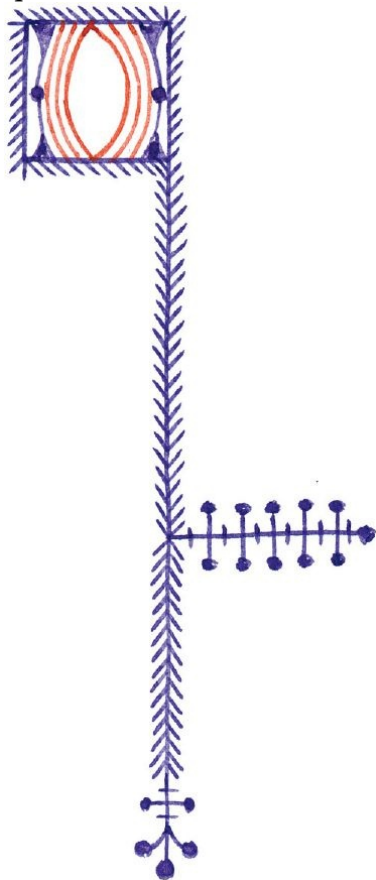
ODOS ESCUTARAM A novela de Emilia com fortes risadas e tomaram a oração por boa e santa. Tão logo ela chegou ao fim, o rei ordenou a Filostrato que prosseguisse, e este assim começou:



– Minhas queridas, são tantas as trapaças que os homens lhes fazem, especialmente os maridos, que, quando às vezes ocorre de uma mulher enganar o marido, vocês deveriam não só se mostrar contentes com o fato – e de sabê-lo e ouvi-lo de outro –, mas também espalhar a notícia por aí, a fim de que os homens compreendam que, se eles podem, por seu turno as mulheres também podem; coisa que não lhes poderia ser mais proveitosa, porque, quando algum deles souber que

outros também são capazes disso, não se meterá a querer enganar tão levianamente. Quem duvidaria, pois, que ao tomar conhecimento da matéria que narraremos hoje os homens teriam grande motivo de evitar ludibriá-las, sabendo que do mesmo modo vocês, se quisessem, poderiam enganá-los? Portanto é minha intenção contar-lhes como uma juvenzinha, embora de humilde condição, conseguiu burlar o marido em dois tempos a fim de salvar-se.   Não faz muito, em Nápoles, um pobre homem casou-se com uma mulher bonita e volúvel chamada Peronella; ambos tinham escassos recursos e levavam a vida como podiam, ele, trabalhando de pedreiro, e ela, a fiar em casa. Aconteceu um dia que um jovem conquistador, pondo os olhos em Peronella e agradando-se

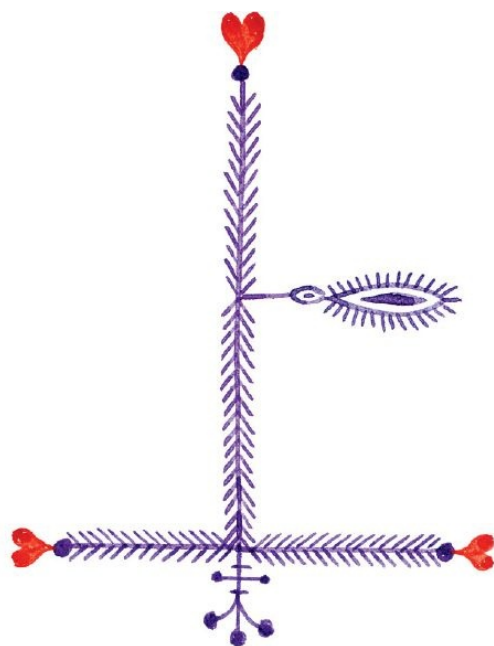
muito dela, acabou se apaixonando; e tanto fez e insistiu que, ao final, tornou-se íntimo da mulher.  A fim de poderem se encontrar, fizeram o seguinte acordo: como o marido se levantava bem cedo toda manhã para trabalhar ou buscar trabalho, o jovem deveria vigiar a casa às escondidas até que ele saísse; e, como o local onde moravam – que se chama Avorio – era muito solitário, assim que o homem saísse, ele entraria na casa; e foi o que fizeram várias vezes.



No entanto, certa manhã em que o bom homem saiu e Giannello Scrignario – este era o nome do jovem – entrou na casa e já estava com Peronella, depois de algum tempo o marido voltou, coisa que nunca fazia. Ao ver a porta trancada por dentro, bateu e se pôs a pensar consigo: “Oh, Deus seja louvado! Apesar de me ter feito pobre, deu-me em compensação esta esposa jovem, bela e honesta! Olha só como ela tranca a porta por dentro assim que eu saio, para que nenhuma pessoa possa entrar e molestá-la”.  Ao perceber a chegada do marido, que a mulher reconheceu pelo modo de bater à porta, Peronella disse: “Ai de mim! Giannel, meu querido, estou morta; aí está meu marido de volta, o desgraçado; não sei o que isso quer dizer, pois ele nunca retorna a esta hora; quem sabe o viu quando você entrou! Mas não importa: pelo amor de Deus, entre naquele tonel ali enquanto vou abrir a porta para ele, e vamos ver o que significa isso de voltar para

casa tão cedo”.  Giannello entrou rapidamente no tonel, e Peronella foi abrir a porta ao marido, dizendo-lhe de cara feia: “Ora, que novidade é esta de hoje você voltar tão cedo para casa? Pelo que vejo, você não quer fazer nada esta manhã, já que veio com as ferramentas na mão: se você agir assim, o que será de nós? De que vamos viver? O que vamos comer? Acha que estou feliz de você empenhar minhas roupas e meus trapos, eu, que não faço senão fiar dia e noite, tanto que a carne me saltou da unha, só para pelo menos termos óleo com que acender nossa lamparina? Marido, marido... não há vizinha que não se surpreenda e não troce de mim, tal é a fadiga que eu suporto – e você me volta para casa de mãos abanando, quando devia estar trabalhando”. E, ao falar assim,

desatou a chorar e a repetir: “Ai de mim! Tão cansada e sofrida! Em que má hora nasci, sob que estrela ruim! Poderia ter tido um jovem bem situado e não quis, só para me juntar a um homem que não pensa na esposa! As outras se divertem com seus amantes, e não há mulher que não tenha ao menos dois ou três, gozando e passando gato por lebre aos maridos; e eu, coitada de mim! Porque sou boa e não dou atenção a essas coisas, padeço e vivo em má sorte. Não sei por que não arranjo uns amantes, por que não faço como as outras! Veja bem, meu marido, se eu quisesse me comportar mal, logo acharia com quem, porque há muitos galanteadores que me cortejam e me querem bem, até me ofereceram um monte de dinheiro ou, se eu quisesse, objetos e joias, mas meu coração nunca vacilou, porque minha mãe sempre me deu bom exemplo – e você me volta para casa quando devia estar trabalhando!”.  Então o marido disse: “Eh, mulher, não fique triste, pelo amor de Deus! É verdade que saí para trabalhar, mas se vê que, assim como eu, também você não sabia que hoje é festa de São Cânio de Atela, e não se trabalha; por isso voltei cedo para casa. No entanto, achei um jeito de termos pão para mais de mês: vendi ao sujeito que está aqui comigo nosso tonel, que há tanto tempo nos atravancava a casa, e vou receber cinco moedas por ele”.



Então Peronella respondeu: “Isso tudo só me faz mais triste: você, que é homem e anda por aí, deveria conhecer as coisas do mundo, mas vendeu um tonel por cinco moedas; já eu, que sou mulher e quase nunca passo da porta de casa, vendo a situação incômoda em que estávamos, vendi o tonel por sete moedas a um bom homem, que entrou nele para inspecioná-lo assim que você voltou”. * Quando o marido ouviu isso, ficou contentíssimo e disse ao homem que viera para levá-lo: “Meu bom homem, vá com Deus; como você ouviu, minha mulher o vendeu por sete moedas, e sua

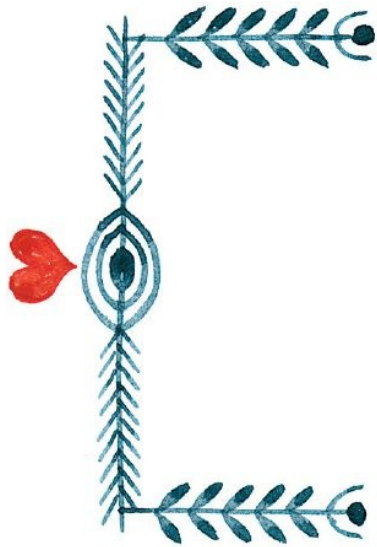
proposta não passava de cinco”.

O bom homem disse: “Então está bem” – e foi embora.

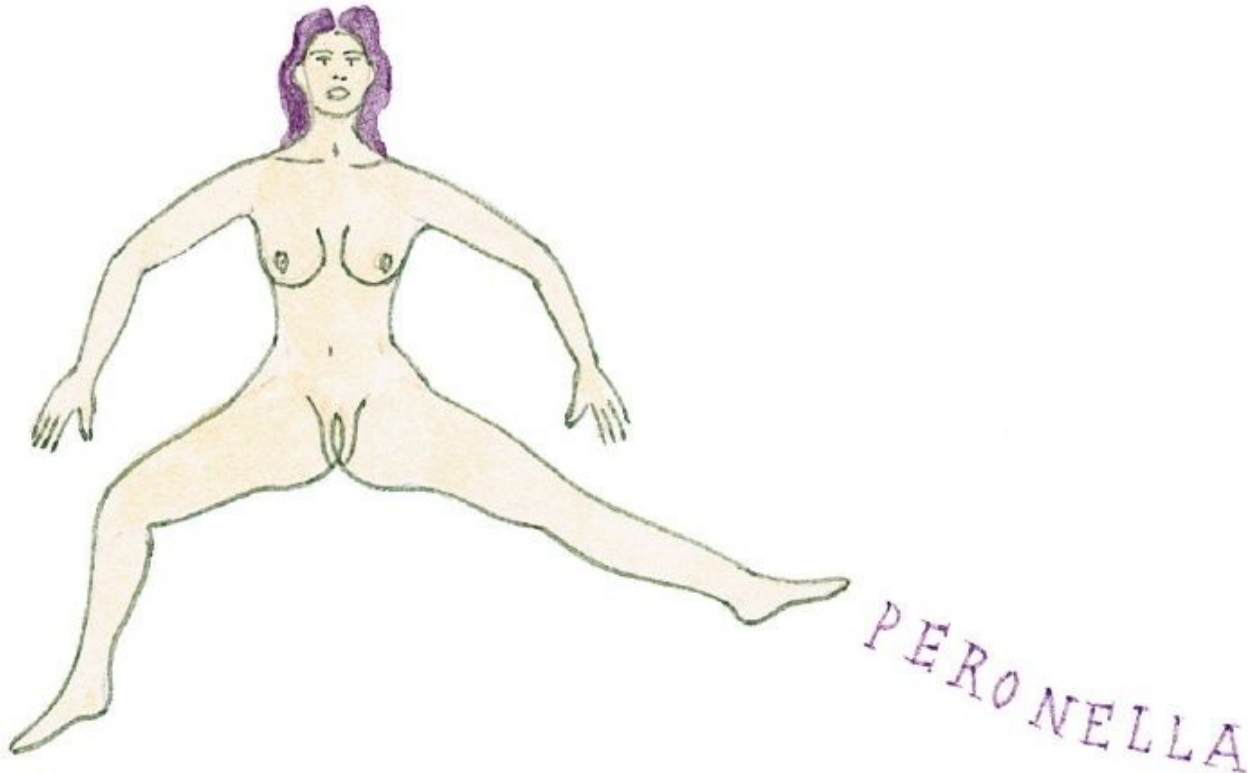


E Peronella falou ao marido: “Já que você está aqui, venha comigo e trate pessoalmente de nossos

negócios”.



Giannello, que estava de orelha em pé para ver se corria risco ou precisaria agir, mal ouviu as palavras de Peronella, saltou imediatamente para fora do tonel; e, como se não tivesse notado o retorno do marido, começou a dizer: “Boa senhora, onde está?”.  Ao que o marido, que já chegava, respondeu: “Aqui estou, em que posso servi-lo?”.

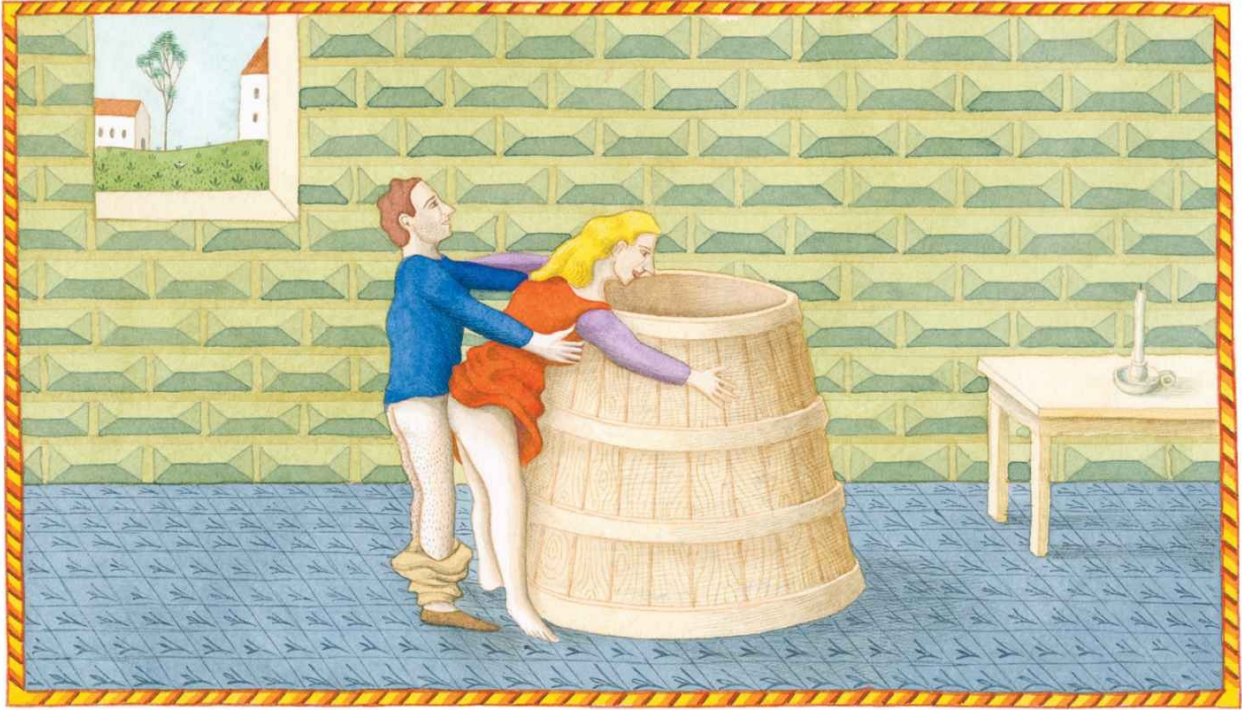


E Giannello: “Quem é você? Quero falar com a mulher com quem tratei deste tonel”.  O bom homem respondeu: “Pode tratar diretamente comigo, que sou o marido”.

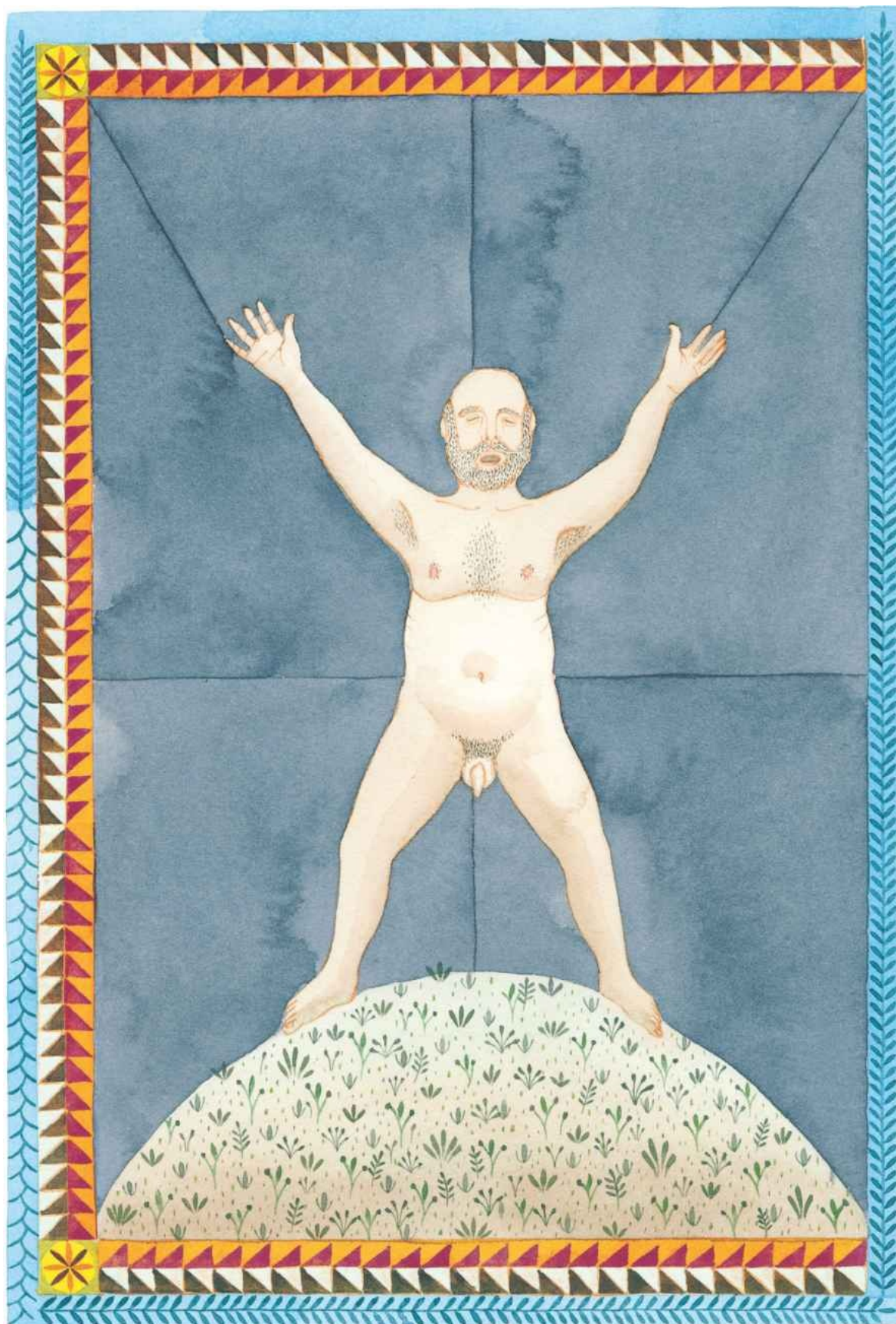
Então Giannello disse: “O tonel me parece bem firme, mas acho que vocês andaram despejando imundícies lá dentro, porque ele está todo encrostado de coisas tão secas que não consegui tirá-las com as unhas, e só vou fechar negócio se ele estiver limpo”.  Então Peronella emendou: “Não seja por isso:

meu marido vai limpá-lo bem”.  Ao que o marido respondeu: “Com certeza”; em seguida, arriou as ferramentas no chão, pôs-se em mangas de camisa, pediu uma lamparina, uma raspadeira, entrou no tonel e iniciou a limpá-lo. Enquanto isso, como se quisesse acompanhar o serviço do marido, Peronella pôs a cabeça na boca do tonel – que não era muito larga – e, além disso, um dos braços e o ombro, e começou a dizer: “Raspe aqui, ali e ali também” e “Veja, aqui ficou uma casquinha”.  Ao ver a mulher instruindo e chamando a atenção do marido, Giannello, que ainda não tinha saciado plenamente seu desejo quando o homem chegou, e vendo que não poderia satisfazê-lo como queria, imaginou um jeito de arranjar-se; assim, achegando-se à mulher, que, naquela posição, cobria toda a boca do tonel, fez como os cavalos que, desenfreados e ardentes de amor, assaltam nas vastas campinas as éguas de Pártia no cio e levou a cabo seu desejo juvenil; por fim, quase ao mesmo tempo que o tonel foi limpo e raspado, ele se desgrudou da mulher e Peronella, tirando a cabeça do tonel, deixou que o marido saísse.  Então ela falou a Giannello: “Tome esta lamparina, bom homem, e veja se agora está de seu agrado”.  Olhando o tonel por dentro, Giannello se mostrou satisfeito e disse que estava bom; em seguida, desembolsou as sete moedas e mandou levá-lo até sua casa.   





[NONA JORNADA | NOVELA 3] FILOSTRATO **NOVELA DE CALANDRINO**

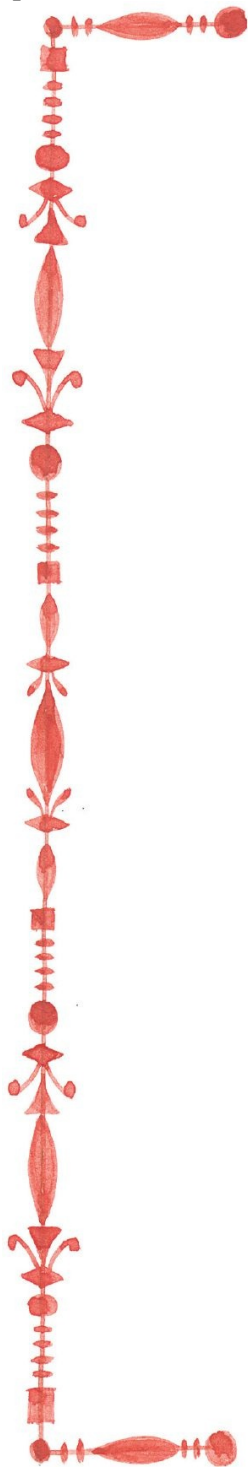


A pedido de Bruno, de Buffalmacco e Nello, mestre Simone convence Calandrino de que ele está grávido. Como remédio, Calandrino distribui capões e dinheiro a todos, curando-se sem dar à luz.



ASSIM QUE ELISSA TERminou sua novela, todos deram graças a Deus por a jovem freira ter felizmente escapado à inveja das companheiras; então a rainha ordenou que Filostrato prosseguisse, o qual, sem aguardar novas ordens, iniciou:  – Minhas graciosas amigas, o estúpido juiz das Marcas, de quem lhes falei ontem, me impediu de entretê-las com uma novela de Calandrino que já estava na ponta da língua; e, como tudo o que diz respeito a ele só pode aumentar nossa alegria, embora já se tenha tratado bastante dessa matéria aqui, vou lhes contar a história que não contei ontem.  Já sabemos de sobra quem foi Calandrino e os demais personagens que aparecerão em minha novela; sendo assim, dispense apresentações e digo apenas que uma tia de Calandrino morreu deixando-lhe duzentas libras em espécie, e ele logo saiu espalhando a notícia de que queria comprar uma terrinha, tratando com quantos corretores havia em Florença como se tivesse dez mil florins de ouro para gastar; mas o negócio sempre ia a pique quando se chegava ao valor do sítio. Bruno e Buffalmacco, que sabiam do assunto, lhe disseram várias vezes que seria melhor gastar aquele dinheiro com os amigos que sair comprando um palmo de terra imprestável, mas de nada adiantaram os conselhos: eles jamais conseguiram convencer Calandrino a lhes pagar um almoço que fosse.  Até que um dia, enquanto se lamentavam disso, apareceu um companheiro deles chamado Nello, pintor; e os três decidiram que achariam um jeito de encher a pança à custa de Calandrino. Sem mais delongas, depois de combinarem entre si o que fariam, já na manhã seguinte, quando Calandrino saiu de casa e deu uns poucos passos, Nello atalhou seu caminho e disse: “Bom dia, Calandrino”.  Ao que Calandrino respondeu que Deus lhe desse um bom dia e um bom ano. Em seguida, com ar

muito detido, Nello começou a olhá-lo no rosto – e Calandrino perguntou: “O que foi?”.



Então Nello disse: “Você passou mal esta noite? Nem parece o mesmo!”.  Imediatamente Calandrino começou a hesitar

e falou: “Oh, como assim? O que você acha que eu tenho?”.

 Nello retrucou: “Ah, não sei bem... você parece tão mudado! Mas não deve ser nada”, e o deixou seguir adiante.

 Todo suspeitoso, mas se sentindo perfeitamente bem, Calandrino prosseguiu seu caminho; no entanto Buffalmacco, que não estava longe dali, ao vê-lo se afastando de Nello foi a seu encontro, cumprimentou-o e lhe perguntou se estava tudo bem. Calandrino respondeu: “Não sei, agora mesmo Nello me falou que eu parecia mudado: será que estou com alguma coisa?”.  E Buffalmacco: “Bem, só se for uma coisinha

à toa: mas você parece meio mortiço”.

Calandrino já começava a sentir calafrios de febre quando Bruno apareceu e foi logo dizendo: “Calandrino, que cara é esta? Parece até um defunto: o que você tem?”.  Ao ouvir

os três falando assim, Calandrino teve a mais pura certeza de que padecia de alguma grave doença e, arrasado, perguntou: “O que é que eu faço?”.  Então Bruno falou: “Acho

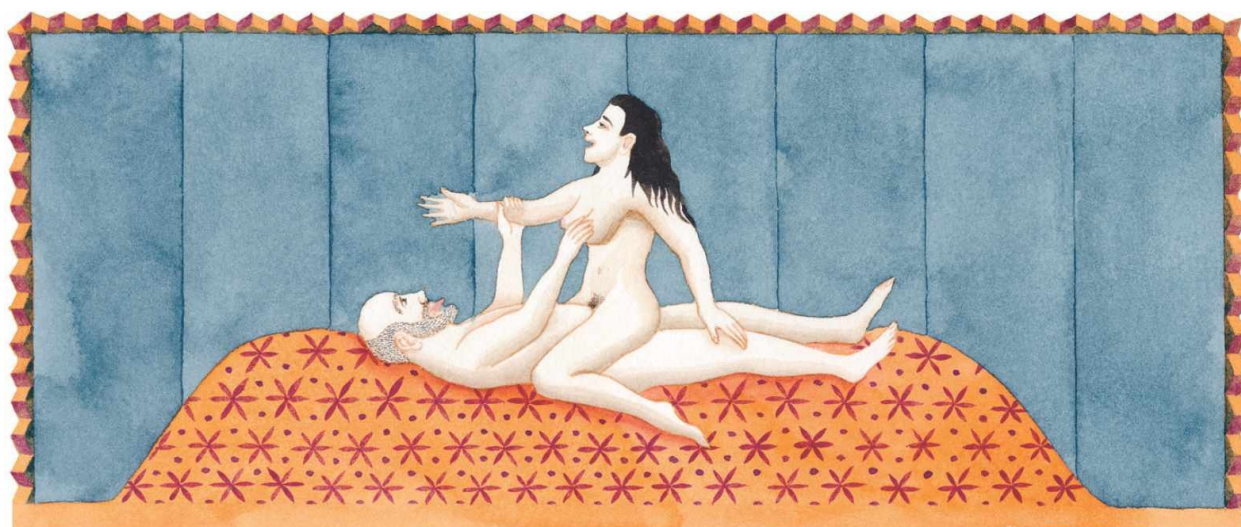
melhor você voltar para casa, ir direto para a cama e se cobrir bem; e mande uma amostra de urina a mestre Simone, que é nosso amigo do peito, como você sabe. Ele dirá imediatamente o que você vai precisar fazer – e a gente está do seu lado, se precisar de alguma coisa, é só chamar”.  Então os três o

acompanharam até sua casa; entrando exausto no quarto, Calandrino disse à mulher: “Venha aqui e me cubra bem, que estou muito mal”.  Depois de estender-se na cama,

mandou uma criadinha levar sua urina ao mestre Simone, que naquele momento estava atendendo na botica em cuja entrada

se via a placa O Melão, no Mercado Velho. Bruno combinou com os companheiros: “Vocês ficam aqui com ele, e eu vou saber o que o médico vai

dizer; se for necessário, volto com o doutor para cá”. 🦋 Calandrino assentiu: “Ah, sim, meu amigo! Vá e descubra como estão as coisas, que eu sinto um não sei quê aqui por dentro”. 🌿 Bruno saiu para ver mestre Simone e, antes que a criada chegasse com a urina, o informou sobre o fato; de modo que, após examinar a urina trazida pela criada, o doutor disse para ela: “Vá e diga a Calandrino que ele se mantenha bem aquecido; estou indo para lá agora mesmo, vou explicar o que ele tem e o que precisa fazer”. 🌸 A criada levou o recado e em pouco tempo apareceram Bruno e o médico; sentando-se ao lado do paciente, o doutor começou a tocar-lhe o pulso e, após alguns instantes, na presença da esposa, anunciou: “Veja bem, Calandrino, falando como amigo, seu único mal é que você está prenhe”.



Quando Calandrino ouviu aquilo, se pôs a lamentar e a gritar dolorosamente: “Ai de mim! Tessa, isso é obra sua, que só queria ficar por cima: eu bem que lhe avisei!”. 🌸 A mulher, que era pessoa muito honesta, enrubescou de vergonha ao ouvir o marido falando assim; e, baixando a cabeça sem dizer palavra, retirou-se do quarto. Prosseguindo em suas lamentações, Calandrino dizia: “Ai, estou desgraçado! Como vou parir esse filho? Por onde ele vai sair? Já estou vendo que vou morrer por causa da fúria dessa mulher, que Deus a desgrace tanto quanto eu quero ser feliz; ah, se eu estivesse são – coisa que não estou –, me levantaria e lhe daria tanta pancada que a arrebentaria toda; mas foi bem feito para mim, eu nunca devia ter deixado que ela viesse por cima. Se eu escapar desta, ela pode morrer de vontade, que eu não deixo!”. 🕷️ Diante das

palavras de Calandrino, Bruno, Buffalmacco e Nello tinham tanta vontade de rir que quase explodiam, mas se controlaram; já mestre Simone gargalhava tanto que os dentes lhe pareciam saltar pela boca. Mesmo assim, Calandrino continuava falando ao médico e implorando que o socorresse naquela hora, até que o mestre lhe disse: “Calandrino, não quero que você se desespere, porque – louvado seja Deus – descobrimos o caso tão cedo que vai ser fácil, e em poucos dias vou livrá-lo disso; mas vai ser preciso gastar um pouco”. 



Respondeu Calandrino: “Oh, meu mestre, sim, pelo amor de Deus! Tenho aqui duzentas liras que eu queria gastar numa terrinha, mas, se for preciso pegar tudo, pode pegar, contanto que eu não tenha de parir, pois não sei como seria: com tudo aquilo que elas têm entre as pernas, as mulheres soltam tais gritos na hora de parir que eu acho que, se sentisse aquela dor, morreria antes de dar à luz”.



* O médico então disse: “Não se preocupe. Você vai mandar preparar uma bebida muito boa, muito agradável ao paladar, que em três dias vai resolver tudo e deixá-lo mais saudável que um touro – mas seja esperto e da próxima vez não faça essas tolices. Agora, para fazer esse caldo, vou precisar de três pares de capões grandes e gordos; quanto ao resto, dê cinco liras a um desses três para que ele me compre umas coisas e leve à botica; e, em nome de Deus, amanhã de manhã lhe mandarei a bebida concentrada, para que você tome

um copo grande por vez”.  Ao ouvir isso, Calandrino declarou: “Meu mestre, estou em suas mãos”; e, após dar a Bruno as cinco liras e o dinheiro para os seis capões, pediu que ele se esforçasse ao máximo para lhe prestar aquele serviço.  O médico se retirou, mandou fazer uma infusão de ervas ao vinho e a enviou a Calandrino. Depois de comprar os capões e os ingredientes necessários ao preparo, Bruno, mestre Simone e os amigos se refestelaram com o banquete. Durante três dias Calandrino tomou a infusão, até que o médico, acompanhado dos amigos, foi visitá-lo; depois de lhe tomar o pulso, disse: “Calandrino, você está totalmente curado, já não precisa ficar em casa, pode sair e tratar de seus negócios”.  Feliz da vida, Calandrino saiu da cama, foi cuidar de suas coisas e elogiou a todos que encontrava pela rua o excelente tratamento que mestre Simone lhe dispensara, livrando-o em três dias da gravidez sem nenhuma dor. Já Bruno, Buffalmacco e Nello se alegraram por terem conseguido burlar a avareza de Calandrino com astúcia, embora Monna Tessa, percebendo tudo, resmungasse muito com o marido.



[DÉCIMA JORNADA | NOVELA 3] FILOSTRATO **NOVELA DE NATAN DO CATAI**



Invejoso da cortesia de Natan, Mitridanes parte em seu encalço a fim de matá-lo, topa com ele e, sem o conhecer, é informado por este de que maneira poderá fazê-lo. Então, tal como havia sido instruído, o encontra em um bosque e, ao reconhecê-lo, muito se envergonha, tornando-se seu amigo.



ODOS ESTAVAM COM a firme impressão de terem ouvido algo semelhante a um milagre, qual seja, que um sacerdote houvesse realizado uma ação magnífica; porém, assim que a confabulação entre as mulheres arrefeceu, o rei ordenou a Filostrato que desse prosseguimento, e este prontamente começou:  – Nobres damas, grande foi a magnificência do rei de Espanha, e provavelmente nunca se ouviu nada comparável ao feito do abade de Cluny; mas talvez não menos maravilhoso lhes parecerá o caso de um homem que, por generosidade, habilmente se dispôs a dar o próprio sangue e a vida a um outro que a cobiçava; e de fato isso teria acontecido caso este persistisse em sua intenção, como agora lhes contarei em minha historinha.  Temse como a mais pura verdade – se é que se pode crer nas palavras de genoveses e outros homens que andaram por aqueles lados – que, nas bandas do Catai, havia um homem de nobre linhagem e fortuna incomparável chamado Natan. Ele residia próximo a uma estrada por onde deviam passar obrigatoriamente todos aqueles que iam do ponente ao levante ou do levante ao ponente e, tendo o espírito largo e liberal, desejoso de ser conhecido por seus feitos, ali reuniu muitos mestres artesãos e em curto espaço de tempo ergueu um dos maiores, mais lindos e mais suntuosos palácios que jamais se viu, guarnecendo-o magnificamente de todas as coisas necessárias a bem receber e honrar homens nobres. E, tendo uma bela e numerosa família, de bom grado e com festas recebia e prestigiava quem quer que passasse por ali; e tanto perseverou nesse louvável costume que não só o levante, mas quase todo o ponente conhecia sua fama.  Quando já estava em idade avançada, sem por

isso cansar-se das cortesias, aconteceu que um dia sua fama chegou aos ouvidos de um jovem chamado Mitridanes, de uma região não muito distante. Achando-se não menos rico que Natan, ele passou a invejar a virtude e a fama do outro, nutrindo o propósito de ofuscá-las ou anulá-las com prodigalidade ainda maior. E, após mandar construir um palácio semelhante ao de Natan, começou a fazer as mais exorbitantes cortesias que ninguém jamais fez aos que iam e vinham por ali, tanto que em pouco tempo se tornou bastante famoso.



Até que um dia, estando o jovem sozinho no pátio de seu palácio, uma mulher miudinha entrou por uma de suas portas, lhe pediu uma esmola e a recebeu; então voltou pela segunda porta, foi até ele e mais uma vez obteve o que queria – e assim sucessivamente até a duodécima vez. Quando voltou pela décima terceira, Mitridanes disse: “Boa mulher, você é mesmo perseverante em seus pedidos”, e não obstante lhe deu a esmola.  Assim que escutou aquelas palavras, a velhinha disse: “Oh, como a generosidade de Natan é maravilhosa! Pelas trinta e duas portas que há em seu palácio – assim como neste – entrei e lhe pedi esmola sem jamais ter sido aparentemente reconhecida, e sempre a obtive; aqui, já na décima terceira vez em que vim, fui reconhecida e recriminada”, e, assim dizendo, foi-se embora e não voltou nunca mais.  Ao ouvir as palavras da velha, Mitridanes viuse tremendamente diminuído diante da fama de Natan e, tomado de ira incontrolável, começou a dizer: “Ah, eu sou um infeliz! Quando alcançarei a generosidade dos grandes feitos de Natan se não consigo, não digo superá-lo, mas sequer igualá-lo nas coisas mais ínfimas? Realmente de nada valerão meus esforços se eu não o banir deste mundo; e, como a velhice não o leva embora, convém que eu o faça com minhas próprias mãos”.  Então, sem revelar seu propósito a ninguém, ergueu-se impetuoso, montou no cavalo e, acompanhado de uns poucos, em três dias chegou ao local onde Natan morava. Ali instruiu seus companheiros a fingirem que não estavam com ele e não o conheciam, dizendo que buscassem alojamento até receberem novas instruções; depois, ao cair da noite, já sozinho e caminhando não muito longe do belo palácio, encontrou Natan a passear solitário, trajando vestes simples, e a ele indagou, sem o conhecer, se sabia dizer onde Natan se encontrava.

Ao que Natan respondeu sorrindo: “Meu filho, não há nesta região quem saiba melhor que eu indicar o caminho até ele; por isso, quando quiser, posso conduzi-

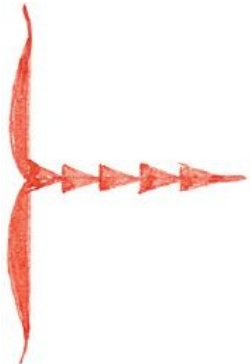
lo até lá”.  O jovem disse que ficaria muito agradecido, mas, se possível, não gostaria de ser visto nem reconhecido por Natan; ao que Natan respondeu: “E assim o farei, já que esta é sua vontade”.  Então Mitridanes apeou e seguiu até o rico palácio acompanhado de Natan, que imediatamente o cativou com agradabilíssimas conversas. Ali Natan fez um de seus criados tomar o cavalo do jovem e, aproximando-se de seu ouvido, ordenou-lhe prestamente que ele e todos os que moravam em sua casa agissem diante do jovem como se não conhecessem Natan, e assim foi feito. Depois de entrar no palácio, acomodou Mitridanes num maravilhoso aposento, onde ninguém o podia ver, salvo os que faziam parte de seu serviço pessoal; e, ordenando que dispensassem ao hóspede as maiores gentilezas, ele mesmo lhe fez companhia.  Após estarem ali certo tempo, embora Mitridanes o reverenciasse como a um pai, quis saber quem ele era. Ao que Natan respondeu: “Sou um humilde servidor de Natan, ao lado de quem envelheci desde a infância, mas ele nunca me tirou desta condição; de modo que, se muitos homens o veneram, eu tenho poucos motivos para louvá-lo”.  Tais palavras deram a Mitridanes a esperança de poder contar com maior prudência e conselho a fim de levar a cabo seu cruel propósito. Então Natan perguntou com grande cortesia quem ele era e o que o trazia àquelas bandas, oferecendo-se a aconselhá-lo e ajudá-lo no que fosse necessário. Mitridanes demorou um bom tanto a responder; por fim, decidido a confiar nele, com um longo circunlóquio lhe pediu a palavra de honra e depois disse que precisava de sua ajuda e conselho, revelando abertamente quem era, e por que estava ali, e com quais intenções.  Ao ouvir aquelas palavras e conhecer o feroz propósito de Mitridanes, Natan ficou bastante abalado, mas, sem dar muito a perceber, com ânimo forte e rosto firme lhe respondeu: “Mitridanes, seu pai foi um homem nobre, e certamente você não pretende degenerar sua estirpe, já que tem realizado obras tão elevadas, tratando a todos com liberalidade; e muito aprecio a inveja que você demonstra da virtude de Natan, pois, se tal sentimento se disseminasse, o mundo, que é misérrimo, rapidamente se tornaria bom. Decerto mantereí segredo quanto às suas intenções, para as quais não posso ser de grande ajuda, mas darei um útil conselho, que é o seguinte: daqui você pode



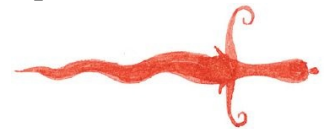
avistar, a uma meia milha de distância, um pequeno bosque aonde Natan quase todas as manhãs vai passear solitário por um longo período; ali você poderá encontrá-lo facilmente e fazer dele o que bem quiser. E, se acaso o matar, o melhor caminho de volta para casa não é a estrada que você tomou ao vir, mas aquela ali à esquerda, saindo do bosque, que, embora um pouco mais selvagem, é mais curta até sua casa e mais segura para você”.  Após receber a informação e se despedir de Natan, Mitridanes informou cautelosamente a seus homens – que também estavam hospedados no palácio – onde deveriam esperá-lo no dia seguinte. Entretanto, quando o novo dia raiou, Natan manteve seu costume e, sem se desviar do conselho dado a Mitridanes, partiu sozinho para o bosque onde deveria ser morto.  Ao despertar, Mitridanes pegou o arco e a espada – suas únicas armas –, montou no cavalo, rumou para o bosque e de longe avistou Natan a passear solitário; e, decidido a vê-lo e a ouvi-lo falar antes de atacá-lo, correu em direção a ele, agarrou-o pela faixa que pendia do turbante e disse: “Velho, prepare-se para morrer!”.



Àquelas palavras Natan apenas respondeu: “Então é porque o mereci”.



Ao escutar sua voz e ver seu rosto, Mitridanes reconheceu de pronto que aquele era o mesmo homem que benevolmente o acolhera, familiarmente o acompanhara e fielmente o aconselhara; então, naquele instante, sua fúria desmoronou e a ira se converteu em vergonha, de modo que, lançando fora a espada que já empunhava para feri-lo, desmontou do cavalo, correu aos pés de Natan e lhe disse chorando: “Caríssimo pai,



manifestamente reconheço sua generosidade e admiro com quanta sabedoria o senhor veio até aqui para oferecer-me sua vida, da qual, sem nenhum motivo, me mostrei cobiçoso a seus próprios olhos; mas Deus, mais zeloso de meus deveres que eu mesmo, no momento de maior necessidade me abriu os olhos do entendimento, os quais miserável inveja havia cerrado. Por isso, assim como o senhor fez tudo para contentar-me, tanto mais me considero em débito com a penitência de meu erro; portanto me imponha a punição que julgar conveniente a meu pecado”.  Natan fez que Mitridanes ficasse de pé e ternamente o abraçou e beijou, falando em seguida: “Meu filho, a seu desígnio – quer queira chamá-lo de cruel ou de outro modo – não carece pedir nem conceder perdão, pois não foi por ódio que você o perseguiu, mas para poder ser reputado melhor. Sendo assim, conte comigo na vida e tenha por certo que não existe outro homem que o ame tanto quanto eu, que admiro sua nobreza de espírito, votado não a acumular dinheiro, como fazem os mesquinhos, mas a despende o que se acumulou. Não se envergonhe por ter desejado matar-me a fim de tornar-se famoso, nem creia que eu esteja surpreso com isso. Os sumos imperadores e os maiores reis quase não têm outra arte senão matar, e não um homem, como você pretendia, mas infinitos, e incendiar países e arrasar cidades, ampliando seus reinos e por consequência sua fama; portanto, se você só queria matar-me para aumentar sua fama, não estava fazendo nada espantoso ou novo, mas algo bastante comum”.



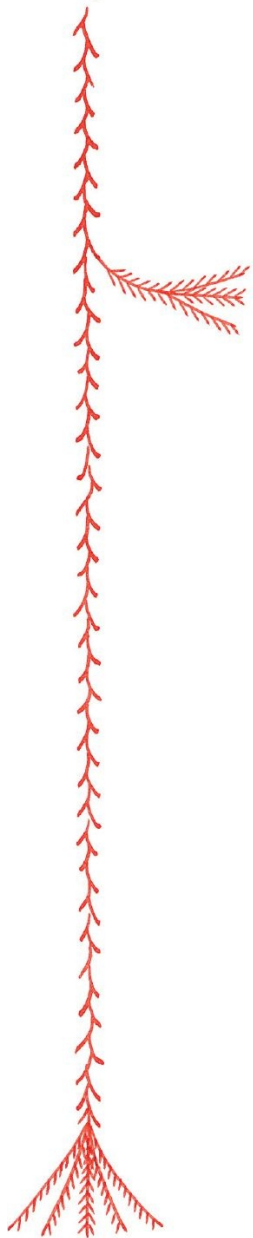


Sem desculpar seu desejo cruel, mas louvando a honesta desculpa que Natan encontrou para ele, Mitridanes por fim se disse sobremodo espantado em como Natan pudera agir assim e ainda aconselhá-lo; ao que Natan respondeu: “Mitridanes, não quero que se espante com meu gesto e meu conselho, porque, tal como fui senhor de meu arbítrio e dispus-me a fazer o que você planejara, nunca houve quem viesse a minha casa e eu não contentasse como pudesse suas vontades. Você chegou ávido por minha vida, de modo que, quando eu soube de seu desejo, para que não fosse o único a partir daqui sem ser atendido, prontamente me decidi a cedê-la e, a fim de que a pudesse tomar, dei-lhe o conselho que me pareceu mais adequado para que a liquidasse sem perder a sua; por isso mais uma vez lhe digo e peço que, se esta for sua vontade, pode tomá-la a seu bel-prazer: quanto a mim, não saberia como gastá-la de melhor maneira. Já a desfrutei por oitenta anos, empregando-a em minhas alegrias e em meus consolos; e sei que, seguindo o curso da natureza, como sucede aos homens e geralmente a todas as coisas, ela me será concedida apenas por um breve tempo; de modo que julgo bem mais proveitoso doá-la, como sempre doe e gastei meus tesouros, que pretender conservá-la a tal ponto que ela me seja arrebatada pela natureza. Ínfima coisa é doar cem anos: sendo assim, quão pouco seria doar os seis ou oito anos que ainda me restam de vida? Portanto, se ela lhe apraz, tome-a, por favor; porque, enquanto vivi, jamais encontrei quem a desejasse, nem sei quando poderei encontrar quem a queira, caso você não se decida a levá-la. E, se acaso me coubesse encontrar alguém que a quisesse, bem sei que, quanto mais

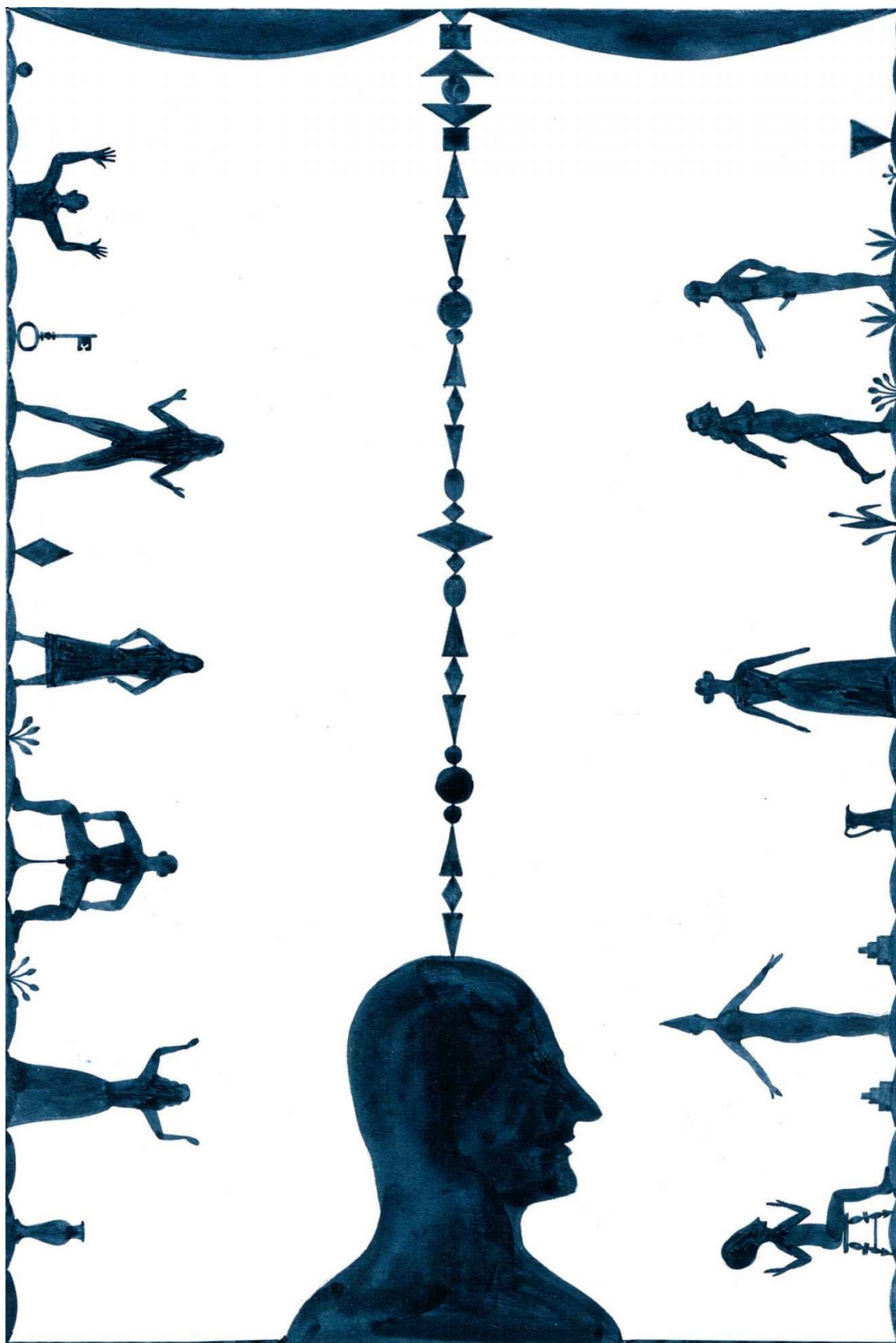
eu a conservasse, menor valor ela teria; então, antes que minha vida se torne ainda mais imprestável, tome-a, por favor”.  Terrivelmente envergonhado, Mitridanes disse: “Não permita Deus que eu tome nem sequer deseje, como o fiz até há pouco, algo tão precioso quanto sua vida – à qual, longe de querer subtrair seus anos, eu acrescentaria de bom grado os meus”.  Ao que Natan prontamente respondeu:



“Se você pudesse, os daria para mim? E me obrigaria a fazer contigo o que jamais fiz com ninguém, tomando o que é seu quando nunca tomei nada alheio?”. ❀❀❀ “Sim”, disse imediatamente Mitridanes. ❀❀❀ “Então”, disse Natan, “você fará o que lhe direi. Você vai ficar aqui em minha casa, jovem assim como é, e adotará o nome de Natan, ao passo que eu irei para a sua e até o fim me farei chamar Mitridanes.” ❀❀❀ Ao que Mitridanes respondeu: “Se eu soubesse agir tão bem quanto o senhor sempre soube e sabe, aceitaria o que me oferece sem muito hesitar; porém, como me parece certo que minhas ações em muito diminuiriam a fama de Natan, e não pretendo arruinar em lugar de outro o que não sei operar, não posso aceitar sua proposta”.



Ambos trocavam estas e outras palavras corteses quando Natan desejou retornar, e os dois rumaram para o palácio, onde por vários dias Natan magnificamente homenageou Mitridanes, confortando com todo engenho e sabedoria seus elevados propósitos. E, desejando Mitridanes voltar para casa com seus companheiros, depois de Natan demonstrar sobejamente que em matéria de generosidade ele jamais poderia superá-lo, deixou-o partir. 



MAURÍCIO SANTANA DIAS nasceu em Salvador, em 1968. Concluiu mestrado em Teoria Literária na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e passou a dar aulas de Literatura Portuguesa na Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ). Em 1998, mudou-se para São Paulo, onde concluiu doutorado em Teoria Literária na Universidade de São Paulo (USP). Foi também pesquisador visitante na Georgetown University, em Washington, e correspondente em Buenos Aires do jornal *Folha de S. Paulo*. Em 2003, ingressou como professor de Literatura Italiana na USP e, mais tarde, em 2009, concluiu um pós-doutorado em Italianística na Università degli Studi di Roma La Sapienza. Pela Cosac Naify, escreveu a apresentação de *Diálogos com Leucó* (2001), de Cesare Pavese, e traduziu os títulos *Um, nenhum, cem mil* (2001), de Luigi Pirandello, *Da poesia à prosa* (2007), de Alfonso Berardinelli, *Sardenha como uma infância* (2011), de Elio Vittorini, e *Trabalhar cansa* (2009), de Cesare Pavese. Por esse último, recebeu o Prêmio Jabuti (3.^o lugar) na categoria tradução em 2010.



ALEX CERVENY nasceu em São Paulo, em 1963. Na década de 1980, estudou pintura e desenho com Valdir Sarubbi e gravura em metal com Selma Daffré. Como artista, realizou muitas exposições pelo mundo: mostras individuais na Alemanha, França, Holanda e Estados Unidos, mostras coletivas em São Paulo, Rio de Janeiro, Belo Horizonte e Curitiba e participações em Bienais, como a XXI Bienal de Arte de São Paulo, em 1991. Como ilustrador, expôs seus trabalhos na mostra *Desenhos de Ilustração*, na Estação Pinacoteca, em 2005. Suas obras estão espalhadas por vários acervos, entre eles o do Museu de Arte Moderna de São Paulo (MAM-SP) e o do Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro (MAM-RJ). Alex é ainda colaborador do jornal *Folha de S. Paulo*. Pela Cosac Naify, ilustrou os livros *Pindorama* (2003), de Sandra Peres e Luiz Tatit, na coleção Siricutico, e *As aventuras de Pinóquio* (2012), de Carlo Collodi.



© Cosac Naify, 2013

© Maurício Santana Dias, 2013

© Alex Cervený, 2013

Imagens das [pp. 12, 19, 21](#) © Bibliothèque Nationale de France;
[pp. 26-29](#) © BPK / Staatsbibliothek zu Berlin

COORDENAÇÃO EDITORIAL Marta Garcia

PROJETO GRÁFICO Elaine Ramos e Tereza Bettinardi

PREPARAÇÃO Maria Luiza de Moraes Barbara

REVISÃO Cacilda Guerra

TRATAMENTO DE IMAGEM Wagner Fernandes

PRODUÇÃO GRÁFICA Aline Valli

1.^a reimpressão, 2014

*Nesta edição, respeitou-se o novo
Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.*

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Boccaccio, Giovanni [1313-1375]

Decameron: 10 novelas selecionadas: Giovanni Boccaccio

Título original: *Decameron*

Ilustrações: Alex Cervený

Seleção, tradução, introdução e notas: Maurício Santana Dias

São Paulo: Cosac Naify, 2013

128 pp, 366 ils.

ISBN 978-85-405-0448-6

1. Ficção italiana I. Dias, Maurício Santana. II. Título

13-03673

CDD 853

Índices para catálogo sistemático:

COSAC NAIFY

rua General Jardim, 770, 2^o andar

01223-010 São Paulo SP

cosacnaify.com.br [11] 3218 1444

atendimento ao professor [11] 3823 6560

professor@cosacnaify.com.br



Esta edição é uma homenagem aos 700 anos de Giovanni Boccaccio. As ilustrações foram elaboradas ao longo de doze semanas, entre abril e junho de 2013, em aquarela sobre papel Arches 300 g/m² na escala 2 : 1 e os ornamentos, desenhados de improviso diretamente sobre as provas de revisão. As fontes utilizadas no texto são a Vendetta e a Fakt. A tiragem foi impressa nos papéis White Royal 120 g/m² e Yu Long Pure 150 g/m² pela OGI, na China, em março de 2014.